

Andréa Luciane Buch Bohrer

**TRADUÇÃO COMENTADA DE
UMA SELEÇÃO DE CARTAS DE EDWARD LEAR:
OUTRO OLHAR SOBRE O AUTOR DO LIVRO DE
NONSENSE**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução da
Universidade de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de
mestre em Estudos da Tradução
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dirce
Waltrick do Amarante

**FLORIANÓPOLIS
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

Bohrer, Andréa Luciane Buch

Tradução comentada de uma seleção de cartas de
Edward Lear : outro olhar sobre o autor do Livro de Nonsense/
Andréa Luciane Buch Bohrer ; orientadora, Dirce Waltrick
do Amarante – Florianópolis, SC, 2015.
222 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de
Pós Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução comentada. 3. Edward
Lear. 4. Tradução de cartas. 5. Nonsense. I. Amarante,
Dirce Waltrick do. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução.
III. Título.

Andréa Luciane Buch Bohrer

**TRADUÇÃO COMENTADA DE UMA SELEÇÃO DE
CARTAS DE EDWARD LEAR: OUTRO OLHAR SOBRE O
AUTOR DO LIVRO DE NONSENSE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 18 de Junho de 2015.

Prof.^a Dr.^a Andreia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Dirce Waltrick do Amarante
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Andréia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Berthold Zilly
(Freie Universität Berlin)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Myriam Ávila
Universidade Federal de Minas Gerais

Para Marina e Ernesto –
Minha filha e meu esposo, razões da minha persistência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, essência de todas as coisas.

À minha filha Marina e ao meu esposo Ernesto, por tudo. Obrigada por entenderem minha ausência nos últimos meses.

A meu pai (in memoriam), minha eterna fonte de inspiração. À minha mãe, pela lição de vida que é para mim.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos (em especial, ao Olavo) e sobrinha, que de longe me incentivaram e têm orgulho da irmã e tia que deixou tudo para trás para recomeçar mais uma vez.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, em especial à equipe da Secretaria, que sempre foram solícitos e atenderam meus pedidos gentilmente.

Aos professores membros da banca por aceitarem o convite, pela leitura atenciosa e colaboração nesse estudo.

Ao Prof. Dr. Marcelo Bueno de Paula, principal incentivador do meu ingresso na PGET e um amigo muito querido.

E por fim, meu agradecimento muito especial à minha orientadora, Prof.^a Dra. Dirce Waltrick do Amarante, que enxergou em mim um potencial que eu mesma desconhecia. Obrigada por me oferecer a chance de trabalhar com uma das personalidades mais interessantes que já vi na vida: Edward Lear. Sou infinitamente grata pela motivação, pela paciência durante as orientações, pelo encorajamento e ensinamentos. Muito obrigada por esses dois anos de trabalho harmonioso e pela amizade construída. (Havia uma senhora do Amarante, com seu jeito empolgante...)

How pleasant to know Mr. Lear,
Who has written such volumes of stuff.
Some think him ill-tempered and queer,
But a few find him pleasant enough.

Edward Lear

RESUMO

Edward Lear (1812 – 1888), poeta, pintor, desenhista, escritor, é considerado um dos precursores da literatura nonsense. Entretanto, poucos conhecem suas cartas editadas por Lady Strachey (1907) e nunca traduzidas para o português. O objetivo desta dissertação é apresentar a tradução comentada de uma seleção dessas cartas. O trabalho conta com uma análise da biografia e da obra do autor, acompanhada de uma seleção de cartas traduzidas, comentadas e anotadas, levando em conta os aspectos históricos, literários, estilísticos e temáticos. O trabalho parte de um estudo sobre o percurso do autor no nonsense e seus limeriques. Traz também uma breve contextualização histórica do Período Vitoriano vivenciado pelo autor a fim de elucidar ao leitor aspectos pertinente à compreensão do texto. Nas cartas é possível contemplar a visão de um típico cidadão inglês do século XIX, seus medos, seus ideais, seu posicionamento político e religioso, seus neologismos, seu humor inteligente e o nonsense perspicaz que aparece entre uma palavra ou outra utilizada nas correspondências. Além disso, é possível contemplar as descrições físicas que fazia dos lugares que visitava e o olhar do desenhista e pintor que via em cada paisagem uma possibilidade de um novo trabalho. Vinculada à linha da “Teoria, crítica e história da tradução” e com base na perspectiva ética, formulada por Berman e outros estudiosos, discute os problemas enfrentados e as soluções encontradas no processo tradutório, a partir de elementos textuais importantes na tradução.

Palavras-chave: Edward Lear. Cartas. Tradução. Nonsense.

ABSTRACT

Edward Lear (1812 - 1888), poet, painter, draughtsman, writer, he is considered one of the nonsense literature precursors. However, few know his letters edited by Lady Strachey (STRACHEY, 1907) and never translated into Portuguese. The purpose of this paper is to present the commented translation of a selection of these letters. The work includes an analysis of the biography and work of the author, accompanied by a selection of translated letters, commented and annotated, taking into account the historical, literary, stylistic and thematic aspects. The working begins in a study of the author's journey through the nonsense and his limericks. It also brings a brief historical background of the Victorian period experienced by the author in order to elucidate the reader relevant aspects to understanding the text. In the letters can contemplate the view of a typical Englishman of the nineteenth century, his fears, his ideals, his political position and religious, his neologisms, his intelligent humor and perspicacious nonsense that appears between a word or another used in them. Moreover, it is possible to contemplate the physical descriptions of the places he visited and the draughtsman and painter's view that saw in every landscape a possibility of a new job. Linked to line "Theory, criticism and history of translation" and based on ethical perspective, formulated by Berman and other scholars, discusses the problems faced and solutions found in the translation process, from important textual elements in translation.

Key words: Edward Lear. Letters. Translation. Nonsense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Última fotografia de Lear 1887.....	24
Figura 2 – The Red and Yellow Macaw.....	36
Figura 3 – Lago Fucino desenhado por Lear.....	38
Figura 4 – Lear e Fortescue na Irlanda.....	41
Figura 5 – O livro de Nonsense 1861.....	43
Figura 6 – O Monastério de Stravroniketes.....	44
Figura 7 – Ilustrações da Royal Academy.....	46
Figura 8 – Ilustrações da Royal Academy.....	46
Figura 9 – Lear e Foss.....	51
Figura 10 – Letters of Edward Lear.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 EDWARD LEAR: UM ESCRITOR VITORIANO.....	25
1.1 PERÍODO VITORIANO.....	26
1.1.1 Produção literária no Período Vitoriano.....	29
1.2 EDWARD LEAR: QUE PRAZER CONHECÊ-LO.....	33
1.2.1 O pintor de pássaros.....	35
1.2.2 Um viajante inglês	37
1.2.3 Um livro de nonsense.....	42
1.3 EDWARD LEAR E O NONSENSE.....	53
1.3.1 Os limeriques	65
2 EPISTOLOGRAFIA.....	71
2.1 AS CARTAS AO LONGO DA HISTÓRIA.....	73
2.2 LEAR E SUA CORRESPONDÊNCIA.....	74
2.2.1 O mapeamento das cartas.....	76
3 AS CARTAS TRADUZIDAS	89
4 TRADUÇÃO COMENTADA	185
4.1 ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO.....	188
4.2 COMENTÁRIOS E REFLEXÕES.....	193
CONCLUSÃO.....	205
REFERÊNCIAS.....	209
ANEXO I – How pleasant to know Mr. Lear.....	215
ANEXO II – Seu Lear, conhecê-lo é um prazer.....	217
ANEXO III– To Edward Lear, on his travels in Greece.....	219
ANEXO IV – Sra. Ruxton.....	220
ANEXO V – Carta manuscrita de Lear.....	221

INTRODUÇÃO

As cartas que Edward Lear escreveu durante sua vida revelam a visão de um típico cidadão inglês do século XIX, imbuído de características que evidenciam a forte influência que o poderio britânico exercia nas pessoas da época. A opinião marcante e o olhar crítico que tinha sobre questões políticas, sociais e religiosas, incluindo valores éticos e morais, também se somam às cartas, assim como o humor leariano e a possibilidade de ir desvelando esse escritor, poeta, desenhista, pintor, e precursor da literatura nonsense. Viajante incansável percorreu vários lugares: Roma, Grécia, Palestina, Ilha de Malta, Ilha de Córsega, Egito, Índia, entre tantos outros. Viajou tantas vezes à Itália, lugar que apreciava muito, que acabou vivendo lá por vários anos. Isso não significa que não gostasse da Inglaterra, ou mais precisamente de Londres, sua cidade natal, porém o clima frio e os invernos prolongados e sombrios faziam muito mal à sua saúde, bastante debilitada desde criança. Sofria de ataques epiléticos, os quais ele chamava de ‘demônios’ e crises depressivas, apelidadas por ‘mórbidas’, o que não combinava com seu senso de humor tão perspicaz, capaz de divertir inúmeras crianças e adultos com o encanto e graça dos seus limeriques e canções.

Lear nasceu em 1812 e morreu em 1888, Período Vitoriano na Inglaterra (1837-1901) que vivia grande momento histórico com o surgimento de uma época de inovações. Em todos os setores do desenvolvimento industrial, reinava o desejo do novo, de substituir o antigo pelo industrializado. Foi o auge da Revolução Industrial e do Império Britânico. A ferramenta deu lugar à máquina e foi o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica que vinha se processando na Europa desde a Baixa Idade Média, principalmente nos países como Inglaterra, Escócia e Países Baixos, onde a Reforma Protestante tinha conseguido destronar a influência da Igreja Católica. Foi também o triunfo da burguesia. A maneira de viver, de pensar e de se comportar enfrentava novos olhares. Entretanto, se por um lado as pessoas buscavam novas vertentes e viviam em franco desenvolvimento político-econômico, por outro, a modernização e a rapidez das mudanças provocavam medo e

incertezas. De acordo com Seaman (1995), os estudos sobre essa era estão concentrados em grupos distintos de percepção dos acontecimentos, a maioria bastante contrária à ideia de período próspero e de grandes conquistas, revelando sérios problemas causados pelo sistema industrial e pela inadequação da saúde pública, abrangendo também questões de saneamento básico. Entretanto, aparecia uma nova concepção literária. Nascia uma vontade de quebrar regras. O pensamento evoluía e trazia consigo aspectos que foram refletindo mudanças no comportamento das pessoas. Foi nesse período que surgiu a literatura nonsense. Vem marcado com a publicação de *Um Livro de Nonsense*, em 1846, por Edward Lear e, um pouco depois, com Lewis Carroll e a publicação de seus livros *Alice no país das Maravilhas* em 1865 e *Alice através do espelho* em 1871.

Lear foi o vigésimo filho, entre vinte e um, de Jeremiah Lear e Ann Skerret. Viu seu pai perder o emprego de corretor de imóveis e enfrentar dificuldades de regresso ao mercado de trabalho, por isso, desde muito jovem teve de pensar em seu próprio sustento. Foi criado pela irmã mais velha, Ann, por quem tinha grande admiração e gratidão. Contudo, o conflito de lidar com a suposta rejeição que sofrera dos pais, se une aos demais medos e aflições, causados pela doença, com os quais tivera que aprender a conviver. Dedicou-se primeiramente aos desenhos, que lhe proporcionaram algum tipo de renda. A publicação de *Um livro de Nonsense* foi ponto culminante na sua trajetória de escritor. Na sua obra, podemos destacar seus limeriques, canções, poemas, pinturas e, especialmente no caso desta pesquisa, suas cartas, escritas, a maioria delas, para seu melhor amigo Chichester Fortescue, posteriormente Lorde Calingford. Grande parte de suas cartas foram editadas por Constance Braham Strachey, conhecida por Lady Strachey, em duas publicações, 1907 e 1911. Vivien Noakes, a maior estudiosa da biografia de Lear até o presente momento, também publicou um livro com uma seleção de suas cartas em 1990.

Vinculada à linha da “Teoria, crítica e história da tradução”, a presente pesquisa tem por objetivo traduzir ao português uma seleção dessas cartas escritas em inglês. O fato das cartas de Edward Lear ainda não estarem traduzidas para o português e a sua importância para se conhecer mais acerca do

pensamento desse escritor inglês vitoriano justificam a escolha do tema para a presente dissertação. Para Strachey (1907), o público conhece Lear através de seus livros de nonsense e de seus desenhos. Entretanto, poucos conhecem a personalidade do autor no viés de suas cartas. Berman (2013) muito contribuiu com pressupostos ao processo tradutório das cartas, levando em consideração, especialmente, seus conceitos de projeto de tradução e posição tradutória. Quando falamos em sistematicidade, é relevante considerarmos que sistema não é método ou prescrição. Sistema implica em ver o todo da obra, no qual o tradutor tem que se colocar em análise e enfrentamento. Berman distingue a tradução ética, que respeita a letra do texto; a poética, que é criativa e considera a materialidade da palavra; e a pensante, que reflete sobre o texto como letra. Outra contribuição importante de sua autoria para esta pesquisa foram os estudos sobre a cultura e a tradução na Alemanha romântica através de uma reflexão que ele faz de tradutores como Schleiermacher, Hölderlin, Novalis e Schlegel, concedendo à tradução, uma vez que respeitada a forma do texto de partida, um papel importante na formação e no desenvolvimento da língua e cultura de um povo.

O verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna, que caminhos ele pode tomar? A meu ver, só existem dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele. Ambos são tão diferentes um do outro que um deles tem de ser seguido tão rigidamente quanto possível do início ao fim (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 43).

Lear também se arriscou nos caminhos da tradução, traduzindo do inglês ao grego e vice-versa. Em uma das cartas ao

amigo Fortescue, revela sua preocupação ao traduzir para o grego um poema de Alfred Tennyson, chamado 'Will' e extraído do livro *Maud and Other Poems*.

É desnecessário observar que eu não tentei traduzir o original em verso (que está no final do volume de 'Maud'), que se eu tivesse feito, teria sido pior. Além disso, o primeiro verso foi corrigido pelo Senhor. C. Sargent e o segundo ainda está em sua virgindade absurda¹ (STRACHEY, 1907, p. 237).

“Uma música composta para um instrumento não é executada com sucesso num instrumento de outro gênero” (STAËL apud BERMAN, 2013, p. 58). Essas questões também inquietavam Lear, assim como nos inquietam até os dias atuais.

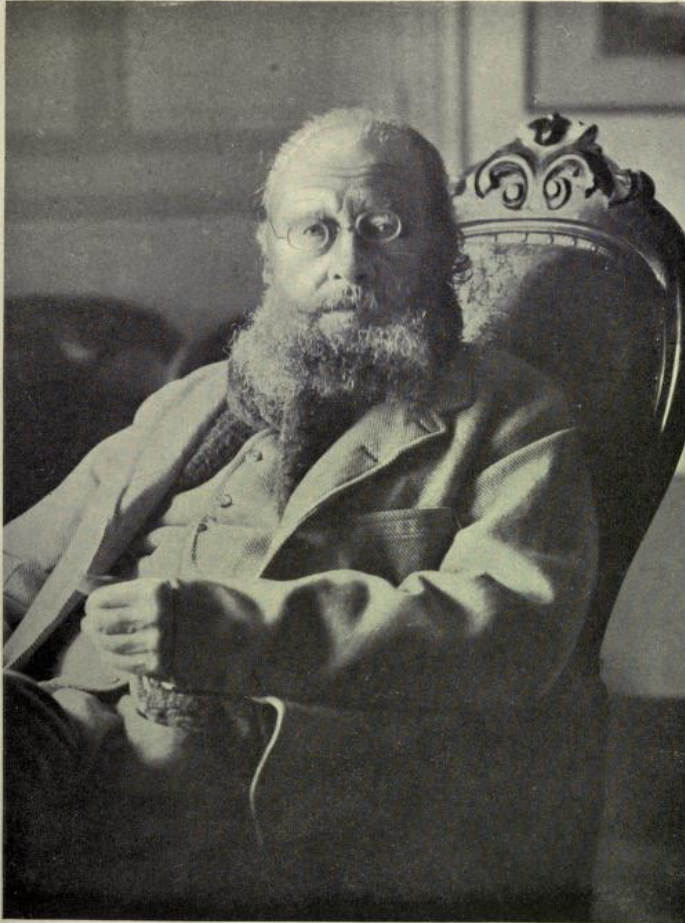
No capítulo 1, informações biográficas do autor serão abordadas, assim como alguns aspectos históricos importantes da Inglaterra Vitoriana a fim de descrever fatores importantes sobre a época vivida por Lear. Também tratamos do nonsense por considera-lo parte fundamental na vida e obra do autor. Nas cartas, além dos neologismos criados por ele, há em muitas delas, a presença de palavras nonsense, que retemperam o texto. O gênero nonsense brinca com as palavras, joga com elas. Tigges (1988) aponta as tentativas de defini-lo, embora considere que isso ainda não tenha sido feito apropriadamente. Tratamos também sobre o Lear desenhista e pintor e ainda nesse capítulo, trazemos alguns limeriques e trechos de suas canções, entre elas *The Owl and The Pussycat*, considerada a canção preferida entre as crianças inglesas. Há dois trechos dos seus diários, que pelo motivo de facilitar o cotejo do leitor, foram colocados em colunas lado a lado, uma delas contemplando a versão em inglês e a outra traduzida ao português. O capítulo 2 trata resumidamente da

¹It is needless to observe that I have not attempted to render the original (it is at the end of the volume of "Maud") in verse, which if I had done, it would have been worse. Also, the first verse has been corrected by Sir C. Sargent: the second is still in its virgin absurdity.

epistolografia de Lear. O livro de Strachey é mapeado e apresentado ao leitor delimitando lugares, datas, remetente e destinatário. O capítulo 3 contempla as cartas traduzidas ao português. Foram 15 cartas, sendo que 14 delas, de um total de 127, são do primeiro livro de Strachey publicado em 1907 e somente uma foi extraída do seu segundo livro publicado em 1911. Também foram traduzidas em colunas – inglês / português. Lady Strachey seleciona cartas escritas entre 1847 e 1864 no primeiro livro, foco principal de estudo aqui. Na edição de 1911, as cartas são de 1864 a 1887. A última carta do livro é de 10 de novembro de 1887. Lear morreu em 29 de janeiro de 1888. Como o segundo livro não é o objeto principal de estudo proposto neste momento, não o mapeamos como aconteceu com o primeiro, deixando-o, possivelmente, para uma meta de estudo no futuro. Os critérios adotados na seleção das cartas a serem traduzidas foram: diversidade de locais, buscando variar a origem das cartas (Itália, Grécia, Irlanda, Síria, Inglaterra, França, Malta e Índia); cartas com maior número de descrições acerca do local, como tipo de acomodações, pessoas, paisagens, comida, etc; uma das cartas traduzidas é escrita para Lady Waldegrave, o que evidencia que são outros os assuntos e até mesmo outro estilo de escrever; uma delas foi escolhida por estar em verso ao invés de prosa como a grande maioria.

Para o quarto e último capítulo, ficaram os aspectos teóricos da tradução, os comentários, as observações e as reflexões. Como já citado anteriormente, este processo tradutório foi conduzido pela perspectiva dos estudos de Berman (2002 e 2013). No caso da tradução de cartas há a sensação persistente de sempre se estar violando algo que foi feito, foi escrito, enfim, que foi dito para outro. Torna-se inquietante a pergunta de Berman (2002, p. 15) “[...] o adágio italiano *traduttore traditori* ainda pode funcionar como juízo final sobre a tradução?”

Figura 1: Última fotografia de Lear em 1887.



LAST PHOTOGRAPH OF LEAR, 1887.

Fonte: Strachey (1911, p. 411)

1 EDWARD LEAR: UM ESCRITOR VITORIANO

Edward Lear, uma das personalidades mais pitorescas do Período Vitoriano, era, além disso, um conhecido pintor de paisagens, um viajante devotado e um escritor de nonsense incansável. Durante sua vida, ele viajou por grande parte da Europa, do Oriente Médio e da Índia, para locais remotos e isolados pouco frequentados por seus colegas britânicos, em busca de paisagens inusitadas. Sua obra completa inclui livros ilustrados de viagens para a Itália, Córsega, Albânia e Calábria; coleção de limeriques publicados sob o título de *Um Livro de Nonsense*; pinturas de paisagens e aquarelas de tamanhos e temas variados; poemas e canções; diários e cartas. Sobre a diversidade de sua obra persiste a pergunta: que tipo de personalidade fascinante está por trás desse escritor vitoriano?

Levi (2013) descreve Edward Lear como incomparável, um vulcão de criatividade, sociável, alegre, porém com um tom profundo de melancolia. O nonsense, as canções, os poemas e os desenhos são demonstrações de sua genialidade, contudo ler suas histórias de vida através das cartas que escreveu traz à luz características muito peculiares deste extraordinário homem vitoriano. Considerado, seguido por Lewis Carroll, um dos pais da literatura nonsense, chama a atenção para qual razão o teria levado a escrever dessa forma. Talvez fosse o nonsense a válvula de escape de sua consciência a fim de achar respostas sobre suas abordagens acerca de si mesmo e de seu ambiente.

Lear nasceu em Holloway, Londres em 12 de maio de 1812 e morreu em 29 de janeiro de 1888 em San Remo, Itália. Era uma época muito promissora na Inglaterra, porém cheia de percalços. No que diz respeito à sua história, fatos importantes ocorridos neste período a elucidam e facilitam a compreensão. A Inglaterra vivia sob o comando da Rainha Vitória, de quem Lear foi professor de desenho. Noakes (1979) relata que foi através de *Um livro de Nonsense*, publicado por Lear em 1846, que a rainha o conheceu. Há relatos sobre ele em seu diário: “15 de julho de 1846 em Osborne – Tive aula de desenho com o Sr. Lear, que

desenhou diante dos meus olhos e ensina notavelmente bem a pintar paisagens em aquarelas.”² (NOAKES, 1979, p. 67)

1.1 PERÍODO VITORIANO

A era é marcada pelo reinado da Rainha Vitória (1837 - 1901). Foi um período de relativa paz com o fim das Guerras Napoleônicas. Seaman (1995) descreve como período de expansão externa do Império Britânico com o auge da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, o que trouxe mudanças drásticas sob o ponto de vista tecnológico, voltado para o processo de produção industrial. Tais modificações impactaram a economia e a sociedade ao longo do século XIX. O trabalho manual foi substituído pela máquina – entretanto necessitavam de mão de obra para operá-la e isso contribuiu para o surgimento de novas relações entre trabalhador, capital e trabalho. O capitalismo tornou-se o sistema econômico dominante, no qual o liberalismo, a acumulação de capital e o desenvolvimento tecnológico foram fatores fundamentais para que ele se consolidasse. Logo, as máquinas e a divisão do trabalho fizeram diminuir a força e a inteligência que são necessárias às massas, e a concorrência fez diminuir seus salários à subsistência. Quando havia crises de mercados saturados, os salários diminuam ainda mais, fazendo com que as massas de miseráveis ficassem a mercê de todo o tipo de privação. Também com a Revolução Industrial, cresceram as obras de urbanização, o que fez aumentar e nascer novas grandes cidades, pois à medida que novas oportunidades de emprego nos centros urbanos ascendiam, aumentava-se também o contingente de migrantes provenientes do campo, instalando-se em áreas urbanas (CHARLOT, 1993). Do mesmo modo, os avanços tecnológicos tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades, pois permitiram a criação das grandes fábricas e de ferrovias que geravam emprego e atraíam uma grande quantidade de pessoas do campo para as cidades, nas quais as fábricas estavam localizadas. Londres, desde o início do século XIX, se

²15 July 1846. Osborne. Had a drawing lesson from Mr Lear, who sketched before me and teaches remarkably well, in landscape painting in water colours.

fez uma megalópole. Desenvolveu o setor de transportes e aumentou o espaço público com os grandes subúrbios-dormitórios.

E os pobres! Espetáculo cujo horror o nevoeiro e a lama de Londres, por mais espessos, não conseguem ocultar! O que diríamos, sob o sol da França, em Paris, se subitamente, em pleno bulevar, víssemos passar esses miseráveis: piolhos da sarjeta, aranhas dos muros, sapos dos pântanos! (No corpo do pobre de Londres) a roupa parece uma pele que se descama, uma lepra que cai. É esfarrapada, como se os ratos devorassem o homem que a veste, como se tivesse recebido golpes de forcado. E há nos rostos uma expressão de fadiga e terror! Em Londres, essa miséria passeia pelas ruas, sem que ninguém se detenha, com espanto ou piedade (VALLÈS³ apud CHARLOT, 1993, p. 41).

A população da Inglaterra quase duplicou, sendo de 16,8 milhões em 1851 e passando para 30,5 milhões em 1901. Davis (2004), também discorre sobre os prejuízos que a rápida expansão das cidades ocasionou, impedindo que o crescimento ocorresse de forma ordenada e desencadeando sérios problemas nas classes menos favorecidas: habitação pobre, longas horas de trabalho e doenças infectocontagiosas. Porém, dentro da visão capitalista, a cidade vitoriana simbolizava o progresso e a preeminência mundial da Grã-Bretanha.

Para Seaman (1995), há diferentes pontos de vista nos quais são abordados os fatos acerca da era vitoriana. Alguns estudos se concentram mais nas questões políticas, na qual destacam as atividades de Peel, Palmerston, Disraeli e Gladstone; outros tendem a se concentrar nos horrores do sistema industrial e nas insuficiências da saúde pública e de higiene; e há também os

³Jules Vallès (1832 - 1885) foi um jornalista, escritor e político francês de extrema esquerda. Fundador do jornal *Le Cri du Peuple*. Condenado à morte, teve que se exilar em Londres, de 1871 a 1880.

aspectos sobre a exploração da classe trabalhadora. Seaman (1995) ainda destaca que para alguns a época é marcada como cenário dos males do imperialismo. Entretanto, em contra partida a tudo isso, alguns se referem à época como um período de alegria, crescimento e conquistas.

Todo o processo de industrialização na Grã-Bretanha foi uma improvisação, realizada sem o auxílio de técnicas sofisticadas de organização empresarial ou apoio de habilidades profissionais, e muito menos de uma ação planejada do governo. As empresas foram reconduzidas apenas com as noções mais cruéis de planejamento e controle, sem a compreensão dos problemas de gestão do trabalho, e sem nenhum profissionalismo contábil estabelecido ou um sistema amplo de seguros ⁴ (SEAMAN, 1995, p.45).

Os aspectos religiosos foram muito incisivos dentro da formação dos conceitos moralistas. Dentre as outras religiões, assim como no Cristianismo, fica evidenciado que os vitorianos agiam quase sempre levados pelos imperativos morais da responsabilidade pessoal, do dever e do viver por algo mais além da satisfação das necessidades imediatas. O reviver religioso que os vitorianos herdaram do Wesleyanismo e dos movimentos evangélicos dentro da Igreja Cristã, implantaram um imperativo moral tão forte dentro da consciência da nação que foi pouco afetado pelo declínio religioso da segunda metade do reinado.

Há o surgimento de movimentos sociais que evidenciava o descontentamento dos pobres em relação à nova

⁴The entire industrialization process in Britain was an improvisation, undertaken without benefit of sophisticated techniques of business organization or supporting professional skills, let alone planned government action. Undertakings were conducted with only the crudest notions of forward planning and control, without understanding of the problems of labor management, and without either an established accountancy profession or a wide-ranging system of insurance.

vida industrial, entre eles o Cartismo ⁵. De acordo com os estudos de Seaman (1995), o Cartismo ganhava força entre os trabalhadores e provocou uma greve geral enchendo as ruas de trabalhadores famintos, obrigando o governo a tomar novas medidas. Era um movimento de revolta dos trabalhadores contra as máquinas, uma vez que essas substituíam a força de trabalho humana, aumentando o desemprego. Por isso, esse movimento pode ser entendido como sindical, já que objetivava pressionar os patrões às concessões. Mas, na maioria das vezes, o movimento de revolta era reprimido pela violência.

1.1.1 Produção literária no Período Vitoriano

Apesar dos valores morais irredutíveis da rainha, a literatura vitoriana não é sobre humanidade, obrigações, vocação, trabalho, casamento e família. Ao contrário, os romancistas vitorianos eram muito realistas, elevando tais aspectos a um patamar mais sério, mais importante, mais complexo e mais específico que poderíamos supor que tais coisas seriam. Os romances tornaram-se forma dominante na literatura vitoriana. Os romancistas buscaram representar o grande e abrangente mundo social, com uma variedade de classes. O tema central era o lugar do indivíduo na sociedade, a aspiração de um herói por amor e posição social. Pela primeira vez, as mulheres eram as maiores escritoras: as Brontes, Elizabeth Gaskell, George Eliot (pseudônimo de Mary Ann Evans). O período se iniciava com alguns términos, ou seja, com a morte prematura da segunda geração de românticos, como Keats, Shelley e Coleridge. Portanto, é uma era que herda o modelo do sentimento individualista romântico em um mundo onde era muito difícil se alinhar com as mudanças sociais, em particular com a mudança da população do cenário rural para os grandes centros urbanos (DAVID, 2004).

⁵Caracteriza-se como um movimento social inglês do século XIX que a priori buscou através da luta de inclusão política da classe operária, representada pela associação Geral dos Operários de Londres. Teve como principal base a carta escrita pelos radicais William Lovett e Feargus O'Connor intitulada Carta do Povo, e enviada ao Parlamento inglês.

Mill (apud Davis, 2004) aponta a era vitoriana como um período de leituras. Entre 1800 e 1825 somente 580 livros eram publicados por ano. Já na metade do século, devido aos avanços da tecnologia de impressão, esse número se torna bem mais expressivo, chegando à marca de 2.600 títulos e em 1900 ultrapassando 6.000 livros publicados. Durante o período, os periódicos de todos os tipos também tiveram um enorme crescimento. Vários romancistas famosos da época, inclusive Charles Dickens, viram seus trabalhos publicados em fascículos, nas revistas.

A partir de 1837, metade da população inglesa era alfabetizada, sendo que esse número continuou a crescer ao longo do período. Com a proliferação da alfabetização, o público leitor se tornou cada vez mais fragmentado. Assim, os escritores tiveram que considerar como sua escrita poderia atingir certos nichos de público, ao invés de escrever para um público leitor unificado.

Os textos curtos de ficção prosperaram muito durante o período vitoriano, em parte por causa da cultura já estabelecida de periódicos. O Romance possivelmente foi o gênero literário mais predominante dessa era, especialmente adaptado aos escritores que se dedicavam a relatar a grande diversidade da vida industrial e do conflito de classes. Entre outros, um tema bastante recorrente entre os romancistas da época, envolvia um protagonista que tentava definir sua própria relação com os sistemas sociais e de classe.

A poesia manteve seu status de alta literatura durante o período vitoriano. De um lado, estavam os leitores a espera de poemas com cunho moralista e do outro, boa parte dos escritores que se sentia cada vez mais desconfortável para escrever com esse objetivo. Para alguns vitorianos, escrever e estudar poesia representava a possibilidade de cultivar seu maior potencial humano. Os poetas desse período escreveram acerca de temas variados, que iam desde temas míticos até temas político-sociais, ao quais criticavam os abusos industriais, como por exemplo, o problema do trabalho infantil.

A prosa de não ficção também atraiu um grande número de leitores. Da mesma forma que aconteceu com o romance, os autores identificaram nesse gênero literário um bom veículo para

abordar de maneira clara e direta os problemas da Inglaterra industrial e, em alguns casos, até mesmo para propor soluções para esses problemas. Abordaram também assuntos diversos do período, como religião, arte, economia e educação. Muita prosa de não ficção vitoriana é marcada por um senso de urgência, o que reflete o ritmo de mudança dessa era. Muitos autores sentiam de alguma forma que a sociedade seria dominada por mudanças a acabaria naquilo que Matthew Arnold chamou simplesmente de anarquia.

O teatro vitoriano era uma instituição popular, especialmente àqueles que o viam como um meio de apreciar um dos maiores prazeres da vida. Além das tradicionais peças, o teatro também apresentava todo tipo de espetáculo, que ia desde o burlesco até os musicais de pantomima. Já no final do período vitoriano, dramaturgos como George Bernard Shaw e Oscar Wilde começaram a refletir de forma cada vez mais satírica, os valores e comportamentos pretenciosos que eles acreditavam que caracterizavam a vida vitoriana.

É durante o período vitoriano que começam a evoluir os primeiros manifestos modernistas. Nascia da vontade de quebrar regras e de se impor mediante um sistema autoritário. É possível observar o interesse dos modernistas pelos extremos em oposição ao doutrinário. Gostavam de se sentir as fronteiras da segurança estética, ou além delas.

O único ponto incontestavelmente comum entre todos os modernistas era acreditarem que muito superior ao conhecido é o desconhecido, melhor do que o comum é o raro e que o experimental é mais atraente do que o rotineiro (GAY, 2009, p. 18).

Gay (2009) também aponta o fascínio dos modernistas pela heresia e o prazer em confrontar as sensibilidades convencionais. Transgrediam as regras tradicionais, sentiam prazer em seguir por um novo caminho e pela insubordinação contra a autoridade vigente. O surgimento dessa nova literatura não foi de fácil aceitação. Para muitos leitores da segunda metade do período vitoriano “[...] os jogos a que vinham se dedicando os escritores modernistas pareciam traições sistemáticas numa

relação antiga e cordial entre o público e o autor.” (GAY, 2009, p. 181) Para apreciar essa nova concepção literária era necessária uma concentração maior por parte do público, coisa que até então, os autores mais acomodados não exigiam. Sendo assim, já se sabia de antemão que o público dessa literatura modernista seria bem mais restrito e com isso, as obras desses autores encontrariam mais obstáculos para serem publicadas. Entretanto, no final do século XIX, alguns romancistas mais audazes, já conquistados pela subjetividade modernista, se mostravam insatisfeitos com as gratificações do realismo dominante na literatura.

Davis (2004) traz em seu livro, além de outros vários movimentos literários, o surgimento do nonsense através de Edward Lear e Lewis Carroll. Aparecia como uma forma de romper os conceitos de literatura criados até então. Trazia história para crianças que, de fato, não era tão despreziosas quanto pareciam. “A história é escrita por Lewis Carrol: é uma imagem de seu descontentamento disfarçado ironicamente.”⁶ (DAVIS, 2004, p. 344.) Tanto em Lear quanto em Carroll havia um sentimento de questionar como o indivíduo se posicionava diante da sociedade e capturado entre dois mundos. Segundo Davis (2004, p. 345): “Sob a cobertura da violência da paródia lúdica, este foi o protesto austero e quase altivo de Lewis Carroll em toda a tentativa romântica de configurar religião em termos de sentimentos humanos.”⁷ Edward Lear, por sua vez, revela os sentimentos disfarçados em rimas, através dos limeriques. As rimas são infantis, porém as soluções e justaposições são absurdas.

Como os limeriques astutos e
irônicos de Lear (“Havia um velho do Cais
/ Cujo nariz era grande demais / Mas à
noite a pescar / Decidiu uma luz sobre ele

⁶ The tale was written by Lewis Carrol: it is an image of his comically disguised disappointment.

⁷Under cover of the violence of playful parody, this was Lewis Carroll’s austere and near-contemptuous protest at the whole Romantic attempt to set up religion in terms of human feelings.

apoiar / Grande ajuda ao homem do Cais”) a paródia, ao menos oferece ajuda do que pode ser feito, ainda que de forma estranha, diante do infortúnio⁸ (DAVIS, 2004, p. 351).

1.2 EDWARD LEAR: QUE PRAZER CONHECÊ-LO!⁹

Conhecido como escritor de versos nonsense, há muitas outras coisas nele a serem descobertas. Além de escritor, foi também desenhista e pintor. Inimigo da certeza, das imposições, dos cachorros e da cerveja de gengibre, Edward Lear era um cidadão descontente com a cultura vitoriana. Ele cresceu no fim de período romântico, rodeado por uma família numerosa - vigésimo entre os vinte e um filhos de Jeremiah Lear e Ann Skerret - e com Byron sendo seu herói de infância. Criado por sua irmã Ann, 21 anos mais velha do que ele, levaria uma infância normal, embora ignorado por seus pais, mas problemas incluindo depressão e epilepsia surgidas na infância, o acompanharam sempre. Quando tinha 58 anos, ele refletiu sobre o impacto da doença em sua vida, conforme relatado em seu diário¹⁰.

21 Nov. 1870. No sleep all night; counted every hour, & rose at 6 Worried & miserable.--I review my whole life in such hours, & full of evil as it undoubtedly is, I am obliged to conclude as	21 de novembro de 1870. Sem dormir a noite toda; contei cada hora e me levantei às 6, preocupado e infeliz. Revi toda a minha vida em tais horas e sem dúvidas, quão cheia de infortúnios ela está.
--	---

⁸ Like Lear's sly and ironic little limericks ("There was an Old Man in a Barge / whose nose was exceedingly large / But in fishing by night / It supported a light / which helped that Old Man in a Barge"), parody at least offers the help of what can be made, however strangely, from misfortune.

⁹A frase faz referência ao poema autobiográfico "How Pleasant to Know Mr. Lear" escrito em meados de 1875.

¹⁰Lear's diaries, 1858-1888. Houghton Library, Harvard University, Cambridge, Mass.

<p>I always do, that the great physical misery & "particular skeleton" of all these long years, which was not of my making--commenced when I was 5 or 6 years old, & has influenced all the course of my existence --but the foundation of wretchedness was too solidly there, ever to have allowed of a greatly different chain of events & condition of living than has been my lot to bear.</p>	<p>Sou obrigado a concluir como sempre faço, que o grande tormento físico e "estrutura" de todos estes longos anos, que não foi minha culpa - começou quando eu tinha 5 ou 6 anos de idade - e tem influenciado todo o curso de minha existência...mas, o alicerce do sofrimento era tão sólido para permitir uma sequência de fatos e condições de vida diferentes daquelas que tem sido meu destino suportar.</p>
---	---

As características da vida e da personalidade de Lear podem ser identificadas na sua obra: a epilepsia, o medo do ostracismo, a decisão de não se casar, a intolerância com as convenções e as restrições sociais contemporâneas e o sentimento de vergonha de seu homossexualismo latente (NOAKES, 1979). Todos os relatos levam a acreditar que a epilepsia o levou ao isolamento, uma vez que ao perceber os sinais de que os ataques viriam, ele conseguia ficar só, impedindo que pessoas de fora vissem suas crises. Levi (2013, p. 6) cita outra uma passagem do Diário de Lear que evidencia isso:

<p>24 March. 1877. The earliest of all morbidnesses I can recollect must have somewhere about 1819 - when my father took me to a field near Highgate, where was a rural performance of gymnastic clowns etc - and a band. The music was good - at least it attracted me - and the sunset and twilight I remember as if yesterday. And I can recollect crying half at the</p>	<p>24 de março de 1877. A mais antiga de todas as morbidez da qual me recordo foi em algum lugar nos meados de 1819 - quando meu pai me levou para um campo perto de Highgate, onde havia uma apresentação rural de palhaços ginastas, etc - e uma banda. A música era boa – ao menos fiquei atraído por ela - e recordo do pôr do sol e o crepúsculo como se</p>
--	---

<p>night after all small gaiety broke up - and also suffering for days at the memory of the past scene.</p>	<p>fosse ontem. E me lembro de chorar metade da noite afinal minha pequena alegria tinha terminado - e também por sofrer dias e dias com a lembrança da cena vivida.</p>
---	--

1.2.1 O pintor de pássaros

Aos dezesseis anos, juntamente com Ann, a irmã mais velha, foi morar em Upper North Place, em Londres. Como precisava se sustentar, começou a pintar e vender desenhos de pássaros de vários tipos, a maioria deles exóticos e trazidos para a Inglaterra por naturalistas durante suas viagens de descobertas. Em 1830, Lear foi incumbido de desenhar os papagaios do novo Zoological Gardens. Dedicou-se a desenhá-los e pintá-los, e lançou um livro com tais ilustrações que chamou de *Ilustrações da Família dos Papagaios* (Illustrations of the Family of Psittacidae, or Parrots). Segundo Noakes (1979), os desenhos eram surpreendentemente bons para um jovem de dezoito anos e deram-lhe uma reputação imediata como um desenhista de ornitologia.

Figura 2: A arara vermelha e amarela (The Red and Yellow Macaw) do livro Ilustrações da Família dos Papagaios.



Fonte: Lear (1832), disponível em <http://www.nonsenselit.org/Lear/learwork.html>

Continuou a desenhar animais, especialmente pássaros e tornou-se um zoólogo autodidata. Conheceu Audubon e John Gould, que o levou a vários zoológicos, até mesmo em outros países como a Holanda, Suíça e Alemanha. Entre seus melhores amigos estavam William Nevill e Bernard Senior. Em 1832, Lear conheceu Lord Stanley, herdeiro do Conde de Derby. Stanley construiu um zoológico particular em casa, fora de Liverpool, o zoológico de Knowsley, e contratou Edward para ilustrar os animais de lá. Segundo Noakes (1979), foi nessa época, que Lear começou a escrever os limeriques para o entretenimento das crianças em Knowsley, o que incluía também poemas, desenhos, e alfabetos. Em 1846, reuniu alguns de seus limeriques e publicou, com suas próprias ilustrações, *Um Livro de Nonsense*, sob o pseudônimo de Derry down Derry. O primeiro deles *Havia um velho homem de Tobago* veio do livro *Anedotas e Aventuras dos Quinze Cavalheiros* (*Anecdotes and Adventures of Fifteen Gentlemen*), conduzindo, assim, para inúmeras ritmas e gravuras (NOAKES, 1979, p. 53). Ficou em Knowsley de 1832 a 1837 e mais de cem dos desenhos que ele produziu continuam preservados até hoje na biblioteca de lá.

Em 1834, matriculou-se na Sass's School of Art em Bloomsbury, que preparava alunos para entrarem na Royal Academy School. Porém, sua situação financeira impossibilitou que isso acontecesse naquele momento. Somente em 1850, tornou-se aluno da Royal Academy School.

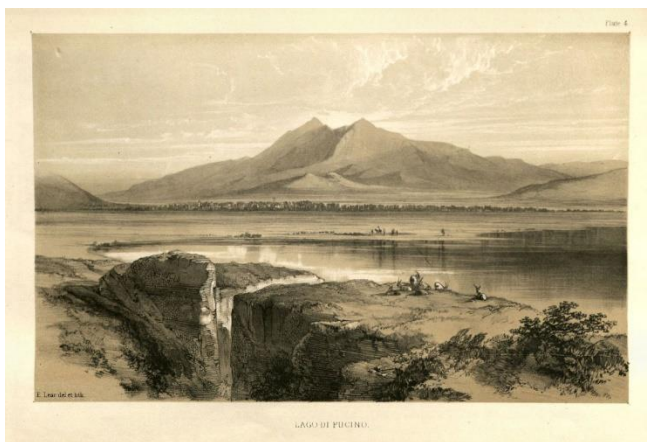
1.2.2. Um viajante inglês

Em 1837, teve complicações na sua saúde providas de bronquite e asma. Londres com seu clima muito frio e pouco ensolarado, não era o melhor para sua recuperação. Assim, Lear decidiu viajar a lugares com clima mais favorável ao seu estado. Lord Stanley, que nesta época passou a ser conhecido como Conde de Derby, se ofereceu para enviá-lo a Itália. Sendo assim, Lear saiu da Inglaterra no final de julho 1837 com destino a Roma. Visitou inúmeros lugares por lá. Produziu vários desenhos e descreveu muitos dos cenários que visitava através de suas cartas, sempre preservando a sua imagem de inglês provinciano, embora muito instruído e informado. Nas cartas, fica bastante

evidente esse provincianismo, característica comum entre os ingleses instruídos da época, reflexo do poderio britânico. De acordo com Levi (2013), até chegar a Roma, lugar que o agradou suficientemente a ponto de permanecer lá por anos, há relatos que registram sua primeira impressão na visita às terras italianas. Em Domaso, comuna italiana da região de Lombardia, Lear não gostou da hospedagem: “[...] nada pode lhe dar uma ideia do horror que uma pessoa sente ao chegar às pousadas das vilas italianas pela primeira vez [...]”¹¹ (LEVI, 2013, p. 72)

Segundo Kelen (1973), os anos na Itália foram os anos de maior satisfação da vida de Lear: “A primeira coisa que fiz em Roma foi descobrir a mim mesmo, e alcançar equilíbrio, harmonia e felicidade.” A arte era uma ocupação honrosa e até mesmo invejável em Roma, algo que ele não via na Inglaterra. Publicou em 1846, *Excursões Ilustradas na Itália* (Illustrated Excursions in Italy) com suas memórias de viagem, ilustrado com seus próprios desenhos e dedicado ao Conde de Derby

Figura 3: Lago Fucino (Itália) desenhado por Lear.



Fonte: Lear (1846, p. 20), no livro *Illustrated Excursions in Italy*.

¹¹ “[...] nothing can give you an idea of the horror one first feels at Italian village inns [...]”

Lear nunca se casou, porém em momentos de solidão, chegou até a pensar em uma esposa. Segundo Noakes (1979), escreveu ao amigo Gould dizendo que buscava uma moça com menos de 28 anos, que tivesse um pouco de dinheiro, pudesse morar em Roma, soubesse afiar os lápis e fazer pudins. Entretanto, o medo do segredo da epilepsia ser descoberto o impedia. Também, não tinha intenção de ter filhos, por medo de que a doença passasse aos seus descendentes e assim veria o horror que enfrentava nas crises, refletido em outra criança. A pretendente mais séria ao título de Sra. Lear foi Augusta Bethell, que segundo Kelen (1973), passou a ser chamada por ele de Gussie. Era filha de Richard Bethell, que mais tarde se tornou Lorde Westbury, amigo antigo de Lear. Tinham uma diferença considerável de idade, sendo que em 1863, ele estava com cinquenta anos e ela com apenas vinte e quatro. Mas, as dúvidas sobre casar-se ou não, fizeram com que ele nunca a pedisse em casamento. Gussie acabou, por fim, se casando com outro. “Pobre Gussie! – Mas, como decidir? Se sua vida for triste, ao meu lado ficaria menos então? Ou poderia ser mais triste, talvez?”¹² (NOAKES, 1979, p. 209). Segundo Kelen (1973) foram as dúvidas e indecisões sobre Gussie que suscitaram o notável poema O galanteio do Ionghi-Bonghi-Bô (The countership of the Yonghy-Bonghy-Bô), com uma de suas estrofes transcritas abaixo, na tradução de Dirce Waltrick do Amarante (2011, p. 141):

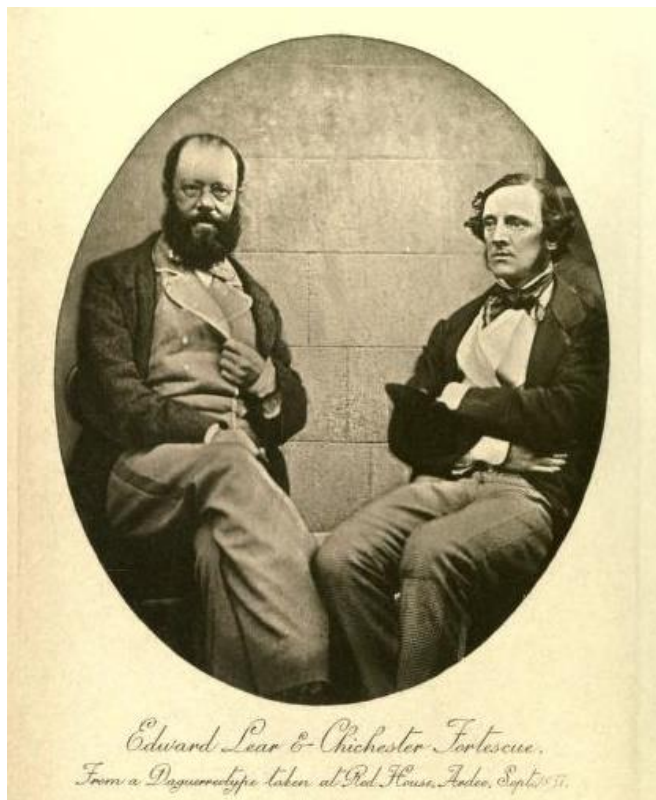
Dona Trancoso falou com tristeza,
 E uma lágrima de seu olho brotou:
 “Sua proposta chega bem atrasada,
 Sr. Ionghi-Bonghi-Bô!
 Seria sua com toda a certeza!”
 (Aqui os dedos torceu com crueza).
 “Mas, na Inglaterra já sou casada!
 Sim! Sua proposta chega bem
 atrasada,
 Pois na Inglaterra já sou casada,
 Sr. Ionghi-Bonghi-Bô!
 Sr. Ionghi-Bonghi-Bô!”

¹² Poor Gussie! – but how to decide? if her life is sad, - united to mine would it be less so? or rather – would it no be more so?

Outro fato curioso sobre esse poema é sobre inspiração para a criação do nome Yonghy-Bonghy-Bô. Noakes (1979) relata que numa das viagens a Nápoles, Lear e John Proby, outro amigo muito próximo, teriam contratado um funcionário para ajudar com as malas. O jovem falava com um sotaque do sul muito acentuado e para o deleite de Lear, ele terminava suas frases com o refrão *Díghi Dóghi Dà*, o que certamente conduziu Lear, anos mais tarde, intitular seu poema de forma bem parecida.

Na primavera de 1845, Lear conheceu seu, sem dúvida, melhor amigo, Chichester Samuel Parkinson-Fortescue, dez anos mais novo que ele. Fortescue estava viajando pela Europa antes de seguir os passos de seu pai na carreira parlamentar. Era um homem, quieto, introvertido e que não se sentia muito à vontade na vida política. Gostava da companhia de pintores e escritores. Lear apreciava muito a sua companhia e dizia ter encontrado no amigo, duas das suas virtudes favoritas: sensibilidade e entusiasmo. Viajaram juntos pela Itália e Fortescue costumava dizer: “Lear é uma companhia agradável, cheio de nonsense, trocadilhos, enigmas, tudo em forma de diversão.” As cartas de Lear publicadas por Lady Strachey (1970), que era sobrinha de Fortescue, são na maioria destinadas ao seu grande amigo. Tornou-se Membro do Parlamento irlandês quando passou a ser chamado de Lorde Carlingford.

Figura 4: Edward Lear e Chichester Fortescue, em Ardee, na Irlanda.



Fonte: Strachey (1907, p. 2)

A Rainha Vitória teve aulas de desenho com Edward Lear no palácio de Osborne. Foi um curso de doze aulas. Strachey (1907) traz na introdução de seu livro uma carta de Lear a seu amigo Fortescue, na qual ele conta sobre as aulas: “Em 1845, retornei à Inglaterra e em 1846 dei aulas à Rainha Vitória e graças a Sua Majestade tive um trabalho publicado naquele ano

em Abruzos e nos Estados Romanos.”¹³ Noakes (1979) relata algumas passagens curiosas entre Lear e a rainha. Ele não tinha muita proximidade com as regras de etiqueta da corte, por isso, não conseguia compreender a razão pela qual toda vez que se aproximava da lareira acesa diante da rainha, um serviçal do palácio o convidava para ver alguma coisa fora da sala. Somente mais tarde descobriu que um sujeito não pode ficar de costas para o fogo diante de um monarca.

Mas, a Rainha Vitória tinha aparentemente simpatizado com seu professor de desenho, e decidiu mostrar a ele suas joias preciosas que eram mantidas em vitrines. Lear ficou encantado com o que viu e exclamou empolgado: 'Oh! Onde consegui essas coisas maravilhosas?' Calmamente Sua Majestade respondeu: 'Herdei-as, Sr. Lear.'¹⁴ (NOAKES, 1979, p. 68)

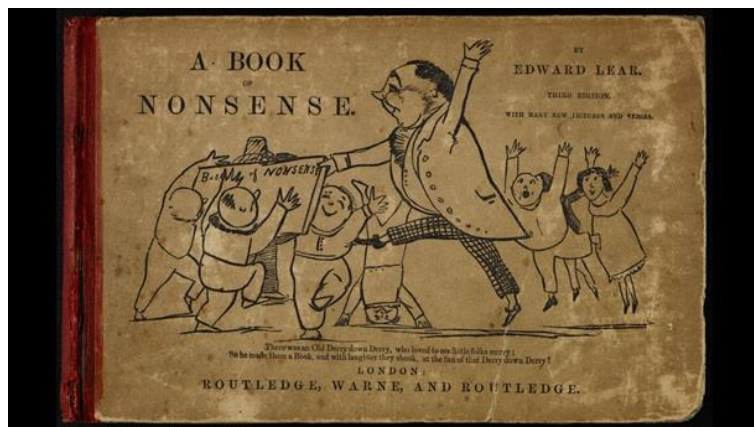
1.2.3 Um livro do nonsense

Em 1846, Lear publicou *Um livro de nonsense* (A book of Nonsense) com 72 versos que tanto divertiram as crianças em Knowsley. Na época, normalmente os livros para crianças eram publicados anonimamente ou com pseudônimos. Assim, Derry down Derry foi o pseudônimo usado por Lear nessa primeira edição. Entretanto, em 1861, o artista orgulhoso de sua obra, estampou, na terceira edição, seu próprio nome, desta vez com 112 versos.

¹³In 1845 I came again to England, and in 1846 gave Queen Victoria some lessons, through Her Majesty's having seen a work I published in that year on the Abruzzi, and another on the Roman States.

¹⁴But Queen Victoria had apparently taken a liking to her drawing master, and she decided to show him some of her bijou treasures which were kept in display cases. Lear was delighted with what he saw, and exclaimed exuberantly: 'Oh! Where did you get all these beautiful things?' Calmly Her Majesty replied: 'I inherited them, Mr. Lear.'

Figura 5: Capa de Um Livro de Nonsense, edição publicada em 1861.



Fonte: <http://www.bl.uk/collection-items/a-book-of-nonsense-by-edward-lear>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Foi a partir de Lear que os limeriques passaram a ser um veículo de inteligência, humor, sagacidade e perspicácia. As histórias dos irmãos Grimm apareceram em inglês em 1824 e as histórias de Hans Andersen foram publicadas em Londres em 1846, no mesmo ano que o nonsense de Lear. Em 1821, foi publicado o primeiro livro de limeriques que se conhece *A história das dezesseis velhas senhoras* (*The History of Sixteen Wonderful Old Women*). Em 1822, veio a publicação de *Anedotas e aventuras dos quinze cavalheiros* (*Anecdotes and Adventures of Fifteen Gentlemen*), o livro que certamente inspirou Lear. Os primeiros limeriques foram muito populares entre as crianças. O livro de Lear causou muito impacto, pois focava na criança real. Alguns heróis eram vaidosos, outros gananciosos. Alguns eram tristes, outros provocativos. Os desenhos que acompanhavam os limeriques eram simples. Era o trabalho de um desenhista de história natural, o que lhes davam um senso de movimento. Os braços eram espontaneamente jogados para trás como as asas de pássaros em voo e as pernas nas pontas dos pés como se estivessem em movimento. Não se

sabe certamente o motivo que levou Lear a publicar o livro de nonsense nesta época. Talvez, tenha sido para ganhar algum dinheiro a fim de cobrir as despesas com a volta para a casa.

Ficou na Inglaterra até dezembro de 1846, quando retornou para a Itália. Ele continuou suas viagens por lá, algumas delas ainda em companhia de John Proby. Voltaram a Roma em outubro de 1847, quando se separaram. Proby morreu em 1858, aos trinta e cinco anos.

Em 1848, Lear conheceu Bowen, presidente da Universidade de Corfu que o convidou para visitar a ilha grega. Era o lugar perfeito para começar sua exploração pela Grécia. Ficou admirado com as belezas naturais da ilha. O próximo destino foi Atenas. Depois seguiu para a Constantinopla, a convite do Embaixador Inglês na Turquia, Sr. Stratford Canning e sua senhora. Durante esse período, teve sua saúde bastante afetada. Em seguida, John Cross, um amigo que Lear conheceu em Knowsley, convidou-o para viajar ao Egito e Palestina. Lear ficou surpreso com as belezas do Cairo.

Figura 6: O Monastério de Stravroniketes, Mount Athos, 1861, por Edward Lear (a óleo).



Fonte: Levi (2013, p. 230)

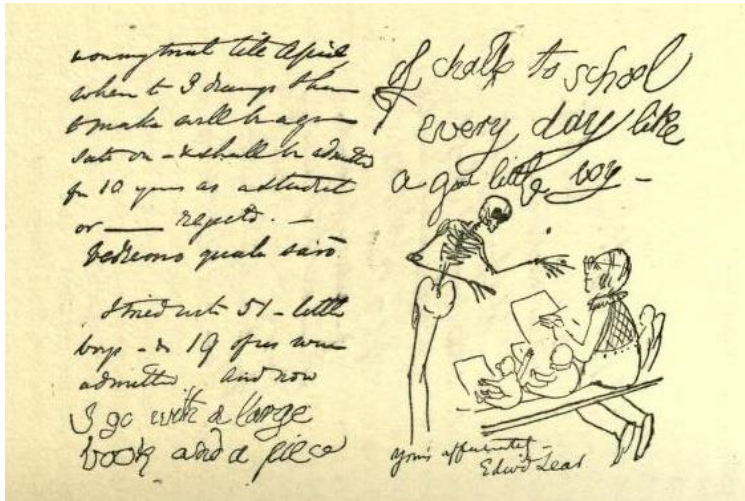
Numa das cartas, Lear escreve para Fortescue sobre isso de acordo com Strachey (1907, p. 8-9), cujo trecho segue abaixo:

De Alexandria, foi a Malta e depois a Pátras. Sua companhia de viagem agora era o Senhor Franklin Lushington, irmão do secretário do governo de Malta. Tornou-se um grande amigo. Viajaram pelo sul da Grécia juntos. Supostamente a amizade mais intensa e também a mais dolorosa da vida de Lear, por quem ele desenvolveu incontestavelmente uma paixão homossexual, a qual não foi correspondida. Não encontrei relatos de que Lear tenha se declarado a Lushington, vivendo assim uma paixão unilateral. Embora tenham permanecido amigos por 40 anos, até a morte de Lear, a disparidade de sentimentos que um sentia pelo outro o atormentou constantemente.

Quando Lear retornou à Inglaterra, em junho de 1849, soube que a Sra. Warner tinha deixado 500 libras para ele. Pela primeira vez em sua vida, ele tinha um pouco de dinheiro e podia dar andamento aos seus planos. Sendo assim, no início de 1850, foi selecionado e aceito na Royal Academy School. No início, não foi fácil ficar rodeado por alunos vinte anos mais jovens que ele. Mas, os colegas certamente o viam como alguém muito especial, afinal, era alguém que tinha viajado por vários lugares, tinha três livros publicados sobre suas viagens, tinha vários trabalhos ilustrados sobre história natural e era o autor do famoso ‘Livro do Nonsense’, e, além disso, tinha ensinado desenho à Rainha. De acordo com Strachey (1907), em umas das cartas ao amigo Fortescue, Lear descreve de forma bem humorada a sua entrada na academia e ainda acrescenta desenhos onde ele está no meio de crianças: “Eu vou à escola com um grande livro e um pedaço de giz, todos os dias como um bom garotinho.”¹⁵ (STRACHEY, 1907, p. 24)

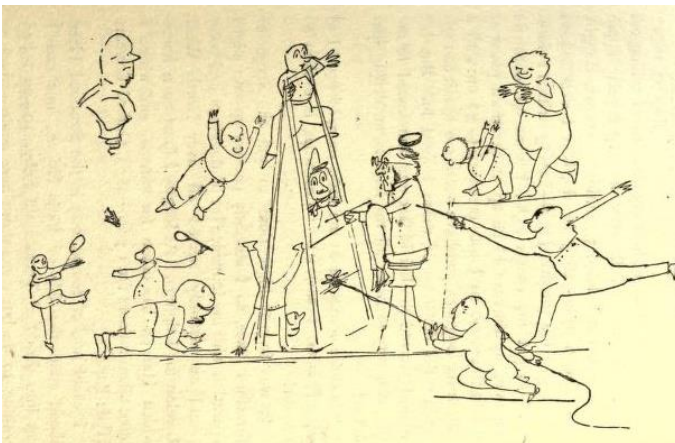
¹⁵I go with a large book and a piece of chalk to school every day like a good little boy.

Figura 7: Uma das cartas escritas por Lear, com ilustrações engraçadas da sua rotina na Royal Academy School.



Fonte: Strachey (1907, p. 24)

Figura 8: Ilustrações engraçadas da sua rotina na Royal Academy School, anexadas a uma das cartas enviadas para Fortescue.



Fonte: Strachey (1907, p. 24)

No inverno de 1851, Lear estava em Londres e seu estado depressivo se agravou bastante, assim como as crises de ataque epilético. No trecho de uma das cartas, escrita em 1851, Lear descreve, através de um exagero de adjetivos, sensações intensas que revelam seu grau de depressão e de apego aos lugares e pessoas. É interessante observar que não somente nesse trecho, mas em outras cartas também, ele sempre retoma a sombra do passado, ou seja, de sentimentos que vivera. (STRACHEY, 1907, p. 20)

<p>But as I ain't I may as well say that there is nothing of which I have so distinct a recollection as the fearful gnawing sensation which chills and destroys one, on leaving scenes and persons, for which and for whom there are no substitutes till their memory is a bit worn down. I say, there is nothing I so distinctly remember, because those feeling are with me already taking the form of past matters, never again to recur, like cutting ones teeth, measles and c.</p>	<p>Mas, posso dizer que não há nenhuma recordação mais distinta do que a terrível e torturante sensação que gela e destrói alguém quando precisa deixar para trás lugares e pessoas, para os quais e para quem não há substitutos ainda que a memória se desgaste. Digo, não há nada que lembre tão distintamente, pois esses sentimentos que estão comigo já estão tomando a forma de passado e que nunca se repetam novamente, como arrancar um dente, ou ter sarampo, entre outras coisas.</p>
--	---

Em dezembro de 1853, ele viajou para a Alexandria. Percorreu o Nilo. Em outubro de 1854, voltou para a Inglaterra e passou um período recluso em casa com a saúde bastante debilitada por causa da asma. Ele escreveu a um amigo dizendo: “Agora imito os animais que hibernam. Fico restrito ao meu espaço até o verão chegar.” Lushington resolveu aceitar o convite do posto de Juiz da Corte Suprema de Justiça em Corfu. Atravessava um momento de crise financeira. Seus trabalhos não estavam vendendo bem e ele não conseguia criar nada de novo. Sentia-se infeliz, talvez por

causa do amor homossexual que não teve coragem de assumir. Sua busca, na verdade, não era por um amor físico, mas por alguém que o quisesse como pessoa, assim como seus pais não o quiseram quando criança. Talvez, por isso, gostasse de estar com crianças, porque elas gostavam dele e demonstravam isso. Lear voltou para a Inglaterra em maio de 1857.

Em 1861, morreu sua irmã Ann, a irmã que o criara e que lhe dera as primeiras lições de pintura. Lear tinha por ela grande consideração por tudo o que fizera. Foi um período difícil para ele, pois a dor da perda o atormentava e se somava ao estado depressivo que sofria. Ann, um pouco antes de morrer, estava muito feliz por Lear estar em casa naquele momento crucial de sua doença. “Que benção você estar aqui, e não entre os árabes. Deus te abençoe, meu querido Edward! Que conforto você foi para mim a vida toda!”¹⁶ (NOAKES, 1979, p. 181) Em nenhum momento de sua vida, Ann tentou persuadir o irmão a não viajar, mesmo que desejasse muito a sua companhia nos anos que ele esteve fora. Lear costumava dizer que tudo o que ela fizera por ele tinha sido bom e que não se atrevia a pensar no que teria sido sua vida se Ann não tivesse sido ‘sua mãe’.

Em 1867, foi para Cannes, no sul da França. Lá, conheceu John Addington Symonds, autor de sete volumes da história do Renascimento Italiano. Foi para a filha de Symonds, a pequena Janet, que pouco antes do Natal naquele ano, Lear escreveu o poema ilustrado A coruja e a gatinha (The Owl and the Pussycat), a primeira e a mais famosas de suas canções de nonsense. O termo ‘runcible’ usado na expressão ‘runcible spoon’ nasceu neste poema, e tem sido traduzido como ‘esgolfiado’. O poema apresenta quatro animais, a coruja, o gato, o porco e o peru. Segundo Hark (1982, p. 57), há certa confusão sexual no poema, uma vez que Lear não determina se a coruja e o gatinho (a gatinha) seriam masculinos ou femininos. Vale lembrar que em inglês o termo *owl* e *pussycat* podem ser tanto substantivos masculinos quanto femininos. Hark (1982) deduz que essa ambiguidade dos sexos pode ter sido proposital, a fim de Lear conseguir retratar seus conflitos amorosos. Enfim, a história conta

¹⁶ What a blessing you are here! – and not among the Arabs!...bless you my dear Edward! what a comfort you have been to [me] all your life.

o amor entre esses dois animaizinhos que se casam na terra da árvore *bong*. Os dois viajam num barco verde com mel e muito dinheiro. A coruja canta para o gato (a gata) dedilhando um pequeno violão. Decidem se casar, mas não têm um anel, Navegam por um ano e um dia até encontrar um porco que vende a eles a argola que tinha no nariz. Casam-se e quem celebra o casamento é o peru. Por fim, dançam a luz do luar. É uma das canções mais populares entre as crianças inglesas. Abaixo, a primeira estrofe do poema traduzido para a língua portuguesa por Dirce Waltrick do Amarante (2011, p. 131):

A Coruja e a Gatinha navegaram
 Num lindo barco verde-limão,
 Levaram mel e dinheiro a granel,
 Enrolados em nota de um tostão.
 A coruja contemplava a noite estrelada,
 E ao som de um violão se pôs a cantar:
 “Ó adorável Gatinha, Ó gatinha adorada,
 Tu és a Gatinha que eu vou amar,
 Amar,
 Amar!
 Tu és a Gatinha que eu vou amar!”

Para Vivien Noakes (1979), com os limeriques, Lear tinha viajado às ilhas do mundo nonsense. Porém, com as canções, ele chegara ao continente onde os horizontes eram amplos e claros. Nos limeriques, a preocupação era com as limitações impostas pela sociedade. Mais tarde, ele passou a considerar aquelas que eram ocasionadas pela própria existência. Nas canções, algumas anomalias causavam até certo constrangimento, pois eram de fato fonte de sofrimento real. Porém, havia remédio. As pessoas podiam escapar para uma terra onde seus problemas não significariam mais nada. Era para este lugar que Lear levava as crianças através de seu nonsense. Mas, segundo Lear, era preciso ter coragem de ir ao mar em uma peneira.

A busca de Lear – talvez paradoxalmente para um autor de nonsense – era por realidade: pessoas e coisas devem ser vistas e aceitas como elas são, e não como deveriam ser. O essencial da vida deveria

ser encontrado na tolerância, no afeto e na disposição para viver. Ele viu esses atributos mais frequentemente nas crianças, todavia ele também os encontrou em seus amigos verdadeiros. De fato, embora Lear falasse através de canções para crianças, ele não estava somente escrevendo para elas: qualquer um que conhecesse a solidão e o isolamento poderia entender o que ele dizia. (NOAKES, 1979, p. 229)¹⁷

Para Levi (2013) o nonsense de Lear pode ser dividido em três grupos. O primeiro vem dentro de uma perspectiva original de alegria e inconseqüência. É nesse grupo que se encontram a paródia, os limeriques, a botânica, a culinária, os alfabetos e o nonsense que era colocado nas letras para diversão dos amigos. O humor, muito característico, neste primeiro livro, vai sendo diminuído gradativamente nos outros grupos. O segundo grupo são as histórias, tanto em prosa quanto em verso, quase sempre acerca das viagens, com finais felizes ou tristes, porém de puro nonsense. Já o terceiro grupo, fica evidente que o nonsense está se modificando para a tristeza, para um tempo de felicidade que se foi para sempre.

Lear tinha um animal de estimação: um gato cujo nome era *Foss*, às vezes, chamado de *Old Foss*. O gato o acompanhou por anos e está estampado em inúmeros de seus desenhos. Dizem, não há registro que comprove isso, que quando Lear construiu uma nova casa, ele instruiu o arquiteto para projetá-la exatamente como a antiga, para que *Foss* não estranhasse a mudança.

¹⁷ Lear's quest – paradoxically perhaps for a nonsense writer – was for reality: people and things must be seen and accepted as they are, and not as they ought to be. The essentials of life were to be found in tolerance, affection and liveliness. He saw these attributes most frequently in children, though he found them also in his real friends. Indeed, though Lear spoke of his child songs, he was not only writing for children: anyone who has known loneliness and isolation might understand what he is saying.

Leigos e cléricos, de todos é amigo;
De “Velho Foss”, seu gato é chamado;
Um chapéu esgolfiado carrega consigo; -
Num corpo bem arredondado.
(AMARANTE, 2011, p. 146)

Figura 9: Desenho feito por Lear (ele e Foss).



Fonte: Noakes (1990, p. 264)

Nos anos que seguiram, durante sua volta à Itália em 1883, sua saúde ficou bastante debilitada. Aos poucos, foi ficando fraco, tinha dificuldades para caminhar por causa do reumatismo, perdeu a visão direita e sua audição também ficou muito comprometida. Mesmo nesse estado, quando a dor lhe dava uma trégua, ele levantava muito cedo com um enorme surto de energia e pintava o dia todo, até o pincel cair de suas mãos. As convicções religiosas que tinha aprendido com a irmã mais velha foram se perdendo com o tempo, porém muitas delas retomadas nos seus últimos anos de vida. Ele acreditava em vida após a morte e gostava de ler publicações religiosas. Segundo Kelen (1973) ele dizia que nossa existência presente era tão insignificante em comparação ao que estava além da vida.

Edward Lear morreu em 29 de janeiro de 1888, aos 75 cinco anos. Seu servo Giuseppe Orsini escreveu para Lushington.

But on the 29th, half an hour midnight, with the greatest grief I act as interpreter of his last words – they are these precise and holy words – “My good Giuseppe, I feel that I am dying. You will render me a sacred service in telling my friends and relations that my last thought was for them, especially the Judge and Lord Northbrook and Lord Carlingford. I cannot find words sufficient to thank my good friends for the good they have always done me. I did not answer their letters because I could not write, as no sooner did I take a pen in my hand than I felt as if I were dying.” We went of course to the funeral. I have never forgotten it, it was all so sad, so lonely. After such a life as Mr Lear’s had been and the immense number of friends he had, there was not one of them able to be with him at the end.

Entretanto, no dia 29 de janeiro, meia noite e meia, com o mais profundo pesar, atuo como interprete de suas últimas palavras – são essas suas precisas e santas palavras – “Meu bom Giuseppe, sinto que estou morrendo. Me prestará um serviço sagrado em dizer aos meus amigos e parentes que meu último pensamento foi para eles, especialmente ao Juiz e Lorde Northbrook e Lorde Carlingford. Eu não consigo encontrar palavras suficientes para agradecer aos meus amigos pelo bem que eles sempre me fizeram. Não respondi suas últimas cartas porque eu não conseguia mais escrever, mal tentava segurar uma pena nas mãos, sentia como se estivesse morrendo.” Fomos ao funeral. Nunca me esquecerei disso, estava tudo tão triste, tão sozinho. Depois da intensa vida que o Senhor Lear viveu e do imenso número de amigos que tinha, não houve um deles capaz de estar com ele no fim.

(STRACHEY, 1907, p. 317)

1.3 EDWARD LEAR E O NONSENSE

A era vitoriana foi um período de novidades. O fato de que o nonsense, gênero literário que desconcerta a maneira habitual de se dizer as coisas, tenha iniciado exatamente nesse contexto histórico, pode ser uma tentativa simples de justificar seu surgimento. Tentar explicar e dar sentido àquilo que não quer ser explicado é um dos desafios quando o assunto é nonsense. No próximo capítulo, trabalharei com as cartas que Lear escreveu durante as inúmeras viagens que fez ao longo de sua vida. Contudo, no texto das cartas, é possível perceber que o humor leariano se faz presente em quase todas. Além disso, o jogo com as palavras, os neologismos, as palavras que não querem dizer nada, ou seja, que só estão no texto para rimá-lo ou enfeitá-lo estão também presentes. Segundo Levi (2013) quando o assunto é Lear há de se tratar de nonsense e de seus limeriques.

O nonsense é um gênero literário cuja definição tem desafiado muitos estudiosos da literatura. A linguagem infantil articulada através da expressão do adulto ou a imaginação dos sonhos capturados em prosa? Nonsense, como um gênero específico, tem suas raízes na literatura inglesa do século XIX, ou seja, no período vitoriano com os escritores Edward Lear, autor de *Um Livro de Nonsense* e, um pouco depois, Lewis Carroll, autor das *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho*. Ávila (1996) considera este estudo, quanto gênero, incipiente e cheio de dúvidas que persistem sobre nonsense e humor, e nonsense de Carroll e Lear e nonsense anterior ou posterior a eles. O termo ‘o verdadeiro ou o puro’ nonsense para fazer referências a Lear e Carroll os diferenciarem de outros exemplos que os precederam ou seguiram seus passos.

Bertrand Russel (apud Tigges, 1987) recorre ao significado que as frases possuem, sendo assim o nonsense estaria presente naquelas frases sem significado. Elizabeth Sewell (apud Tigges, 1987) define nonsense como um jogo usando palavras como peças. De repente, nos confrontamos com o produto acabado e temos que descobrir o campo do jogo e as regras pelas quais ele é jogado, ou seja, um código elaborado no qual a sua mensagem oculta precisa ser decifrada. Tigges (1987, p.27) explica que a

tensão que se apresenta no nonsense está entre a presença e a ausência de sentido que precisa ser mantida em equilíbrio, o que o difere da literatura realista.

Definiria nonsense, então, como um gênero de literatura narrativa que equilibra uma multiplicidade de significado com a sua simultânea ausência. Este equilíbrio é alcançado ao jogar com as regras da linguagem, lógica, prosódia e de representação, ou uma combinação disso tudo ¹⁸ (TIGGES, 1987, p.27).

Para Ávila (1996, p.116), “[...] O que se tenta fazer no nonsense é driblar o sentido, por meio da justaposição de sentidos parciais e opostos, do solapamento e embaralhamento das várias camadas comunicativas.” Tigges (1987) reconhece que há um jogo sendo feito com as palavras. O autor é convincente em seu argumento de que outros jogos de palavras ou “curiosidades literárias” não possuem a tensão inerente ao nonsense e se esforçam para tirar a máxima coerência possível em circunstâncias difíceis. O autor ainda considera que conseguimos um solo mais firme quando comparamos o nonsense ao conceito do grotesco, do surrealismo e do dadaísmo, frequentemente associados ao nonsense. Segundo Tigges, a ideia é compará-los para que as diferenças sejam estabelecidas. O grotesco é descrito como um conflito de códigos, a distorção de formas físicas fantásticas, as quais suscitam o horror, evitam a beleza e evoca a feiura, características não necessariamente presentes no nonsense. Tigges (1987, p.34) usa um limerique de Lear, aqui traduzido por mim, para demonstrar que não há neste caso, evocação de horror.

Havia um velho de Mino
Fino como um poste, senão mais fino,
De branco eles o trajaram, e bem firme o
enrolaram,

¹⁸I would define nonsense, then, as a genre of narrative literature which balances a multiplicity of meaning with a simultaneous absence of meaning. This balance is effected by playing with the rules of language, logic, prosody and representation, or a combination of these.

O elástico velho de Mino.¹⁹

Enquanto o nonsense apara o substantivo e o adjetivo de suas conotações e associações a fim de torna-los incompatíveis com outras partes do texto, os símbolos na poesia dão ao leitor a possibilidade de que a realidade possa ser descoberta. Sewell (apud TIGGES, 1987) difere o nonsense do surrealismo, dizendo que o último suprime qualquer controle consciente do fluxo de imagens da mente. Cita também Breton que diz que os surrealistas fizeram uma convergência simultânea da disparidade em um princípio poético consciente. O surrealismo pode ser visto como a divisão em um jogo de palavras ou como sendo a resposta para um enigma. Breton define o surrealismo como resolução de sonho e realidade e assim mostra que o surrealismo não pode ser igualado ao nonsense, uma vez que o sonho não é uma negação da realidade, mas uma camada extra dela. Se o simbolismo e surrealismo pretendiam multiplicar o significado, o desejo do Dadaísmo era destruí-lo completamente. É a negação do sentido e da ordem. Tigges (1987) discorda de Stewart (1989) que enfatiza o interesse do Dadaísmo em simultaneidade. Stewart diz que os dadaístas e surrealistas estavam dispostos a inverter as regras da forma poética. Tigges também afirma que certamente nesse aspecto eles foram além de Lear e Carroll e que de fato pertencem a categorias completamente diferentes.

Ávila (1996) também ressalta o fato de muitos tipos de textos anteriores ao século XIX, terem características semelhantes as do nonsense, como por exemplo, o conteúdo fantástico e incoerente, o jogo com as palavras e a formulação obscura.

A imprevisibilidade principal do processo diferencia radicalmente o nonsense vitoriano de todos os tipos lúdicos de nonsense anteriores, que, por sinal, em nossa versão do conceito, não podem ser denominados a rigor nonsensicos, pois eles

¹⁹There was an old person of Pinner
As thin as a lath, if not thinner
They dressed him in a white, and roll'd him up tight,
The elastic old person of Pinner

se definem a partir de seu anticonceito, o sentido. (REICHERT apud ÁVILA, 1996, P. 21)

A autora ainda acrescenta que se levarmos em conta essa afirmação de Reichert, de que anteriormente não existiu o nonsense da forma concebida por Carroll e Lear, a continuidade do gênero também não é possível, após estes dois autores. Essa argumentação se baseia na estreita relação entre o nonsense e o mundo vitoriano, vinculando seu aparecimento às condições dadas na época. Ávila (1996) também discorre acerca da poesia nonsense para poder distingui-la da prosa. Faz um estudo da produção de signos em poesia através da teoria semiótica de Riffaterre, que considera adequada a um estudo da poesia nonsense e também um bom ponto de partida.

Tigges (1988) fala da anatomia da literatura nonsense e cita quatro características que as formam. A primeira delas trata da tensão entre a presença e a ausência de sentido. É necessário que se mantenha um ajuste entre esses dois aspectos para que um texto seja de fato considerado nonsense. É nesse aspecto que o nonsense se difere da literatura realista que, por sua vez, busca as possibilidades variadas de atribuir sentido ao texto, mas não se preocupa em manter o sentido e a ausência dele como ocorre no nonsense.

O nonsense, então, nunca é lírico no sentido real da palavra – não expressa os sentimentos do autor, nenhum sentimento corriqueiro através de sua fala. O escritor ou poeta nonsense raramente escreve em primeira pessoa.²⁰ (TIGGES, 1988, p. 53)

O autor acrescenta dizendo que a característica marcante do nonsense, e também a única forma de emoção do gênero, é o isolamento. A solidão é um aspecto marcante nos personagens da

²⁰ Nonsense, then, is never lyrical in the true sense of the word – it does not express the personal feeling through his mouth. The nonsense writer or poet rarely writes in the first person at all.

literatura nonsense. Quando o personagem se depara com outras pessoas, ele está sempre à frente de um grupo e de alguma forma precisa se defender do mesmo. Isso fica claro na obra de Carroll e também nos limeriques de Lear, nos quais há sempre uma pessoa com características não usuais em confronto a um grupo maior.

A terceira característica citada por Tigges é o caráter de jogo do nonsense, que possui regras próprias. Não é somente um puro jogo, mas um jogo com a presença e ausência simultânea de regras, o sentimento que regras arbitrárias são aceitas e que podem ser abandonadas a qualquer momento. Essa ideia de jogo ajuda a reforçar a ideia da revogação da emoção citada acima no texto.

Enfim, a quarta característica citada pelo autor diz respeito à linguagem, ou seja, a realidade nonsense é criada pela linguagem, tornando o gênero nonsense predominantemente de natureza verbal. Sendo assim, a palavra precede a realidade.

Para resumir, literalmente o nonsense é caracterizado por quatro elementos essenciais: uma tensão irresoluta entre a presença e ausência de sentido, falta de envolvimento emocional, apresentação como um jogo, e uma ênfase, mais forte do que em qualquer outro tipo de literatura, a sua natureza verbal.²¹ (TIGGES, 1988, p. 55)

Para Stewart (1989, p.3) a definição de nonsense pode ser vista como: “[...] linguagem retirada do contexto, linguagem que gira em torno de si mesma, linguagem de regressão infinita, linguagem que se torna hermética, opaca num invólucro de linguagem.”²²

²¹To summarize, literary nonsense is characterized by four essential elements: an unresolved tension between presence and absence of meaning, lack of emotional involvement, playlike presentation, and an emphasis, stronger than in any other type of literature, upon its verbal nature.

²²And this is the beginning of nonsense: language lifted out of context, language turning on itself, language as infinite regression, language made hermetic, opaque in an envelope of language.

A autora também faz um estudo acerca da etimologia da palavra e apresenta as seguintes definições:

- Aquilo que não faz sentido, palavras faladas ou escritas que não constroem sentido; transmitem ideias absurdas; absurdo ou ação sem sentido.
- Coisas insubstanciais ou inúteis.
- Um significado que não faz nenhum sentido.
- Carência de sentido ou de sensações físicas.

A autora ainda nos diz que o nonsense transmite a ideia de que algo é irrelevante ao contexto, no qual o próprio contexto também é irrelevante. O nonsense apresenta uma linguagem negativa, a linguagem de uma experiência que não faz parte do discurso do senso comum, o que nos permite armazenar lacunas misteriosas em um sistema de ordem outrora constituído por nós.

Podemos ver o domínio do senso comum como sendo o real, um domínio vivenciado através dos sentidos, através daquilo que de fato aconteceu, ou seja, de algo que vivenciamos e que de fato fez parte daquilo que é real. Por outro lado, podemos ver o nonsense como um domínio não real, um domínio que nunca aconteceu ou que não poderia acontecer, ou seja, algo que está fora da realidade das nossas experiências já vividas.

Stewart (1989) não quer responder à pergunta acerca do que é senso comum, entretanto, a autora foca seus estudos em analisar como o senso comum funciona e não se mostra preocupada com a ideia de que o senso comum é constitutivo e emergente na vida diária. De forma breve, ela concluiu que o senso comum é usado para determinar os parâmetros das situações do dia a dia, incluindo suas funções e resultados. As atividades do senso comum são caracterizadas pela direção e hierarquia. Elas vão a algum lugar, ao contrário daquelas atividades que não vão a lugar algum.

Stewart (1989) aponta a vida social como um fenômeno textual e rejeita a ideia de que a sociedade tenha uma posição privilegiada em qualquer relação de causa e efeito com outras formas de discurso. A sociedade não pode ser presumida como natural ou uma base na qual os discursos se desenvolvem como uma imagem de espelho.

A qualidade de refletir do nonsense rompe o universal do senso comum. Enquanto o realismo faz parte da ideologia deste,

anexando-se metonimicamente e suavizando a cena de ligação, o nonsense coloca à mostra a natureza ideológica do senso comum, mostrando a precária situação deste, arraigado na cultura e não na natureza (essência).

À medida que as atividades nonsense tornam-se mais e mais metacomunicativas, podemos observar que a crítica dirige-se ao crescimento dos procedimentos interpretativos abstratos. Há uma preocupação na relação entre ficção e vida social, Sendo que a relação do nonsense com o senso comum é transitória e constituinte de paradoxos. O discurso pretendido entre os dois tipos de relação não pode ser assumido como material ou estável.

Stewart (1989) nos fala das ameaças do nonsense e diz ser ele uma espécie de “tabu” que podemos interpretar como alguma coisa que se evita por temor e desconhecimento, reflexo da falta de maturidade com o gênero. A autora ressalta que o nonsense envolve, dentro de uma constante conexão, características anormais da vida social. Em seguida, ela aponta a ameaça do nonsense à desintegração da interação social que ocorreria se o inconsciente tornasse-se consciente. Trata-se, portanto, da possibilidade de conscientização dos processos da vida diária. É a dispersão de atenção de um propósito em mãos, uma pausa na natureza contínua do discurso social, e um movimento contrário extremo de qualquer concepção de tal discurso como natural. (STEWART, 1989, p.88). A autora aponta ainda o nonsense como mais uma anomalia, atividade marginal, dentro de uma concepção de que a preocupação maior está na transição, nas operações e não no conteúdo em si.

A coincidência dos processos opostos e noções em uma representação única caracteriza a unidade peculiar da liminar: que não é nem esta nem aquela, mas as duas escreveu Victor Turner. Ele define liminaridade como um estado de ser no meio de participações sucessivas dominadas pelas considerações das estruturas sociais, uma esfera ou domínio de ação ou pensamento ao invés de uma modalidade social. Porque o nonsense não tem um contexto de vida cotidiana, a falta de contexto dominada pelas considerações

da estrutura social, e porque é primariamente um discurso sobre o discurso ao invés de um conteúdo de vida real sua posição anormal pode ser vista como uma liminar. Engajar-se no nonsense não é somente engajar-se num estado de transição, é também engajar-se na exploração da natureza da transição.²³ (STEWART, 1989, p.88)

Podemos dizer que o nonsense é incerto aos procedimentos do senso comum e enfraquece a ideia de “tornar não dito”. Na tentativa de dizer tudo, deixando nenhum aspecto do discurso indeterminado, o nonsense toma controle de seus próprios procedimentos. Ele carrega a ameaça de gerar a si mesmo, tornando-se, assim, uma máquina de auto-perpetuação.

Tornar o não dito “dito” é outra forma do nonsense de fazer a letra metafórica, pois este gesto é uma articulação dos muitos procedimentos pelos quais as metáforas podem ser feitas. Para Stewart (1989), o nonsense sempre envolve uma desmistificação, um desnudamento, uma metáfora que podemos identificar, por exemplo, nos escritos de Gertrude Stein. Se o que é profundo na metáfora tem a ver com sua ressonância ao inconsciente, é o nonsense que recupera a metáfora ao consciente expondo-a como um instrumento, um procedimento formal para fazer novos significados. A operação do nonsense pela qual uma questão enigmática venha a ser um discurso comum, ou uma piada em uma história real, são ambos a transformação de um

²³ The coincidence of opposite processes and notions in a single representation characterizes the peculiar unity of the liminal: that which is neither this nor that, and yet in both,” wrote Victor Turner. Turner defines liminality as the state of being “in between successive participations in social milieu dominated by social structural considerations...a sphere or domain of action or thought rather than a social modality.” Because nonsense has no everyday-life context, no context “dominated by social structural considerations ,” and because it is primarily a discourse about discoursing rather than about any “real life” content, its anomalous position may be seen as a liminal one. To engage in nonsense is not only to engage in a state of transition, it is also to engage in an exploration of the nature of transition.

domínio ao outro e uma articulação dos limites entre os dois domínios.

Stewart explora em seu livro a ideia de que fazer nonsense é o resultado do uso de um conjunto de procedimentos interpretativos. É a apropriação das categorias do senso comum, vertical e horizontal, atravessando essa organização através dos seguintes procedimentos: reversão e inversão, deslocamento de limites, repetição até o infinito ou a exaustão, combinação ou rompimento de suas partes e recombinação de acordo com o princípio do “contra sentido”. A autora enfatiza que a natureza do nonsense é algo que está em andamento e emergente no processo social. A autora ainda considera que o nonsense depende de um conjunto cultural específico de princípios lógicos. Nem as operações em si são suficientes para se produzir nonsense. “Este é o jogo” é a mensagem que se pode destacar para a combinação, repetição, contagem de ritmos, exagero que acabam rompendo com a realidade em prol do jogo. O nonsense nos presenteia com o mundo invertido, mudado, multiplicado, dividido; ou seja, torna o mundo em algo novo, um mundo tendendo para um status “alcançado” de senso comum.

Os Jamblins (The Jumblies) escritos por Lear em 1871 e traduzido para a língua portuguesa por Dirce Waltrick do Amarante (2011, p. 134) mostra esse jogo de repetições. Uma das definições possíveis é a de que os jamblins desafiavam o senso comum e a opinião da maioria. Quebram convenções para mostrar um caminho onde outros possam seguir. Grande parte do prazer do poema vem dos detalhes como no ‘papel mindinho dobrado todo arrumado’, no ‘adorável macaco com patas de pirulito’. O encantamento surge ao se imaginar a pequenez dos jamblins em uma peneira com um cachimbo servindo de mastro e a jarra onde passam a noite. Hark (1982) faz uma comparação de *Os Jamblins* com os limeriques de Lear. Toda a excentricidade dos personagens dos limeriques, impossível no mundo real, é realizável nas terras distantes dos jamblins, onde até mesmo pessoas normais têm cabeças verdes e mãos azuis. Entretanto, a autora ressalta que os elementos absurdos característicos do nonsense estão presentes, permitindo até que alguém ouvisse: “havia um velho homem com um carro de mão, que comprou uma torta de mamão”.

Eles partiram numa peneira, partiram
 Numa peneira partiram como um astro,
 Só tinham bela popelina amarela
 Atada com uma fita, qual uma vela,
 A um cachimbo que servia de mastro;
 E quem os viu partir passou a anunciar:
 “Oh! Logo eles vão virar, basta olhar!
 Escuro é o céu e longo o trajeto;
 E, seja como for, não é nada correto
 Numa peneira partir como um astro!”
 Distantes e raras, distantes e raras
 São as terras que os Jamblins chamam de
 lar;
 Azuis são suas mãos, verdes suas caras,
 E numa peneira navegaram pelo mar.
 (AMARANTE, 2011, p.135)

Enquanto o realismo permanece em uma relação metonímica com o mundo do senso comum, tornando contínua a ruptura entre os domínios reais e fictícios, as ficções de ironia, paródia e nonsense ostentam o paradoxo da ruptura entre esses domínios. Enquanto o senso comum minimiza as contradições, o nonsense as torna enormes. O nonsense além de exagerar as características do discurso do senso comum tornando-as problemáticas, também exagera nos aspectos que dizem respeito à língua na qual o senso comum é construído, apontando para a arbitrariedade e natureza traidora da língua como forma pura.

Por causa da variedade de relações entre o universo do senso comum e o universo do nonsense e entre as próprias operações do nonsense, não podemos dizer que ele signifique simplesmente a “forma não adequada” do senso comum. Nem toda característica do senso comum é invertida pelo nonsense. As operações do nonsense apresentam um repertório de procedimentos para manipular o senso comum, entre eles as inversões e manipulações.

O nonsense é uma ameaça à integridade e univocidade do senso comum. O nonsense caracteriza-se pelo domínio entre o irrealizável e o impossível. É um lugar no meio da mudança, ou seja, o estado perpassar de uma coisa a outra, cujo movimento engloba não só a mudança, mas também a aprendizagem.

Quanto aos paradoxos do nonsense, o paradoxo do erro feito de propósito é um entre uma série deles. Esse paradoxo também é conhecido como o paradoxo da flexibilidade ou da mensagem metacomunicativa, que se define em falar sobre alguma coisa que de fato é essa coisa. Há também o paradoxo da inclusão e exclusão que pode estar presente em qualquer coisa que “é e não é” pertencendo a dois conjuntos contraditórios. Os limeriques de Edward Lear e seus personagens exemplificam muito bem essa questão. Tratarei deles mais a frente nesse mesmo capítulo. Esse é o paradoxo das classes que são e não são integrantes de si mesmas na teoria dos tipos lógicos. Stewart (1989) cita o paradoxo da infinidade implícito no raciocínio do senso comum, o paradoxo de medir quantidade de tempo e espaço imensuráveis, e as possibilidades de repetição e citação.

No nonsense, o propósito torna-se um movimento contínuo e agradável para fora de si mesmo, um gesto reflexivo que espirala para longe de qualquer ponto de significação ou direção privilegiada. Tanto autor quanto público são continuamente desconstruídos e reorganizados. Enquanto toda língua supõe uma sociedade possível, enquanto toda língua é utópica, todo nonsense divide e reorganiza qualquer ideia de sociedade como coerente e integral. O nonsense ameaça a desintegração de um infinito tornando-se consciente, um movimento infinito de minar o mundo todo de uma vez por todas e por várias vezes. Ele refuta a observação moralizante pela qual o mundo assume o final feliz. No poema de Lear O cinturão (The Cummerbund) há um bom exemplo do ‘não’ final feliz. O protagonista do poema é um monstro inventado pelo autor. Segue-se um fragmento do poema:

Sentada numa almofada,
Ouvia uma linda canção,
Quando um grito soou longe:
“Lá vem vindo o Cinturão!”
Em vão fugiu: - com a boca aberta
O furioso monstro a seguiu,
E, assim, antes que a ajuda viesse,
Ele a bela dama engoliu.
(AMARANTE, 2012, p.72)

Lecerle (1994) faz uma análise dos vários sentidos do prefixo negativo na palavra nonsense, colocando-o não somente como um processo de negação, mas também de reflexividade e de meta sentido. Os textos nonsense são textos reflexivos. Nonsense é a imagem recíproca de nossa prática de interpretação, como filósofos ou críticos literários. O autor chama a atenção à escola como instituição responsável por desenvolver a necessidade do significado e das atitudes reflexivas mediante a linguagem.

A tese principal será que o nonsense quanto gênero é um subproduto do desenvolvimento da instituição da escola, que os textos fornecem uma solução imaginária a real contradição entre a insistência de capturar uma proporção cada vez mais ampla da população ao propósito da escola elementar, e a resistência, religiosa, política e psicológica, que tal reviravolta cultural inevitavelmente desperta.²⁴ (LECERCLE, 1994, p. 4)

Dentro deste aspecto, o autor apresenta um paradoxo no qual o texto nonsense seria destinado às crianças que não tivessem sido ainda capturadas pela instituição. A própria personagem Alice criada por Carrol não ia à escola, mas tinha uma educadora em casa. A escola está presente nos textos nonsense, ainda que de forma indireta. Assim, o autor retoma novamente a presença do prefixo negativo - “nonsense”, que neste contexto reflete a mudança na educação escolar, porém expressa a resistência a ela.

Lecerle aborda o nonsense dentro de uma perspectiva filosófica e como definição trata o termo como expressão que ultrapassa o sentido. O autor coloca o nonsense como uma forma de querer dizer. O nonsense aponta para o dizer, o expressar, de

²⁴The main thesis will be that nonsense as a genre is a by-product of the development of the institution of the school, that the texts provide an imaginary solution to the real contradiction between the urge to capture an ever wider proportion of the population for the purpose of elementary schooling, and the resistance, religious, political and psychological, that such a cultural upheaval inevitably arouses.

forma a espalhar sentidos potencias, os quais os falantes não conseguem controlar. Podemos ver presente nos textos nonsense uma insubordinação à linguagem como instrumento de expressão e comunicação. Assim, o que queremos dizer, ou seja, a nossa intenção, nem sempre corresponde ao que dizemos.

1.3.1 Os limeriques

Para Noakes (1979), nonsense é um universo de palavras e Lear, com uma percepção aguda à música, meditava sobre elas. Ele gostava de palavras arredondadas e as usava fora de seu contexto de sentido, como *promiscuous* (promiscuo) e *pusillanimous* (covarde). Também gostava de criar palavras, como é o caso de *runcible*, que não leva a nenhuma tradução específica, uma vez que ele a usava como um adjetivo e a empregava a diferentes substantivos: colher, chapéu, corvo, etc. Quando Lear começou a escrever tais coisas, o nonsense não era um gênero literário estabelecido. O distanciamento faz parte do nonsense, então nem autor, nem leitor podem sofrer com a ideia de se deparar com um homem que decepou os dedos enquanto afiava as unhas. Alguns dos limeriques que serão citados a seguir foram traduzidos por Dirce Waltrick do Amarante e alguns são minhas traduções.

Havia um velho de Camberra
 Que afiava as unhas com serra,
 Até que os dedos cortou, e calmamente
 falou:
 Acontece quando se usa a serra!
 (AMARANTE, 2011, p.26)

Outra característica presente, segundo Noakes (1979, p. 231) são as características físicas dos personagens que podem ter defeitos alarmantes. A autora chama a atenção aqui para os limeriques de Lear que abordavam o tamanho do nariz. “Há pessoas com narizes que chegam ao chão, narizes que terminam em pendões, narizes, como trompetes e narizes que simplesmente

desaparecem [...]”²⁵ Nos limeriques, a violência e as distorções não incomodam.

Havia uma jovem senhora cujo nariz
Sem parar crescia feliz
Quando cresceu em exagero, ela exclamou
em desespero,
“Ó! Adeus ponta do meu nariz!”
(KELEN, 1973, p.71)²⁶

Outro exemplo com nariz:

Havia um velho em cujo nariz
Pousavam muitas aves de cor gris,
Mas o bando todo partia ao final de cada
dia,
Aliviando esse velho e seu nariz.
(AMARANTE, 2011, p.53)

Ávila (1996) alerta ao fato do termo limerique ser posterior a Lear, pois chamava seus curtos poemas cômicos apenas de nonsense ou *old persons*. Segunda ela, Lear seguiu fielmente a forma tradicional de limeriques como tinha aprendido, porém, alguns o acusam de perder o ponto culminante da piada no último verso quando é retomado o primeiro. De fato, seus limeriques nunca se resolvem em piada, mantendo o mistério. “[...] o discurso se fecha sobre si mesmo, realizando o seu sentido no mero preenchimento da forma-fôrma.” (ÁVILA, 1996, p. 77) A autora também faz a análise rítmica dos versos: “Seu movimento em sobe e desce, a cesura após o terceiro pé nos versos 1, 2 e 4 e após a segunda sílaba acentuada nos versos 3^a e 3b, é agradável e natural ao ouvido.” (ÁVILA, 1996, p. 65-66). As personagens abordadas nos limeriques parecem estar sempre fugindo. Há

²⁵ There are people with noses which reach to the ground, noses which finish in tassels, noses like trumpets and noses which simply disappear [...]

²⁶ There is a young lady, whose nose, / Continually prospers and grows; / When it grew out of sight, she exclaimed in a fright, / “Oh! Farewell to the end of my nose!”

outros dois grupos que são os alimentos e os animais que, por Lear, estão longe de estabelecer uma posição definida ao leitor.

Quanto às ilustrações, Amarante (2012) diz que os desenhos que acompanham os limeriques são fundamentais na criação de significados. A autora ainda ressalta que as ilustrações de Lear ora esclarecem os poemas, ora contradizem o texto, o que enfatiza ainda mais a presença do mundo absurdo do nonsense. Amarante usa como exemplo o limerique onde uma esposa coloca ‘equivocadamente’, segundo o texto, seu marido no forno. No desenho, essa não é a impressão que passa, pois ela aponta o dedo ao marido que está esperneando sobre uma forma, levando a acreditar que se trata de um ato deliberado.

Havia um velho de Belgrado
 Que via a mulher fazer um assado;
 Mas um dia ela se enganou e no forno
 quente cozinhou
 Aquele desgraçado velho de Belgrado.
 (AMARANTE, 2011, p.30)

Para Levi (2013), os limeriques fascinam tanto o público infantil quanto o adulto e elege seu limerique favorito:

Havia um velho da Bahia,
 Pai de vinte filhos e uma “fia”;
 De lesmas os alimentava e numa balança
 os pesava,
 Esse extraordinário velho da Bahia.
 (AMARANTE, 2011, p.39)

De acordo com Levi, o tema decorrente nos limeriques como a solidão e o medo do terrível destino de ser esmagado diante de uma população inteira, combinam com aspectos da vida de Lear. Coisas terríveis podem acontecer aos personagens dele, como desaparecer, ser apedrejado ou se cortar. De fato, poucos são felizes. Lear estaria, assim, refletido nas feições das personagens, carregadas de excentricidade. É como se o seu principal objetivo nos limeriques fosse escapar de convenções desagradáveis, dos lugares e das pessoas, o que gera a impressão de que era nesse lugar que o próprio escritor estava, ou pensava estar.

Havia um velho de Alicante
 Cuja mente era brilhante
 Um cavalo ele comprou e muito rápido
 andou,
 E escapou do povo de Alicante.
 (LEVI, 2013, p. 59)²⁷

Vale lembrar que os limeriques são compostos apenas de quatro ou cinco versos (dependendo da disposição gráfica), respeitando o esquema de rima AABBA. No exemplo acima, o pequeno poema está disposto em quatro versos, assim, as rimas BB acontecem na mesma linha.

A designação dada às pessoas nos limeriques está sempre ligada ao seu lugar de origem, ou seja, os protagonistas não possuem um nome próprio (HARK, 1982). Lear sempre usou nomes de lugares reais, o que acaba contribuindo ao nonsense dos versos, pois cria uma tensão entre o verdadeiro e o impossível. Outro fato relevante que a autora observa é sobre os limeriques que não identificam a origem do personagem. Nesse caso, já no primeiro verso, na segunda parte da linha, se acomoda a oração relativa.

Havia uma senhora cujo chapéu
 Os pássaros pousavam e ficava ao léu;
 Mas ela disse não se importar!
 Todos os pássaros do ar
 São bem-vindos no meu chapéu!²⁸

Davidson (apud Hark, 1982) também chama a atenção para a relação de um indivíduo excêntrico perante a sociedade ao redor dele, ou seja, as pessoas em geral, ou simplesmente ‘eles’.

Que mundo de implicações há no ‘eles’ de Lear. ‘Eles’ são a força da opinião pública, a voz melancólica da mediocridade humana: ‘eles’ estão perpetuamente interferindo na liberdade do

²⁷ There was an Old Person of Basing / Whose presence of mind was amazing; / He purchased a steed, / Which he rode at full speed, / And escaped from the people of Basing.

²⁸ There was a Young Lady whose bonnet / Came untied when the birds sate upon it; / But she said, “I don’t care! / All the birds in the air / Are welcome to sit on my bonnet!”

indivíduo: ‘eles’ fofocam, ‘eles’ condenam’, ‘eles’ são inquisitivos e convencionais e quase sempre cruéis.²⁹

Em uma das cartas escritas por Lear ao amigo Fortescue, enviada de Corfú, a qual está na íntegra no capítulo deste trabalho que trata das traduções, Lear comenta sobre um homem que conheceu. Na descrição de Lear, o tal homem, “[...] um tipo de maníaco extravagante do meu livro de nonsense que declara ter conhecido pessoalmente a Tia da Menina de Maiorca!”³⁰ (STRACHEY, 1970, p. 263) Lear confessou ao amigo que ficou espantado com tanta criatividade, uma vez que o homem descrevia até o jeito que a personagem pulava. Como seria possível isso, se as personagens foram inventadas. Abaixo seguem os versos desse limerique traduzidos por Amarante (2011, p. 36). A origem da protagonista teve que ser alterada, a fim de se manter a rima.

Havia uma mocinha de Cascais,
 Cuja tia andava depressa demais;
 Setenta milhas caminhou e quinze muretas
 pulou,
 O que pasmou a mocinha de Cascais.³¹

Noakes (1979) ressalta que embora possam parecer estranhos todas essas pessoas e esses lugares, é exatamente para esse mundo que Lear leva as crianças: elas partem para uma longa e possível viagem. A autora diz que é preciso ter coragem para velejar por um ano e um dia em uma peneira. E no final você pode descobrir que alcançar o pôr do sol das Ilhas de Boshen, pode ter te levado de um estado de isolamento a outro. Nem o *longhi-Bonghi-Bô* nem o *Dong* conseguiram se libertar de sua

²⁹What a world of implication there is in Lears ‘they’! ‘They’ are forced of public opinion, the dreary voice of human mediocrity: ‘they’ are perpetually interfering with the liberty of the individual: ‘they’ gossip, ‘they’ condemn, ‘they’ are inquisitive and conventional and almost always uncharitable.

³⁰[...] a kind of monomaniac fancy to my Nonsense Book, and declares that he *knew personally* the Aunt of the Girl of Majorca!

³¹There was a Young Girl of Majorca, / Whose aunt was a very fast walker; / She walked seventy miles, / And leaped fifteen stiles, / Which astonished that Girl of Majorca.

solidão. E a autora conclui dizendo que no final tudo não passa de um jogo de palavras e imaginação e é isso que assegura que todos se salvarão. Lear faz as crianças se sentirem a salvo.

Você pode se sentir estranho e diferente; pode haver coisas que te coloquem de lado, mas em um mundo imaginário onde as pessoas têm narizes e pernas improváveis e as mais absurdas formas de expressão, onde elas buscam esquisitices com quem possam se identificar, e onde elas, além disso, encontram gentileza e espontaneidade, você provavelmente nunca se sentirá só.³² (NOAKES, 1979, p.230)

³²You may sense that you are strange and different, there may be things which set you apart, but in an imaginary world where people have unlikely noses and legs and the strangest modes of expression, where they seek out oddities with whom they can identify, and where they yet find kindness and spontaneity, you are never likely to feel alone.

2 EPISTOLOGRAFIA

A correspondência de escritores, poetas, artistas, pintores e músicos, documentos de natureza privada, sempre despertou grande interesse editorial ao longo dos tempos. Segundo Moraes (2007) através das cartas, podemos definir um perfil biográfico de quem a escreve, uma vez que as confidências, histórias e fatos narrados em uma carta, contam a trajetória de vida de alguém. No caso de um artista, tais fatores podem ajudar a conhecer os bastidores de sua vida artística. Outro aspecto bem interessante das cartas de tais personalidades é que muitas vezes elas trazem relatos de criação de uma determinada obra, desde o projeto até as etapas de elaboração, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, “arquivo de criação, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração” (MORAES, 2007, p. 30).

Philippe Lejeune levantou essa questão na crônica “A quem pertence uma carta?”, texto publicado em 1998, capítulo do livro *Pour l'autobiographie*. Esse mesmo texto reaparece com título homônimo em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet* (2008) e desvela a complexa natureza das mensagens epistolares. “A carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar)...”. Três aspectos são levantados por Lejeune para responder tal indagação. O primeiro deles é sobre o momento que a carta é postada e passa a ser de propriedade física do destinatário, até que ele morra passando assim aos seus herdeiros. O segundo é que, mesmo após ser postada, a propriedade intelectual e moral da mesma continuam sendo de seu autor, até sua morte e depois de seus herdeiros. Entretanto, quando a carta revela aspectos da vida privada, a divulgação e a publicação podem ser autorizadas ou não por qualquer pessoa que esteja envolvida. O terceiro aspecto diz respeito ao aumento das publicações em torno de cartas de escritores, artistas, intelectuais, personalidades históricas e do interesse de pesquisadores em se desvelar esse assunto ainda pouco explorado. Esse tipo de texto atrai a atenção das mais

diversas áreas do conhecimento, almejando captar testemunhos e convicções, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas.

Para Santiago (2006), a carta traz em seu corpo aspectos de um diário pessoal e marcas da prosa de ficção ao mesmo tempo, o que pode interferir na forma como esse texto é lido e compreendido pelo receptor. Sendo assim, esse gênero pode ser utilizado como recurso para compreender a vida do autor, sua obra, seu ambiente social e suas relações familiares. Nesse caso, constitui-se como “[...] território fértil para estudos biográficos, biografias intelectuais e perfis, dirigidos à ampla (e diversificada) gama de leitores”. (MORAES, 2007, p. 02). Porém, a carta pode ser lida como texto ficcional, o que neste caso, suscitaria recursos estilísticos que exigem um tipo de leitura voltada para uma investigação das estratégias de escrita e para o jogo com a linguagem, trabalhada em sua função poética. Nesse último caso, a carta pode ser vista como palco para a atuação do sujeito, lugar para performances do ‘eu’.

Se analisarmos as cartas como um espaço sem a obrigação de se relatar somente a verdade, podemos ter aí características de cunho biográfico rasuradas, dispersas e longe da realidade. Moraes (2007), afirma que a carta coloca personagens em cena. Assim, o remetente pode se reinventar diante de seus destinatários, assumindo papéis com objetivos bem definidos. O desenho que o autor da carta retrata sobre si pode ser exagerado ou até mesmo retraído, dependendo de como ele quer se projetar nela. Além do mais, essa teatralização de si é também mediada em virtude do interlocutor. O grau de intimidade que se tem com o destinatário modula o discurso de uma carta. Santiago (2006) afirma que tudo depende de como o autor da carta quer ser visto por este ou aquele. “Informações podem ser fornecidas, comentários podem ser feitos, críticas podem ser enunciadas, mas são fornecidos, feitos e enunciados de maneira distinta para cada correspondente” (SANTIAGO, 2006, p. 64). Bezerra e Silva (2010) reafirmam que as cartas transmitem um retrato de quem as escreve, talvez mais real e inteiro do que se buscado em outras fontes bibliográficas. A imagem não seria somente momentânea, mas se formaria um conjunto de imagens, ou um retrato maior que não é o autor, mas um autor quantos for possível ele registrar.

2.1 AS CARTAS AO LONGO DA HISTÓRIA

As cartas estão presentes ao longo da história, desde a Grécia Antiga, de acordo com Miranda (2000) através da correspondência de Epicuro, Isócrates e Platão. Representavam o discurso de seus oradores, porém bem próximo da fala, sendo assim um meio de comunicação que sucede a oralidade e supre a ausência de um interlocutor direto. Podemos citar também as cartas do período romano, entre elas as de Cícero e Sêneca, melhores do que aquelas escritas pelos gregos. Por uma razão geográfica de possuírem cidades muito pequenas e independentes, os gregos se viam o tempo todo e não se ocupavam com assuntos de outras cidades, o que descaracterizava o objetivo principal da carta, o de encurtar distâncias e aproximar pessoas e informações. Indo para o século XII, Idade Média Clássica, Sainstbury (1922) cita como as cartas mais famosas do período as de Abelardo e Heloísa que passam a se corresponder com frequência depois do trágico fim de seu romance, que séculos mais tarde tiveram sua autenticidade contestada. As Paston Letters surgem no século XV e consistem em uma coleção de cartas e documentos correspondidos entre os membros da família Paston de Norfolk e outros relacionados com eles na Inglaterra, entre os anos de 1422 e 1509. A coleção também inclui alguns papéis do Estado e outros documentos importantes. Nos séculos seguintes o volume de produção de cartas não para de crescer, especialmente na França e a Inglaterra. No contexto inglês citamos a correspondência de John Donne (1572-1631), Dorothy Osbourne (1627-1695), Jonathan Swift (1667-1745), Alexander Pope (1688-1744) e Thomas Gray (1716-1771). Para dar exemplos das cartas na França, temos a correspondência de Voltaire (1694- 1778) e de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). No período do Romantismo, de acordo com Raleigh (1923) temos dois poetas românticos – Byron ((1788- 1824) e Keats (1795-1821) – cujas cartas revelam muito sobre suas personalidades. Para citar mais alguns exemplos, há ainda as cartas de Madame de Staël (1766-1817), François-Réné de Chateaubriand (1768-1848), Victor Hugo (1802-1885), Gustave Flaubert (1821-1880), Émile Zola (1840-1902), Percy Bysshe Shelley (1792-1822), Thomas Carlyle (1795-1888), Edward Fitzgerald (1809-1883) e

Charles Dickens (1812-1870). Avançando para o século XX, o volume de cartas começa a perder a intensidade pelas novas mídias que foram surgindo, entre a mais recente delas, o correio eletrônico. Entretanto, as pesquisas sobre o gênero epistolar e as publicações de coletâneas continuam a crescer.

Uma carta deve ser tomada dentro de um contexto histórico e, principalmente, emocional para ser compreendida como um todo em uma pesquisa. A mensagem epistolar deve ser vista além de um relato, ou seja, deve ser analisada como um “estado de espírito”, analisando as suas estratégias de persuasão afetiva ou intelectual. À primeira vista, o leitor terá dificuldades para preencher lacunas de sentido e apreender tudo aquilo que está nas entrelinhas da carta. Entra, neste caso o papel do pesquisador que, em contrapartida, deve ficar atento para não projetar sua própria individualidade nos vazios do texto epistolar a que se propôs a compreender.

2.2 LEAR E SUA CORRESPONDÊNCIA

As cartas escritas por Lear ao longo de sua vida são parte consideravelmente importante de sua obra. Levi (2013) aponta para o fato de que Lear tornou-se mais amplamente conhecido depois da publicação de suas cartas em 1907, por Lady Strachey. Lear viajou muito, conheceu vários lugares e durante essas viagens escrevia aos amigos contando sobre os lugares que conhecia, a rotina que tinha, apontava seu posicionamento a frente de questões políticas e religiosas, retratava seus sentimentos, incluía desenhos feitos por ele e especialmente ressaltava através de tudo isso, que era de fato um senhor inglês vitoriano, cujo olhar permanecia permeado dessa característica quando retratava o outro. As críticas que costumava fazer aos lugares nos quais chegava, às pessoas, provindas de outras civilizações, que conhecia, às notícias que recebia sobre acontecimentos dentro e fora da Inglaterra, são muito determinantes e deixam claro carregava consigo a influência do poderio inglês. Outro fator de extrema relevância é o humor leariano presente nas cartas, tornando-as uma leitura certamente prazerosa.

As cartas estão em três livros escritos em língua inglesa e em dois livros traduzidos para o italiano. Não encontrei relatos de traduções para outros idiomas, sendo, portanto, a tradução desta seleção de cartas, pioneira na língua portuguesa. O primeiro livro publicado, do qual retirei 14 das 15 cartas que traduzi, traz uma coleção de mais de cem cartas e foi editado por Lady Strachey, conhecida anteriormente por Constance Braham. Levy (2013) explica que as cartas foram parar nas mãos dela porque ela era sobrinha de Frances Countess Waldegrave, conhecida por Lady Waldegrave e esposa de Chichester Fortescue (mais tarde, Lorde Calingford) o melhor amigo de Lear e para quem grande parte das cartas é destinada. Lady Waldegrave era filha de John Braham e irmã de Charles Braham, pai de Lady Strachey. Ela conheceu Lear quando ainda era criança e relata como desde menina gostava de ver seus desenhos, ouvir suas histórias e canções (STRACHEY, 1907).

O segundo livro de cartas foi editado também por ela em 1911 e reúne outras cartas escritas por Lear e para Lear. Desse livro, entretanto, traduzi somente uma carta e não o mapearei conforme fiz com o primeiro. O terceiro livro é uma seleção feita por Vivien Noakes, a maior pesquisadora da vida e obra de Edward Lear. Foi publicado em 1988.

➤ Letters of Edward Lear. Editado por Lady Strachey. London: T. Fisher Unwin, 1907.

➤ Later Letters of Edward Lear. Editado por Lady Strachey. London: T. Fisher Unwin, 1911.

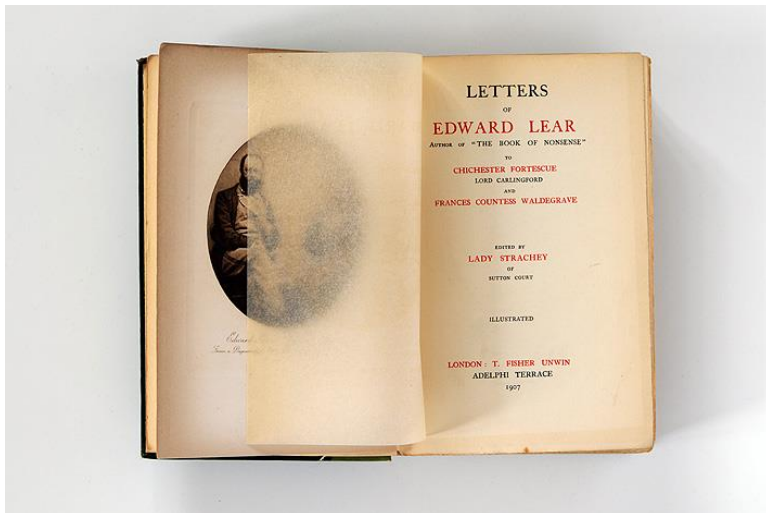
➤ Selected Letters. Editado por Vivien Noakes. Oxford: Oxford University Press, 1988.

Traduções para o italiano:

➤ *Paesaggi mediterranei; lettere 1833-1858.* Editado por Graziella Cappello. Milano: Archinto, 1990.

➤ *Lettere dall'Italia 1837-1887.* Catanzaro: Abramo, 1991.

Figura 10: Imagem do livro editado por Lady Strachey “Letters of Edward Lear”, principal fonte de consulta do processo tradutório das cartas neste trabalho.



Fonte: edwardlearcollection.blogspot.com. Acessado em 18 de abril de 2015.

2.2.1 O mapeamento das cartas

1º livro de Lady Strachey – LETTERS OF EDWARD LEAR – editado em 1907.

Na introdução do livro, há uma carta escrita por Lear a Fortescue, em estilo autobiográfico (porém não apresenta data).

A primeira carta, a mais antiga que Lady Strachey encontrou, é de 16 de outubro de 1847 quando Lear estava retornando a Roma depois de uma viagem à Calábria, região no sul da Itália.

O livro traz cartas de 1847 a 1864.

O livro traz um total de 127 correspondências.

Algumas cartas são ilustradas por desenhos e aquarelas feitas por Lear.

A maioria das cartas é escrita por Edward Lear e endereçada a Chichester Fortescue. Há também cartas que Lear

escreveu para Lady Waldegrave, esposa de Fortescue. O livro também traz algumas cartas escritas por Fortescue e Lady Waldegrave enviadas a Lear.

As cartas traduzidas da língua inglesa para a língua portuguesa neste trabalho estão marcadas com um asterisco (*).

CAPÍTULO 1

Composto por nove cartas. Cartas escritas de Roma, Grécia e Inglaterra, entre os anos de 1847 e 1853.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
(*) 1	Lear / Fortescue	Via Felice, Roma, Itália	16/10/1847
2	Lear / Fortescue	Via Felice, Roma, Itália	12/02/1848
3	Lear / Fortescue	Hotel D'Oriente, Atenas, Grécia	19/07/1848
4	Lear / Fortescue	Therapia ³³ , Istambul, Turquia	25/08/1848
5	Lear / Fortescue	Tabley House, Knutsford ³⁴ , Inglaterra	1º/08/1849.
6	Lear / Fortescue	Lydford ³⁵ , Devon, Inglaterra	19/07/1951
7	Lear / Fortescue	Lydford, Devon, Inglaterra	26/08/1851
8 ³⁶	Lear / Fortescue	Londres, Inglaterra	20/01/1852
9	Lear / Fortescue	Hastings ³⁷ , Sussex, Inglaterra	23/01/1853

³³ Therapia (em grego), também conhecida por Tarabya, é um bairro no distrito de Sariyer, em Istambul, na Turquia. Faz divisa com a Grécia.

³⁴ Knutsford é uma cidade em Cheshire, condado no noroeste da Inglaterra.

³⁵ Lydford é uma vila localizada em Devon, grande condado no sudoeste da Inglaterra, também conhecida por Devonshire.

³⁶ Há no livro imagem da carta escrita a mão por Edward Lear, com desenhos de sua autoria que ilustram seu ingresso na Academy School.

CAPÍTULO 2

Composto por dez cartas. Cartas escritas de Corfú (ou Córçira) na Grécia e Inglaterra, entre fevereiro de 1856 e novembro de 1857.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
(*) 10	Lear / Fortescue	Corfú ³⁸ , Grécia	19/02/1856
11	Fortescue/ Lear	Red House, Ardee ³⁹ , Irlanda	17/09/1856
12	Lear / Fortescue	Ilha de Quarentina, Corfú, Grécia	09/10/1856
13	Fortescue/Lear	Red House, Ardee, Irlanda	09/12/1856
14	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	11/01/1857
15	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/05/1857 d
(*) 16	Lear / Lady Waldegrave	Red House, Ardee, Irlanda	14/09/1857
17	Lear / Fortescue	Dublin, Irlanda	03/10/1857
(*) 18	Lear / Fortescue	Royal Hospital (Dublin), Irlanda	03/10/1857
19 ⁴⁰	Lear / Fortescue	Hackwood Park, Hants ⁴¹	02/11/1857

CAPÍTULO 3

³⁷ Hastings é uma cidade localizada no condado histórico de Sussex, no sudeste da Inglaterra.

³⁸ Corfú ou Córçira é uma ilha grega do Jônico, situada na costa da Albânia.

³⁹ Ardee é uma cidade no Condado de Louth na República da Irlanda, no nordeste do país.

⁴⁰ Carta escrita em grego.

⁴¹ Hants, mais conhecido por Hampshire, é um condado na costa sul da Inglaterra.

Composto por nove cartas. A maioria das cartas desse capítulo foi escrita de Corfú, entre novembro de 1857 e março de 1858.

CARTA	DESTINATÁRIO / REMETENTE	ORIGEM	DATA
20	Lear / Fortescue	Hotel Pairlim, Folkestone ⁴² , Inglaterra	20/11/1857
(*) 21	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	06/12/1857
22	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	27/12/1857
23	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	03/01/1858
24	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	18/01/1858
25	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/02/1857
26	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	13/02/1858
27	Lear / Fortescue	St. James' Place, Irlanda	28/02/1858
28	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	09/03/1858

CAPÍTULO 4

Composto por oito cartas. São cartas enviadas da Palestina, Corfú e Inglaterra, entre abril e novembro de 1858.

CARTA	DESTINATÁRIO / REMETENTE	ORIGEM	DATA
29	Lear / Fortescue	Jerusalém, Israel	1º/04/1858
(*) 30	Lear / Fortescue	Damasco, Síria	27/05/1858
31	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	28/06/1858
32	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	05/07/1858
33	Lear / Fortescue	Portman Square Londres, Inglaterra	13/09/1858

⁴² Folkestone é uma cidade costeira, situada no condado de Kent, no sudeste da Inglaterra.

34	Lear / Fortescue	Kensington, Inglaterra	1º/11/1858
35	Lear / Fortescue	Portman Square, Londres, Inglaterra	18/11/1858
36	Lear / Fortescue	Hotel Pavilion, Folxton, Inglaterra	25/11/1858

CAPÍTULO 5

Composto por dezoito cartas. Edward Lear volta a Roma, onde passa alguns meses. As cartas são enviadas de lá. No final do capítulo, há cartas enviadas de Londres, em mais uma de suas voltas à Inglaterra. As datas vão de dezembro de 1858 a novembro de 1859.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
37	Lear / Fortescue	Roma, Itália	13/12/1858
38	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	05/01/1859
39	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	24/01/1859
40	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	15/02/1859
41	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	26/03/1859
(*) 42	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	1º/05/1859
43	Lear / Fortescue	Littlegreen, Petersfield, Hants, Inglaterra	02/06/1859
44	Lear / Fortescue	East Yellow Vicarage, Romsey, Inglaterra	12/06/1859
45	Lear / Fortescue	Portman Square, Londres, Inglaterra	Julho/ 1859
46 ⁴³	Lear / Fortescue	Stratford Place,	09/07/1859

⁴³ Esta carta parece um poema (sem rimas).

		Oxford Street, Londres, Inglaterra	
47	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	18/07/1859
48	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	28/07/1859
49	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	31/07/1859
50	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	02/09/1859
51	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	02/09/1859 ⁴⁴
52	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	07/09/1859
53	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	21/10/1859
(*)54 ⁴⁵	Lear / Fortescue	Londres, Inglaterra	04/11/1859

CAPÍTULO 6

Composto por onze cartas. A primeira carta deste capítulo é escrita de Marseille, na França e as demais são da Itália, mais especificadamente de Roma e da Inglaterra. São escritas de dezembro de 1859 a março de 1861.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
(*) 55	Lear / Fortescue	Hotel Bristol, Marseille, França	26/12/1859

⁴⁴ Há duas cartas escritas para Fortescue no mesmo dia.

⁴⁵ Esta carta é um poema com métrica e rimas.

56	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	06/01/1860
57	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	11/01/1860
58	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	22/03/1860
59	Lear / Lady Waldegrave	Oxfordshire, Inglaterra	Julho1860 ⁴⁶
60	Lear / Lady Waldegrave	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	05/09/1860
(*) 61	Lear / Fortescue	Oatlands Park Hotel,Surrey, Inglaterra	30/09/1860
62	Lear / Lady Waldegrave	Stratton, Micheldever, Inglaterra	23/10/1860
63	Lear / Fortescue	Oatlands Park Hotel, Surrey, Inglaterra	07/12/1860
64	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	07/03/1861
65	Lear / Fortescue	Angel Hotel, Hampshire, Inglaterra	18/03/1861

CAPÍTULO 7

Composto por sete cartas. São cartas escritas da Itália e Inglaterra, em 1861.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
66 ⁴⁷	Lear / Fortescue	Aosta, Itália	28/07/1861
67	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings,	29/08/1861

⁴⁶ Não há o registro do dia nesta carta.

⁴⁷ Carta escrita em Francês.

		Sussex, Inglaterra	
68	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	05/09/1861
69	Lear / Fortescue	St. Leonards on Sea, Hastings, Sussex, Inglaterra	21/09/1861
70	Lear / Fortescue	Stratford Place, Londres, Inglaterra	11/10/1861
71	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	12/10/1861
72	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	28/10/1861
73	Lear / Fortescue	Hotel de La Ville, Trieste, Itália	16/11/1861

CAPÍTULO 8

Composto por treze cartas. São cartas escritas de Corfú, na Grécia, entre dezembro de 1861 a maio de 1862.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
74	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/12/1861
75	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	17/12/1861
76	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	29/12/1861
77	Lear / Lady Waldegrave	Corfú, Grécia	05/01/1862
78	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	08/01/1862
79	Fortescue/ Lear	Red House, Ardee, Irlanda	11/01/1862
80	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	21/01/1862
81	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	23/01/1862
82	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	02/02/1862
83	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	06/04/1862
84	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	14/04/1862
(*) 85	Lear / Fortescue	Palaeokastrizza,	20/04/1862

		Corfú, Grécia ⁴⁸	
86	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	27/04/1862
87	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	07/05/1862
88	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	17/05/1862
89	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	19/05/1862

CAPÍTULO 9

Composto por onze cartas. As cartas são escritas da República de Malta, país desenvolvido no sul do continente europeu que consiste em um arquipélago situado no Mar Mediterrâneo. Neste capítulo, também veremos cartas escritas da Inglaterra. As datas são de maio a novembro de 1862.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
(*) 90	Lear / Fortescue	Hotel Imperial, Valeta, República de Malta	29/05/1862
91	Lear / Fortescue	Lewes, Sussex, Inglaterra	05/06/1862
92	Lear / Fortescue	Dudbrook ⁴⁹ , Essex, Inglaterra	19/09/1862
93	Lear / Fortescue	Burton Park, Petworth, Sussex, Inglaterra	21/09/1862
94	Lear / Fortescue	Eastbourne, Sussex, Inglaterra	03/10/1862
95	Lear / Fortescue	Hastings, Sussex, Inglaterra	04/10/1862
96	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	17/10/1862

⁴⁸ Palaeokastrizza era um convento em Corfú. Lear estava lá durante a Páscoa de 1862.

⁴⁹Dudbrook era o nome da antiga propriedade da família Waldegrave. Fortescue escreveu esta carta a Lear para contar sobre seu noivado com Lady Waldegrave.

97	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	21/10/1862
98	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	24/10/1862
99	Lady Waldegrave/ Lear	Dudbrook, Essex, Inglaterra	26/10/1862
100	Lear/ Lady Waldegrave	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	04/11/1862

CAPÍTULO 10

Composto por dez cartas. São cartas escritas de Corfú, na Grécia, entre novembro de 1862 e março de 1863.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
101	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	30/11/1862
102	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/01/1863
(*) 103	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	11/01/1863
104	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/02/1863
105	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	08/02/1863
106	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	09/02/1863
107	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	22/02/1863
108	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	1º/03/1863
109	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	15/03/1863
110	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	23/03/1863

CAPÍTULO 11

Composto por treze cartas. São cartas escritas da Inglaterra, exceto as duas primeiras que são da Itália, entre junho de 1863 e janeiro de 1864.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
--------------	------------------------------------	---------------	-------------

111	Lear / Fortescue	Ancona ⁵⁰ , Itália	08/06/1863
112	Lear / Fortescue	Turim ⁵¹ , Itália	17/06/1863
113	Lear / Fortescue	Turim, Itália	05/08/1863
114	Lear / Fortescue	Hastings, Sussex, Inglaterra	09/08/1863
115	Lear / Fortescue	Hastings, Sussex, Inglaterra	14/08/1863
116	Lear / Fortescue	Hastings, Sussex, Inglaterra	16/08/1863
(*) 117	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	06/09/1863
118	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	14/09/1863
119	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	15/09/1863
120	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	16/09/1863
121	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	Set 1863
122	Fortescue/ Lear	Dudbrook, Essex, Inglaterra	22/11/1863
123	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	1º/01/1864

CAPÍTULO 12

⁵⁰ Ancona, cidade portuária da região de Marche, liga a Itália à Grécia e à Croácia.

⁵¹ Turim é uma comuna italiana, localizada ao noroeste do país, capital e maior cidade da região do Piemonte, e efetivamente a quarta maior cidade do país,

Composto por quatro cartas. São cartas escritas da sua última visita a Corfú, de janeiro a abril de 1864.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
124	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	10/01/1864
125	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	31/03/1864
126	Lear / Fortescue	Hotel de La Couronne, Atenas, Grécia	08/04/1864
127	Lear / Fortescue	Canea, Creta ⁵² , Grécia	24/04/1864

⁵² Creta é a maior e mais populosa ilha da Grécia, situada no sul do mar Egeu.

3 AS CARTAS TRADUZIDAS

Apresento neste capítulo a tradução de uma seleção de cartas à língua portuguesa, acompanhada dos respectivos originais em língua inglesa.

As cartas 01 a 14 estão no livro de Strachey (1907). Apenas a carta 15 é do livro de Strachey (1911).

Criada para facilitar o cotejo dos textos, a disposição em duas colunas com parágrafos numerados origina linhas em branco, que servem somente para manter o alinhamento entre original e tradução.

As imagens presentes nas cartas estavam no texto de partida, sendo assim, optei por mantê-las.

CARTA 01

(STRACHEY, 1907, p. 2-5)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Via Felice, Roma 16 Oct., 1847</p> <p>1 Dear Fortescue, –Do not expect an unhampered & simple epistle as of yore, but allow something for the effect of your M.P'ism on my pen and thoughts: Or rather I will forget for a space that you are a British senator, & write to that Chichester Fortescue whose shirt I cribbed at Palestrina.</p> <p>2 Your letter, (one of 27, awaiting my coming, which coming took place extremely late last night,) diverts me highly: –Proby my constant companion (& few there be better,) agrees with me about your view of the road to Aviano -which we have only just, oddly enough gone over. Avellino is certainly exquisite, & so is Mte. Vergine when not in a fog, –But of Apulia we saw little, only from hills apart, because the atmosphere was</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Via Felice, Roma 16 de outubro de 1847</p> <p>1 Prezado Fortescue, não espere uma carta fácil e simples como as anteriores, mas permita algo à altura do seu parlamentarismo sob minha caneta e pensamentos; ou então esquecerei por um segundo que é um senador britânico e escreverei para aquele Chichester Fortescue cuja camisa eu roubei na Palestina.</p> <p>2 Sua carta (aquela do dia 27, aguardando minha vinda, que aconteceu extremamente tarde noite passada) me divertiu muito. Proby ⁵³ minha companhia constante (e poucas serão as melhores) concorda comigo sobre sua opinião da estrada a Aviano – pela qual curiosamente temos passado muitas vezes. A Província de Avelino é certamente ótima, assim como Montevergine quando não há nevoeiro. Mas de Apúlia vimos pouco, somente além das colinas,</p>
---	---

⁵³ John, Lorde Proby, filho mais velho do Conde de Carysfort, de quem Lear fala como sendo “uma excelente companhia”, foi um amigo de longa data. Morreu em 1858.

<p>poisonous in Septbr. Nevertheless Proby went to Cannae, and I believe found one of Annibals shoes or spurs, –also a pinchbeck snuffbox with a Bramah lock belonging to a Roman genl. –I rather chose to go see Castel del Monte, a strange record of old F. Barbarossa & which well repaid no end of disgust in getting at it. We saw the tree Horace slept under at Mte. Vulture, & were altogether much edified by the classicalities of Basilicata.</p> <p style="text-align: center;">3 I will begin from the</p>	<p>porque o clima estava ruim em setembro. No entanto Proby foi a Canas e creio ter encontrado um dos sapatos ou esporas de Aníbal⁵⁴; também uma caixa de rapé de ouro falso com fechadura Bramah⁵⁵ que deve ter pertencido a um general romano. Preferi ir ao Castel del Monte⁵⁶, um história curiosa do velho Frederico Barba-roxa⁵⁷, que bem compensou o desgosto que foi para consegui-la. Vimos a árvore sob a qual Horácio adormeceu no Monte Vulture, tudo completamente edificado pelos classicismos de Basilicata.</p> <p style="text-align: center;">3 Vou começar pelo</p>
---	--

⁵⁴ Aníbal, filho de Amílcar Barca (248 a.C. - 182 a.C.) foi um general e estadista cartaginês considerado por muitos como um dos maiores táticos militares da história. Seu pai, Amílcar Barca, foi o principal comandante cartaginês durante a Primeira Guerra Púnica, travada contra Roma.

⁵⁵ Joseph Bramah (1748 - 1814) foi um inventor inglês a quem se atribui a invenção da prensa hidráulica e de várias fechaduras de alta segurança.

⁵⁶ Castel del Monte é uma fortaleza do século 13 situado na região da Apúlia, sudeste da Itália. Foi construído pelo imperador Frederico II da Germânia, neto de Frederico I.

⁵⁷ Frederico I da Germânia (1122 –1190) - também conhecido por Frederico Barba-roxa, Frederico Barbarossa (ou simplesmente o Barbarossa) - foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico, rei da Itália e duque da Suábia. O nome "Barbarossa", forma aportuguesada do italiano "barbarossa" (isto é, barba ruiva) popularizou-se apesar de seu evidente despropósito, pois o significado original é "barba vermelha", devido à longa barba ruiva que ele usava. Na carta, Lear o cita estranhamente logo após falar do Castel del Monte que foi construído por Frederico II. Não há como saber se foi um engano por parte dele ou se ele queria mesmo se referir ao Barba-roxa.

<p>beginning. First then I went (May 3) to Palermo, & on the 11th set out with Proby for Segestse. Excepting a run round by Trapani & Massala, & a diversion to Modica, Noto, and Spaccaforno, one Sicilian giro was like that of all the multitude. The Massala trip does not pay –& the only break to the utter monotony of life & scenery occurred by a little dog biting the calf of my leg very unpleasantly as I walked unsuspectingly in a vineyard. At the caves of Ipeica we became acquaint with a family of original Froglodytes : they are very good creatures, mostly sitting on their hams, & feeding on lettuces & honey. I proposed bringing away an infant Frog, but Proby objected. Siracuse only wanted your presence to make our stay more pleasant: I waited for and expected you every day. We abode in a quarry per lo piu, & left the place sorryly. From Catania we saw Etna & went up it: a task, but now it is done I am glad I did it: such extremes of heat and cold at once I never thought it possible to feel. Taormina the Magnificent we</p>	<p>início. Primeiro fui (no dia 03 de maio) a Palermo, o no dia 11 parti com Proby para Segesta. Com exceção de uma volta em Trápani e Marsala, diversão em Módica, Noto, e Spaccaforno, uma excursão siciliana como a que todos fazem. A viagem a Marsala não compensa e a única quebra da extrema monotonia da vida e da paisagem foi um cachorrinho mordendo a minha panturrilha enquanto eu caminhava bem distraído num vinhedo. Nas cavernas de Ipeica nos tornamos conhecidos de uma família de troglössapos: eram boas criaturas, a maioria sentada em seus pernis, e alimentando-se de alface e mel. Cogitei em trazer comigo um filhote de sapo, mas Proby não concordou. Em Siracusa, sua presença tornaria nossa estada mais agradável, esperei você todos os dias. Hospedamo-nos em uma pedreira e saímos daqui desolados. De Catânia avistamos Etna⁵⁸ e o escalamos, uma dificuldade, mas agora está feito, fico feliz por isso, extremos de calor e frio ao mesmo tempo o qual nunca imaginei que pudesse sentir. Em Taormina, a</p>
--	---

⁵⁸ O Etna é um vulcão ativo situado na parte oriental da Sicília (Itália), entre as províncias de Messina e Catânia.

staid at 4 or 5 days, & then from Messina returned by that abominable North Coast to Palermo, just in time for the fête of Sta Rosalia a noisy scene which made me crosser than ever, and drove away the small remains of peaceful good temper the ugliness of the North Coast had left me.

4 So, 19th July –we returned to Naples –& there, as at Palermo was Scott –& to my disgust –no Fortescue. I fear when Scott sent up your card, & then entered too soon himself –I fear my visage fell very rudely. But I wish much now I had seen more of Sir F. Scott: as he improves immensely on knowing him. On the 26th we left Messina for Reggio. (N.B. I have crossed the sea from Naples to Sicily so often this year, that I know nearly all the porpoises by their faces, & many of the Merluzzi.) Would I had gone on to the 2nd & 3rd provinces: but the revolution which bust out in Reggio prevented me. What is the use of all these revolutions which lead to nothing? as the displeased turnspit said to an angry cookmaid. –Returning to Naples for the 199th time, we disposed of a month as I have said over leaf, in the provinces

Magnífica, ficamos quatro ou cinco dias e então de Messina retornamos a Palermo pela abominável Costa Norte, a tempo da Festa de Santa Rosália, uma cena barulhenta a qual me deixou mais indisposto do que nunca e levou o resto de bom humor que a feiura da costa norte tinha me deixado.

4 Então, em 19 de julho voltamos a Nápoles, lá assim como em Palermo estava Scott e para meu desgosto, nada de Fortescue. Receio que quando Scott me enviou teu cartão, e entrou tão de repente, meu semblante tenha se tornado muito hostil. Gostaria de ter visto mais o Senhor Scott, quanto mais se conhece mais se gosta. No dia 26 deixamos Messina e fomos para Reggio. (Obs. Tenho atravessado o mar de Nápoles a Sicília tão frequentemente este ano, que conheço todos os golfinhos por suas feições e muitas das merluzas). Teria ido às províncias Segunda e Terceira: mas a revolução que estourou em Reggio me impediu. De que adiantam essas revoluções se elas não levam a nada? - disse o servo insatisfeito à cozinheira. Retornando a Nápoles pela 199ª vez, dispusemos de um mês, como eu tinha dito antes, nas províncias de Basilicata, Melfi,

<p>of Basilicata, Melfi, Venosa, etc. etc., and were not sorry to have done so.</p> <p>5 Rome is full of fuss and froth: but I believe now that Pio IX is a real good man, & a wonder. Railroads, gaslight, pavements, for all to be done in 1960? The last part of my stay here was a blank from the death of my oldest Roman friend, good kind Lady Susan Percy.</p> <p>6 Remember me to my friends, & believe me,</p> <p>Dear Fortescue,</p> <p>sincerely yours, Edward Lear.</p>	<p>Venosa, etc, etc e não nos arrependemos por isso.</p> <p>5 Roma está cheia de alarde e futilidades, mas acredito que Pio IX seja realmente um bom homem, e uma surpresa. Estradas férreas, luz a gás, pavimentação, estará tudo pronto até 1960? A última parte da minha estadia aqui ficou um vazio com a morte da minha mais velha amiga romana, a amável Lady Susan Percy ⁵⁹.</p> <p>6 Recorde-me aos amigos e minhas considerações</p> <p>Caro Fortescue,</p> <p>Atenciosamente, Edward Lear</p>
--	--

⁵⁹ Ela era irmã do quinto Duque de Northumberland.

CARTA 02

(STRACHEY, 1907, p. 32-35)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Corfu, 19 Febr. 1856</p> <p>1 It seems we were a writing to each other pretty nearly at the same time, for yours which I was truly thankful for, is dated Jan. 6th and I sent mine off to you on the 6th. But the letters were different, mine I fear me was so glumy that you might have been uncomfortable about me ever since, notwithstanding my growlygrumbleπαπος (most), known nature, and therefore and wherefore, I shall send you this, though it will not be a long letter, rather than not write at all, for the days are so full of occupation that I vainly try for leisure. Up at 6, Greek master from 6 $\frac{3}{4}$ to 7 $\frac{3}{4}$. Breakfast &c., to 9, then work till 4, or sketching out of doors, and either dining out or at home with writing and drawing fill up my hours. First, I wish you a happy new Year, & continually, if I didn't do so before. At all events I wish you a lot of happy new Leap-years.</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Corfu, Grécia 19 de fevereiro de 1856</p> <p>1 Parece que estávamos escrevendo um ao outro quase ao mesmo tempo, pois a sua, pela qual fiquei verdadeiramente agradecido, é da data de 6 de janeiro e lhe enviei a minha no dia 6. Mas, as cartas eram diferentes. Receio que a minha tenha sido tão sombria que possa ter se sentido incomodado em relação a mim desde então, apesar das minhas conhecidas resmunguices⁶⁰ (muitas) e, portanto e por isso, lhe envio essa. Embora não seja uma carta longa é melhor do que não escrever nada, pois os dias são tão cheios de afazeres, que busco o lazer em vão. Levanto às 6, aula de grego das 6:45 às 7:45. O café da manhã etc às 9, então trabalho até às 4, ou desenho ao ar livre, e até mesmo janto fora ou em casa com a escrita e o desenho preenchendo minhas horas. Em primeiro lugar, desejo-lhe um feliz ano novo, continuamente, se eu</p>
---	--

⁶⁰ Lear mistura inglês e grego “growlygrumbleπαπος”. Traduzindo παπος do grego significa papo e as palavras grow e grumble significam resmungar, rosnar.

<p>2 I still think of making Corfu my head-quarters, & of painting a large picture here of the Ascension festa in June, for 1857 Exhibition, & of going over to Yannina and all sorts of Albanian abstractions.</p> <p>3 I hope to send your drawing soon, together with Sir John Simeon's & Mr. Clive's pictures. The reason I did not send the fellow to your "Morn broadens" was because I could not satisfy myself at all as to the quality of the one I began. Yours is so finished a picture that I should not like a less good one by its side.</p> <p>4 Do you know there has been literally no winter here ; they say it is 27 years since there was so little cold, & still some think we shall have a touch of rigour in March : in fact, I have scarcely any Asthma, & no symptom of Bronchitis at all. When I get a house, you must come out and have a run, & I'll put you up :</p>	<p>não o fiz antes. Em todo o caso desejo-lhe muitos felizes anos bissextos.</p> <p>2 Ainda penso em fazer de Corfu meu quartel-general e em pintar um grande quadro aqui da festa da Ascensão, em junho, para a exposição de 1857 e atravessar Janina⁶¹ e todas as abstrações albanesas.</p> <p>3 Espero enviar seu desenho em breve, juntamente com os quadros do Senhor John Simeon e do Sr. Clive. A razão de eu não enviar um companheiro ao seu "Morn broadens"⁶² é porque eu não consegui me satisfazer totalmente quanto à qualidade do começo. O seu é uma gravura tão bem terminada que eu não gostaria de nada ruim ao seu lado</p> <p>4 Sabe que literalmente não tem feito frio aqui. Dizem que há 27 anos que não fazia tão pouco frio e alguns ainda acreditam que teremos um clima mais rigoroso em março. De fato, quase não tenho tido asma e nenhum sintoma de bronquite</p>
---	---

⁶¹ Janina ou Joanina é uma cidade da Grécia, capital da periferia do Épiro.

⁶²"Morn broadens on the borders of the dark" é uma bela pintura a óleo pertencente a Fortescue.

I'll feed you with Olives & wild pig, and we'll start off to Mount Athos. Bowen his marriage takes place at the end of April. The Balls are all over now & gaiety generally, dinners excepted, though I am going to soon back out of all, by dining early. The not being able to get any properly lighted painting room annoys me horribly, and I confess still to being at times very low spirited and depressed, but not so much as before.

5 You cannot tell me news of the Millais: the blind girl picture was begun when we were together in Sussex. W. Holman Hunt has just come back, & Mr. Tennyson writes is going there. I wish he was here – The sort of lonely feeling of having no one who can sympathize professionally with one's goings on, is very odious at times. Lushington would more or less, but his work is

até agora. Quando conseguir uma casa, deveria vir para um passeio, o hospedarei, o alimentarei com azeitonas e porco do mato e partiremos ao Monte Athos. Bowen, seu casamento⁶³ acontece no final de abril. As Bolas estão por todo lugar agora e a alegria é geral, exceto os jantares, mas, em breve, jantarei mais cedo. A impossibilidade de uma sala de pintura bem iluminada me incomoda terrivelmente, e confesso ainda me sentir às vezes desanimado e deprimido, mas não tanto como antes.

5 Você não teria notícias do Millais⁶⁴, o quadro⁶⁵ da menina cega começou quando estávamos juntos em Sussex. W. Holman Hunt acaba de voltar, e o Sr. Tennyson⁶⁶ escreve que vai até aí. Gostaria que ele estivesse aqui. O sentimento de solidão de não ter ninguém com quem me simpatize

⁶³ Ele se casou com uma grega, filha de Roma, que foi nomeado Vice-Governador de Ithaca em 1858. Seu irmão casou com uma irmã da rainha de Montenegro.

⁶⁴ John Everett Millais (1829 — 1896) foi um pintor e ilustrador inglês e um dos fundadores da Irmandade Pré-Rafaelita.

⁶⁵ Agora na Galeria de Artes de Birmingham.

⁶⁶ Tennyson se tornou um grande amigo de Lear, que frequentemente ficava com ele quando ele estava na Inglaterra. Um de seus poemas é dedicado “A E.L. em suas viagens pela Grécia.”

<p>tremendously heavy, & when he gets any leisure, he rides or yachts, or shoots, all out of the way sports for me, except the former ; I did ride all last Saturday for a wonder, & wish I had tin to keep a horse. Have you any message to Lady Emily κοζζηρις? The Lord High C. & Lady Young are very good-natured, but I don't take to Court life, and not playing cards am doubtless a bore, or rather useless. But I suppose they are good people. There are really some very nice people here among the Militia Officers Ormsbys, Harringtons, Powers, &c. &c., and their going would aggravate them as stays behind. I am painting "And I shall see before I die the palms and temples of the south," for Sir John Simeon, being Philae by sunset, but my eyes give me a good deal of trouble, and I don't know how they will bear the summer.</p>	<p>profissionalmente é muito detestável às vezes. Lushington seria razoável, mas o seu trabalho é extremamente pesado, e quando ele consegue qualquer lazer, ele cavalga ou passeia de barcos, ou pratica tiros, todos os esportes que não servem para mim, exceto o primeiro; eu cavaleguei no último sábado por milagre, e gostaria de ter uns cobres para manter um cavalo. Tem alguma mensagem para Lady Emily κοζζηρις? ⁶⁷ O Lorde High C. ⁶⁸ e a Lady Young são muito bem-humorados, mas não dou para a vida da Corte, e não jogando cartas, sou sem dúvida, um chato, ou melhor, inútil. Mas acho que eles são boas pessoas. Há pessoas muito agradáveis aqui entre os oficiais da milícia Ormsbys, Harrington, Powers, etc, etc e sua ida prejudicaria os que permanecem. Estou pintando "E vou conhecer antes de morrer as palmeiras e os templos do sul", para o Senhor John Simeão, com o Templo de Isis ⁶⁹ ao por do</p>
--	---

⁶⁷ Emily Kozziris, filha do segundo Conde de Clancarty e uma prima de Fortescue. Casou-se com Giovanni Kozziris em 1843.

⁶⁸ Senhor John Young foi escolhido como Lorde do Alto Comissariado em 1855.

⁶⁹ O templo de Ísis, um complexo de templos, foi construído na ilha de Philae (305 a 30 a.C.).

	sol, mas, meus olhos me dão problemas e não sei como eles vão suportar o verão.
--	---

CARTA 03

(STRACHEY, 1907, p. 51-55)

<p>Lear to Lady Waldegrave</p>	<p>Lear para Lady Waldegrave</p>
<p>Red House, Ardee, 14. Sept., 1857</p>	<p>Red House, Ardee, Irlanda</p>
<p>14 de setembro de 1857</p>	<p>14 de setembro de 1857</p>
<p>1 Dear Lady Waldegrave, - I think you may be amused by my writing you some account of my visit to Ireland, if you have courage to look at such an alarming sheet of paper as this is: but if it appears too frightful you can easily tear it up, or at least not read it. You will have heard from Charles Braham that we were very comfortable at Ravensdale: - really I never saw a more delightful place, nor a better house than Lord Clermont's, & the days I passed there were most pleasant. I had known Lord & Lady Clermond years ago in Rome, (even before I knew the Fortescue,) & as they are extremely nice persons, Ravensdale, including possessors, grounds, gardens, views, peacocks, & rabbits, rivers, dinners, with all the objects and things in general seemed a first rate place. Nevertheless I was curious to</p>	<p>1 Cara Lady Waldegrave, acho que pode se divertir com a minha carta contando sobre minha visita à Irlanda, se tiver coragem de olhar para uma folha de papel tão alarmante como esta, mas, se lhe parecer muito assustador, pode facilmente rasgá-la, ou pelo menos não lê-la. Terá ouvido de Charles Braham que estávamos muito confortáveis em Ravensdale, de fato nunca vi um lugar mais agradável nem uma casa melhor do que a do Lorde Clermond⁷⁰ e os dias lá foram os mais agradáveis. Conheci o Lorde e a Lady Clermond anos atrás, em Roma (antes mesmo de eu conhecer o Fortescue) e são pessoas extremamente agradáveis. Ravensdale, incluindo proprietários, terrenos, jardins, vistas, pavões e coelhos, rios, jantares, com todos os objetos e as coisas em geral parecia um lugar de</p>

⁷⁰ Irmão mais velho de Chichester Fortescue.

see RD, & the Red House, & above all the Aunt, so that I was not sorry to come here, the rather that I am always more or less disagreeable if I am not at work.

2 The Irish are funny people, & the moment one lands here it is evident the England & Ireland are very different countries in many respects. Among other odd ways of speech, the common people never by any chance say Yes, or No,: - e.g. Is it time to go? "*It is not Sir*" or "*It is Sir*" Have you cleaned my boots. "I have Sir" or "I have not Sir." When we asked at Dublin if the Scientific Association meeting was over, they said: "Indeed & it isn't, but the strength of it is pretty well broken," as if it were a revolution. But one of the best absurdities is told of an old woman here, who though pretty well off grumbled horribly, & when they said to her that for good clothes, prosperous children, a kind husband & comfortable house she ought to thank God- "And sure don't he take it out of me in Corns! said she. I go into fits

primeira. No entanto, eu estava curioso para conhecer Ardee, e a Red House, e, sobretudo, a tia⁷¹, por isso não fiquei arrependido de vir aqui, apesar de que sempre estou um tanto insatisfeito se não estou no trabalho.

2 Os irlandeses são pessoas engraçadas e no momento em que se pisa aqui fica evidente que a Inglaterra e Irlanda são países muito diferentes em muitos aspectos. Entre formas estranhas de falar, as pessoas comuns nunca dizem sim ou não; por exemplo: É hora de ir? "Não é, Senhor" ou "É, Senhor" Você já limpou minhas botas? "Limpei, Senhor" ou "Não limpei, Senhor" Quando perguntamos em Dublin se a reunião da Associação Científica tinha acabado, eles disseram: "Na verdade, não acabou, mas a chance disso acontecer é bem evidente," como se fosse uma revolução. Mas, um dos melhores absurdos é uma velha mulher, que embora bem de vida reclamasse terrivelmente e quando disseram a ela que por boas roupas, crianças

⁷¹ A *Red House* era de propriedade de William Parkinson Ruxton e sua esposa Anna Fortescue Ruxton, tia de Chichester Fortescue, aqui na carta chamada de Sra. Ruxton.

of laughing here, when they call after Fortescue, "MIMBER!" and it is also very queer to hear them congratulate him on being at home again.

3 But the wonder and crowning part of Redhouse is the Aunt, Mrs. Ruxton: - I never saw a delightful or so extraordinary an old lady: - at 85, she has all the activity of mind and body of persons at 60 in usual life, & far more of the bright intelligence, absolute fun, constant cheerfulness, unselfishness, good sense and judgment, kindness of thought & deed than usually can be found united in any individual of any age. Only she is a little deaf, but that at times, not always. It is quite singular to observe how she enters into the interest of all kinds of matters, & never seems to tire, tho' she is out in the garden by 7, & goes to bed not before 11 at night ! What with her garden, the grounds, the house, writing letters, visiting her poor people, attending her schools,

prósperas, um marido amável e uma casa confortável ela deveria agradecer a Deus "E certeza que ele não vai cobrar isto de mim em impostos ⁷²?" disse ela. Tenho acessos de riso aqui quando eles chamam o Fortescue de "MIMBER!" ⁷³ e é também muito estranho ouvi-los felicitá-lo por estar em casa novamente.

3 Mas, a maravilha e o ápice da Red House é a tia, a Sra. Ruxton, nunca vi uma senhora tão agradável e extraordinária: aos 85, ela tem toda a atividade mental e corporal das pessoas de 60 anos com vidas comuns e muito mais inteligência, diversão, alegria constante, altruísmo, bom senso e julgamento, bondade de pensamento e ação do que normalmente pode ser encontrado em qualquer indivíduo de qualquer idade. A única coisa é que ela é um pouco surda, mas nem sempre. É bastante singular observar como ela se interessa por todos os tipos de assuntos e parece nunca se cansar, embora ela esteja no jardim às 7, e vá dormir às 11 da noite! Com seu jardim, com a casa, as

⁷² *Corns* era um tipo de imposto lançado sobre os cereais na Grã-Bretanha.

⁷³ Membro do Parlamento.

(she drives herself about in a pony-chaise,) reading and talking, she never seems to have an unoccupied moment, & tho' at first I thought this might be an unusual state of things, I find she is exactly the same day by day. The old lady has still the remains of great beauty & her expression is one of the most perfectly benevolent & animated you can imagine. She is immensely fond of Fortescue, & no wonder, for he is just like a son to her. Chichester Fortescue has in fact appeared to me quite in a new light since I saw him here: I always knew many of his qualities well, his good and general taste in matters of literature, art, &c., his great truthfulness & his warm and generous disposition : but I was not prepared to find him so active in all county & parochial business, nor had I ever seen him in the position of a most affectionate child as he is to Mrs. Ruxton. It is always a great thing to find that longer and closer knowledge of character makes it more esteemed & liked, and my stay here has already caused me to think higher of Chichester

cartas escritas, a visitação aos pobres, atendendo suas escolas, (ela dirige sozinha uma pequena carruagem), lendo, conversando, ela nunca parece ter um momento desocupada e embora no começo pensasse que isso poderia ser um estado incomum, acho que ela é exatamente assim todos os dias. A velha senhora ainda tem os traços de grande beleza e sua expressão é uma das mais benevolentes e animadas que você possa imaginar. Ela é imensamente afeiçãoada a Fortescue e não é de admirar, pois ele é como um filho para ela⁷⁴. Chichester Fortescue tem, de fato, se revelado com um novo brilho desde que o vi aqui. Sempre conheci bem suas qualidades, seu bom gosto em matéria de literatura, arte, e etc, sua grande honestidade e sua calorosa e generosa disposição, mas não estava preparado para encontrá-lo tão ativo em todos os negócios municipais e paroquiais, também nunca tinha o visto na posição de uma criança muito carinhosa que é o que ele representa à

⁷⁴ A Sra. Ruxton criou os dois filhos do seu irmão que morreu em 1826 e cuja esposa morrera em 1824. O mais velho tornou-se mais tarde o Lorde Clermond e o mais jovem era Chichester Fortescue (tinha o mesmo nome do pai) e que mais tarde se tornou o lorde Carlingford.

Fortescue & to like him better than I ever did before, & that is saying no little.

4 Another point of Mrs. Ruxton's character is her quiet & regular piety, though that you might assume from my description of her goodness : she is in a word a tip top Christian multiplied by 20 & I never believed I could see so much to admire in any old lady.

5 Our party is small here only Chichester, Hamilton, Fortescue's nephew, a good quiet lad. (They are all anxious enough about his brother John, who is near Benares). And a fourth person is a lady, formerly governess to Miss F[ortescue]. A very good person also, but given to enunciate sentences & ask questions as if she were reading from a book in a manner that tries our gravity now & then. "Have you ever, Mr. Fortescue, been induced to tempt the tempestuous waves of the remote Atlantic in order to visit the wondrous New World?"

senhora Ruxton. É sempre bom saber que quanto mais conheço seu do caráter, mais o estimo e minha estadia aqui já me faz pensar melhor sobre Chichester Fortescue e gostar mais dele do que antes, o que não é dizer pouco.

4 Outro ponto da personalidade da Sra. Ruxton é sua piedade suave e constante que você poderia supor a partir de minha descrição de sua bondade que ela está, em uma palavra, no topo dos Cristãos multiplicado por 20 e nunca pensei que pudesse descobrir tantas qualidades para admirar em uma velhinha.

5 Nosso grupo é pequeno aqui, só Chichester, Hamilton, o sobrinho de Fortescue, um bom e tranquilo rapaz. (Eles estão todos ansiosos o suficiente acerca de seu irmão John⁷⁵, que está perto de Benares). E uma quarta pessoa é uma senhora, antiga governanta da Senhorita Fortescue⁷⁶. Uma pessoa muito boa também, mas dada a enunciar frases e fazer perguntas como se estivesse lendo um livro, de uma

⁷⁵ John Hamilton estava nesta época ocupando um posto como engenheiro, e estava no meio do motim indiano. Morreu em 19 de outubro de 1858.

⁷⁶ Irmã mais jovem de Fortescue, casou-se com David Urquhart, posteriormente membro do parlamento em Stafford.

"Tea is an innoxious & wholesome beverage & is acceptable at all times," are specimens of what I mean: - but Miss B. is very full of information & very amiable & attentive to Mrs. Ruxton.



6 After prayers & breakfast, I collapse into a small studio which they have given me, where I paint away till luncheon time, & again afterwards till 6, when I walk with C. F. till 7: but I am not

maneira que quase nos faz perder a compostura "Alguma vez, Sr. Fortescue, já foi induzido a enfrentar as ondas tempestuosas do remoto Atlântico, a fim de visitar o maravilhoso novo mundo?" "O chá é uma bebida inofensiva e saudável e é aceitável em todos os momentos", são exemplos do que quero dizer, mas, a Senhorita B. é muito culta, amável e atenciosa com a Sra. Ruxton.



6 Depois das orações e do café da manhã, me fecho em um pequeno estúdio que me deram, onde pinto até a hora do almoço, e depois novamente até às 6, quando caminho com Chichester Fortescue até às 7, mas não

<p>sure that the experiment of working in a friend's house is a good one, seeing that I am always wrapped up in what I am about, and as I rarely succeed as I wish, am in proportion cross and disgusting. Meanwhile everybody is very kind and good natured and lets me do as I please, so that I have nothing particular to growl at, not even having corns, like the old lady above mentioned.</p>	<p>estou certo de que a experiência de trabalhar na casa de amigos é uma boa ideia, vendo que estou sempre envolvido naquilo que estou prestes a fazer e como raramente atinjo o sucesso como gostaria, fico aflito e desagradado. Ao mesmo tempo, todo mundo é muito gentil e bem-humorado e me deixam fazer o que quiser, de modo que não tenho nada especial para reclamar, nem mesmo dos impostos, como a velha senhora acima mencionada.</p>
---	---

CARTA 04

(STRACHEY, 1907, p. 57-59)

Lear to Fortescue

Lear para Fortescue.

Royal Hospital Oct. 3.
1857Royal Hospital, Irlanda
3 de outubro de 1857

MIMMBR!

MIMMBR!⁷⁷

1 I shall write you a line, though there aint much to say. I got to Dublin safely, only discom

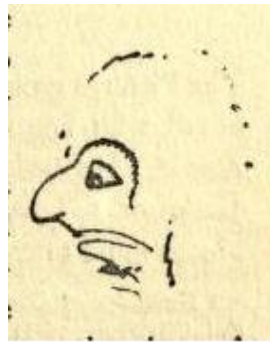
pozed a little because the only person in the Railway compartment



I got into was a very fat woman, just exactly like a picture of Jonah's whale I used to see when a child in a picture bible. I was horribly afraid she would eat me up & sat expecting an attack constantly, till the arrival of the train relieved me of apprehension. At the Bilton I found a note from that kind good Lady Seaton, saying as an old acquaintance

1 Vou escrever-lhe uma linha, embora não haja muito a dizer. Cheguei a Dublin em segurança, só um pouco

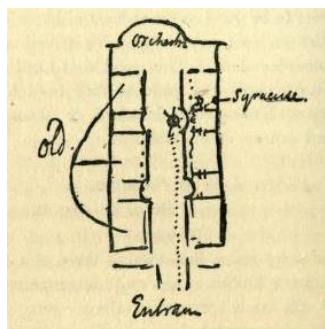
descomposto, pois a única pessoa no vagão que encontrei



era uma mulher muito gorda, exatamente como a imagem da baleia de Jonas que eu costumava ver quando era criança na bíblia. Estava com muito medo que ela fosse me engolir e me sentei esperando um ataque repentino, até que a chegada do trem me aliviou da apreensão. No Bilton, encontrei um bilhete da gentil Lady Seaton, dizendo que um

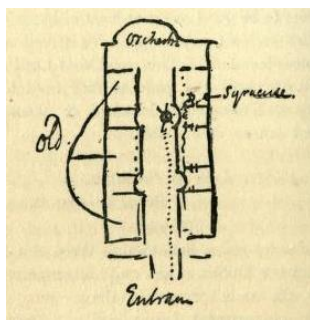
⁷⁷ Membro do Parlamento: era como os irlandeses chamavam Fortescue.

of mine, Mr. Drummond & others had left suddingly, - & there vos beds to spear. So I went on, and passed a very pleasant evening. Some of the party were excursing in Wicklow, & among them the fair De Salis who only came in late, & I don't think I delight in her appearance or manners any more than I used to do.



2 The Pictures gave great pleasure, & I had a good deal of talk with fine old Lord Seaton about the Indian Revolt. He believes that Havelock will

velho conhecido meu, o Sr. Drummond e outros tinham partido repentinamente e havia camas de sobra ⁷⁸. Então, permaneci e passei uma noite muito agradável. Alguns do grupo estavam excursionando em Wicklow e entre eles, De Salis ⁷⁹, que somente chegou mais tarde e acho que não aprecio sua aparência ou maneiras mais do que eu costumava apreciar.



2 Os quadros proporcionaram grande prazer e tive uma boa conversa com o bom e velho lorde Seaton ⁸⁰ sobre a revolta indiana. Ele

⁷⁸ Na carta, esta frase aparece escrita de forma errada "There vos beds to spear" ao invés de "There was beds to spare". O fato pode ser analisado como uma crítica ao sotaque da região ou simplesmente mais um jogo com as palavras, habitual nas outras cartas.

⁷⁹ Filha do Conde Jerome de Salis, e depois esposa do Coronel Challoner, de Portnall Park.

⁸⁰ Um dos mais distintos soldados de sua época, e um herói peninsular e de Waterloo. Morreu em 1862.

succeed at Lucknow. I have pretty well made up my mucilaginous mind to cross to Liverpool to-night. The day is highly beastly & squondangerlous, & there is no fun in going about in the pouring rain in a car to make calls, so I shall write to Arch d. Strong, & send a book to Dudgeon's children, whereby you see, albeit I quiet my conscience, yet I am not so virtuous as You thought. However, it is all on your shoulders.

3 So, I shall very probbably be in the great Exhibition on Tuesday, after all. Stand at the 2nd arch-place marked X and looking through the door D. you will see Syracuse.

4 I wish I was at Redhouse, a dispensing of Butter. Goodbye, my dear Mimmbr.

acredita que Havelock irá suceder em Lucknow⁸¹. Estou praticamente através da minha mente mucilaginosa fazendo o trajeto para Liverpool esta noite. O dia está altamente bestial e marasmolento⁸², e não há diversão em andar por aí sob uma chuva torrencial dentro de um carro fazendo convites, por isso vou escrever ao Arcebispo Strong e enviar um livro para as crianças de Dudgeon e pelo que vê, embora eu acalme minha consciência, não sou tão virtuoso como você pensou. No entanto, está tudo sobre seus ombros.

3 Então, estarei provavelmente na grande Exibição da terça-feira, afinal. Coloque-se na segunda arcada marcada com um X e olhando pela porta D. você verá Siracusa⁸³.

4 Gostaria de estar na Red House, me servindo de manteiga. Adeus, meu caro Mimmbr.

⁸¹ A cidade ficou livre em 25 de setembro.

⁸² Palavra nonsense “squondangerlous”, traduzida com um termo também inventado. Pelo contexto, podemos notar que se refere a algo monótono, chato ou sem graça.

⁸³ Siracusa é uma comuna italiana da região da Sicília.

CARTA 05

(STRACHEY, 1907, p. 63-69)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Corfu, December 6. 1857</p> <p>1 I cannot persuade myself to do anything for more than 10 minutes. Painting, drawing, looking at sketches, reading all kinds of books, German or Greek exercises, sitting still, or walking about, not a possibility of application can I make or discover. But for all that I shall try to get a letter done for you, because I shan't be able to get on at all unless you write, & I know I can't hear till I write first. So here goes, for a fortnight's journal. The knock-shock-sprain which I got in that Southampton train bothered me a good deal as I left England, & it is by no means clear away yet, but I got off hook or by crook on the 20th, & had an easy passage over to Boulogne, none the less so that there was Lady Somers to talk to & look at : she is certainly the handsomest living woman. It seems that she, S, & Coutts Lindsay really landed at Athos, & lived there</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Corfu, 6 de dezembro de 1857</p> <p>1 Não consigo me convencer a fazer qualquer coisa por mais de 10 minutos. Pintar, desenhar, olhar os esboços, ler todos os tipos de livros, exercícios em alemão ou grego, sentado, ou em pé, nem uma possibilidade de criação consigo ter ou inventar. Mas, por isso tentarei escrever uma carta especialmente para você, pois não serei capaz de progredir a menos que me escreva. Então aqui vai o jornal quinzenal. A distensão causada pela pancada naquele trem de Southampton me rendeu um bom incomodo assim que deixei a Inglaterra e não me recuperei ainda, mas bem ou mal, viajei no dia 20. Tive uma passagem tranquila por Bolonha e ainda tinha a Lady Somers com quem conversar e para quem olhar. Ela é certamente a mulher mais elegante deste mundo. Parece que ela e Coutts Lindsay realmente desembarcaram em Mount Athos⁸⁴, e ficaram lá</p>
---	--

⁸⁴ Mount Athos (Monte Atos) é uma montanha e península na Grécia. Na atualidade, os gregos usam a expressão "Montanha Sagrada" e abriga vinte mosteiros greco-ortodoxos.

2 months! in tents, various mucilaginous monx coming now & then to see them. A few more such visits would bust, or go far to bust, the Greek monasticism, I think.

2 Well, I didn't stay in Paris, except that night, & got on to Strasbourg on the 21st, sleeping there, and going on to Heidelberg on Sunday morning. The rest of the day I passed with the Bunsens, who live in a house opposite the castle: I thought that evening very pleasant and quiet, talk & music & domesticity, which you know are in my way. Next afternoon, 23rd, I got to Frankfort & cut away all night long, sustaining myself by a big bag of books, which I read by lamplight till day break. Have you read C. Bronte? It is very curious & interesting. The morning & middle of Tuesday 24th, I passed at Dresden, certainly the prettiest city I ever saw, but how cold it was! Allowing time to dine, I got on to Prague by night, & without stopping, to Vienna early on

por dois meses em tendas. Muitos monges⁸⁵ chegavam de vez em quando para vê-las. Com mais algumas dessas visitas, acho que o monasticismo grego poderia falir.

2 Bem, não fiquei em Paris, exceto naquela noite e cheguei a Estrasburgo no dia 21, dormindo lá e indo para Heidelberg na manhã de domingo. O resto do dia eu passei com os Bunsens⁸⁶, que vivem em uma casa em frente ao castelo. Achei aquela noite muito agradável e tranquila, conversa, música e domesticidade, você sabe que é o que me agrada. Na tarde seguinte, dia 23, fui a Frankfort e passei a noite em claro, amparando-me a uma mala de livros, que li com a ajuda de uma lamparina até o raiar do dia. Você já leu C. Bronte⁸⁷? É muito curioso e interessante. Pela manhã e parte da tarde da terça-feira, dia 24, passei em Dresden, certamente a cidade mais bonita que já vi, mas estava muito frio! Depois de

⁸⁵ Lear usa a palavra “monx” ao invés de “monks”.

⁸⁶ Barão e Baronesa de Bunsen. Ele havia sido embaixador alemão em Londres de 1841 a 1854. Ela era a filha mais velha de Benjamin Waddington, de Hanover.

⁸⁷ Charlotte Bronte (1816 - 1855) foi escritora e poeta inglesa, a mais velha das três irmãs Bronte, autoras de romances bem conhecidos na literatura inglesa.

the 25th. Undoubtedly the railroads in Germany are most delightful, when compared with ours; nevertheless long continuance of railway travel plays the deuce with my irritable mind & body. I found out the hearty good Morier soon, & saw a good deal of him that day & the next. We got on very simultaneously, (none the less so because he speaks of you in a way that pleases me,) & had long talks on various subjects. Robert Morier seems to me a man who thinks about his business or profession, & I imagine he would be one to get on, if want of talent and want of principle were not a sure pass to prosperity. We talked too of Tennyson, Pattledom, Strawberry Hill, & all kinds of things; nor was a very good dinner and wine an item of my visit to be left unnoticed. Early on Friday 27th I was off to the Rail again, & certes no scenery can be more striking, beautiful, wonderful than that of the R.way between Vienna and Trieste. But I wasn't sorry to be at my journey's end, nor the next day, to embark in the "Jupiter" for Corfu. The first

jantar, parti para Praga sem parada e na manhã de 25, a Viena. Sem dúvida, as ferrovias na Alemanha são mais agradáveis quando comparadas com as nossas, entretanto, as longas e frequentes viagens de trem disputam com meu corpo e alma indispostos. Descobri o bom Morier a tempo e aproveitei muito a companhia dele naquele e no outro dia. Nos demos muito bem (isso porque ele fala de você de uma maneira que me agrada) e tivemos longas conversas sobre vários assuntos. Robert Morier⁸⁸ me parece um homem que pensa sobre sua profissão e imagino que poderia progredir muito, a falta de talento e princípio não garantissem prosperidade. Falamos muito de Tennyson, Pattledom, Strawberry Hill e todos os tipos de coisas, sem falar no bom jantar e vinho. Na sexta-feira, dia 27, lá estava eu na estação novamente e nenhum cenário pode ser mais impressionante, bonito e maravilhoso do que a ferrovia entre Viena e Trieste. Mas não estava triste por minha jornada estar chegando ao fim e nem no dia seguinte,

⁸⁸ Neste não remunerado tempo em Viena. Ele cumpriu a profecia de Lear, e teve uma longa carreira diplomática e útil. Em 1884 ele tornou-se embaixador em São Petersburgo até sua morte em 1893.

part of the voyage was Hell : that is a mild expression for the torture I suffered, but I can't find any stronger at present : the second part was better, and anyhow the whole was short, for we were at Corfu by 8 on Monday 30th. And as my man Giorgio came down to meet me, and as my boxes went straight to my rooms, which I found all arranged just as I left them, & as I had only to unpack my things, you can't tell how absolutely ridiculous the effect of the whole common placidness of matters was & is to me. Moreover, Lushington came & asked me to dine that day, & Sir James Reid the next, & the 46th mess for the next, & the Youngs for the next, & as in all these cases, plates, food, conversation, & persons were precisely the same as they all were 6 months ago, the ludicrous sentiment of standstill & stagnation was truly wonderful. Wonderful at first, but gnawing & shocking to me now. My dear Chichester, I do not know how I shall bear it, being an ass : & if you don't write, & if others don't write, I really can't tell what I shall do.

embarcar no "Jupiter" para Corfu. A primeira parte da viagem foi um inferno: é uma expressão suave para a tortura que sofri, mas não consigo encontrar nada mais pesado no momento. A segunda parte foi melhor e de qualquer forma foi mais curta, pois estávamos em Corfu às 8 na segunda-feira, dia 30. Como meu criado Giorgio veio ao meu encontro e minha bagagem foi direto ao meu quarto, achei tudo organizado, assim como eu deixei e só tinha que desfazer as malas. Você não pode imaginar o quão absolutamente ridículo é o efeito que a placidez destes assuntos comuns causa em mim. Além disso, Lushington veio e me convidou para jantar naquele dia, no dia seguinte o Senhor James Reid, depois o 46^a jantar, daí os Youngs e em todos esses casos, pratos, comidas, conversas e pessoas foram precisamente iguais há 6 meses, o sentimento absurdo de pausa e estagnação era realmente espantoso. Espantoso no início, mas torturante e chocante para mim agora. Meu caro Chichester, não sei como vou suportar isso, sendo um idiota. Se não escrever e se os outros não escreverem, realmente não sei

3 Just figure to yourself the conditions of a place where you never have any breadth or extent of intellectual society, & yet cannot have any peace or quiet : Suppose yourself living in Piccadilly, we will say, taking a place with a long surface, from Coventry St. to Knightsbridge say. And suppose that line your constant & only egress & ingress to & from the country, and that by little & little you come to know all & every of the persons in all the houses, & meet them always and everywhere, & were thought a brute & queer if you didn't know everybody more or less! (Vouldn't you wish everyone of them, except a few, at the bottom of the sea ? Then you live in a house, one of the best here it is true, where you hear everything from top to bottom: a piano on each side, above and below, maddens you : and you can neither study nor think, nor even swear properly by reason of the proximity of the neighbours. I assure you a more rotten, dead, stupid place than this existeth not.

4 All this you would understand as coming from me, but others would speak

o que farei.

3 Basta imaginar para si as condições de um lugar onde você nunca tem qualquer amplitude ou extensão da sociedade intelectual e ainda por cima não consegue ter nenhuma paz ou calma. Suponha-se vivendo em Piccadilly, pegando um lugar de uma área grande, da estação Coventry até Knightsbridge. E suponha que este será seu trajeto sempre, para ir e vir, entrar e sair e que pouco a pouco venha conhecer tudo, cada uma das pessoas em todas as casas e encontrá-los sempre e em toda parte, uns brutamontes e esquisitos se não os conhecesse mais ou menos! (Você não gostaria de vê-los, exceto alguns, no fundo do mar?) Então, mora em uma casa, uma dos melhores, é verdade, onde você ouve tudo de cima até embaixo. Um piano em cada lado, em cima e embaixo, o enlouquece e você não pode estudar, nem pensar, nem mesmo falar mal em razão da proximidade dos vizinhos. Garanto-te que um lugar mais abominável, sem vida e patético que esse não existe.

4 Tudo isso você consegue entender vindo de mim, mas os outros fariam de

differently of the place. Lady Young for instance calls it Paradise. No drawbacks annoy her at home, and between horses, & carriages, & yachts, she is away from it as she pleases. The Reids do not dislike Corfu as they would, had they not a nice family, and themselves to care about. The Cortazzi are gone, almost all the military offices are full of new people. My drawing companion Edward is gone, & I miss him terribly. I vow I never felt more shockingly alone than the two or three evenings I have staid in.

5 Yet all this must be conquered if fighting can do it. Yet at times, I have thought of, I hardly know what. The constant walking and noise overhead prevents my application to any sort of work, & it is only from 6 to 8 in the morning that I can attend really to anything: Then Παλιά κύριός μου έρχεται και δουλεύουμε μαζί από την αρχαία ελληνική γλώσσα. I am beginning bits of Plutarch and of Lucian dialogues. And then, if I can't sleep, my whole system seems to turn into pins, cayenne-pepper, & vinegar & I

forma diferente a respeito do lugar. Lady Young, por exemplo, chama-o de Paraíso. Nenhum inconveniente a irrita em casa e entre cavalos, carros e barcos, ela está como quer. Os Reids não gostariam de Corfu desta maneira, se não fosse a boa família que têm. Os Cortazzi foram embora e quase todos os escritórios militares estão cheios de pessoas novas. Meu companheiro de desenho Edward ⁸⁹ se foi, e sinto muita falta dele. Juro que nunca me senti tão sozinho do que nas últimas três noites.

5 Porém, tudo pode ser conquistado se você lutar por isso. No entanto, às vezes, tenho pensado em sei lá o quê. Os constantes passos e ruídos vindos de cima impedem a minha concentração para qualquer tipo de trabalho e é apenas das 6 às 8 da manhã que eu posso ter sossego. Então, meu professor vem e estudamos grego antigo.⁹⁰ Estou começando partes de Plutarco e os diálogos de Luciano. Se não consigo dormir, todo o meu corpo parece se transformar em alfinetes, pimenta caiena e vinagre, sofro terrivelmente.

⁸⁹ Não consegui descobrir sobre essa companhia da última visita.

⁹⁰ Está frase estava em grego: Παλιά κύριός μου έρχεται και δουλεύουμε μαζί από την αρχαία ελληνική γλώσσα.

<p>suffer hideously. You see I have no means of carrying off my irritation: others have horses, or boats, in short: I have only walking, and that is beginning to be impossible alone. I could not go to church to-day. I felt I should make faces at everybody, so I read some Greek of St. John, wishing for you to read it with some of Robinson's Palestine, some Jane Eyre, some Burton's Mecca, some Friends in Council, some Shakespeare, some Vingt ans apres, some Leakes Topography, some Rabelais, some Tennyson, some Gardiner Wilkinson, some Grote, some Ruskin & all in half an hour O ! doesn't " he take it out of me " in a raging worry ? Just this moment I think I must have a piano: that may do me good. But then I remember Miss Hendon over my head has one, & plays jocular jigs continually. Then what the devil can I do ? Buy a baboon & a parrot & let them rush about the room? Ἰσως θα ανακαλύψετε κάτι. I still hold to going to Palestine if possible. If I could but get myself comfortable and</p>	<p>Veja, não tenho forma de me livrar da minha irritação. Os outros têm cavalos ou barcos e eu só tenho meus pés e está começando a ser impossível caminhar sozinho. Não pude ir à igreja hoje. Senti vontade de fazer cara feia para todo mundo, então li alguns textos gregos de São João, gostaria que você lesse um pouco da Palestina de Robinson, Jane Eyre, Meca de Burton, <i>Friends in Council</i>⁹¹, Shakespeare, <i>Vingt ans après</i>,⁹² as topografias de Leake, Rabelais, Tennyson, Gardiner Wilkinson, Grote, Ruskin; em meia hora, ele não tiraria essa preocupação de mim? Num momento, acho que deveria ter um piano, poderia me fazer bem. Mas, aí me lembro de que a senhorita Hendon tem um sobre a minha cabeça e toca recitais jocosos continuamente. Então, que diabos posso fazer? Comprar um babuíno e um papagaio e deixá-los correr pela sala? Ἰσως θα ανακαλύψετε κάτι.⁹³ Ainda estou certo de ir para a Palestina, se possível. Se eu pudesse ficar mais confortável, sem o incomodo do barulho e</p>
--	--

⁹¹ Livro de Arthur Helps (1813 – 1875)

⁹² Vinte Anos Depois é a sequência de Alexandre Dumas ao romance histórico "Os Três Mosqueteiros", a partir de 1845.

⁹³ Tradução: Talvez, descubra alguma coisa.

untwisted by the noise & general discomfort of these houses, I think I could bring myself right yet, but I cannot tell. Sometimes I think I must begin another big picture, as I want something to gnash & grind my teeth on. If Helena Cortazzi had been here, it would have been useless to think of avoiding asking her to marry me, even had I never so little trust in the wisdom of such a step.

6 That's enough of me, I think for this once. If you don't write a lot about yourself you are a spider & no Christian. Meanwhile things here are not as, by all I was led to suppose, they were represented to you as being. . . .

7 There is one thing here which cannot be grumbled at: at present at least. The weather, it has been simply cloudless glory, for 7 long days & nights. Anything like the splendour of olive-grove & orange- garden, the blue of sky & ivory of church & chapel, the violet of mountain, rising from peacock wing-hued sea, & tipped with lines of silver snow, can hardly be imagined. I wish to goodness gracious grasshoppers you were here. I believe the cussed people above stairs have goats or ox

desconforto geral dessas casas, acho que poderia melhorar, mas não tenho certeza. Às vezes, acho que devo começar outro grande quadro, quero algo para extravasar minha raiva. Se Helena Cortazzi estivesse aqui, teria sido inútil evitar pedir-lhe em casamento, mesmo que nunca tenha tido a certeza de dar tal passo.

6 É o suficiente sobre mim desta vez. Se você não escrever bastante, será um inseto e não um cristão. Fui levado a supor que as coisas por aqui não são como te disseram.

7 Há uma coisa aqui que ao menos até agora, não pode ser criticada. O clima, uma glória sem nuvens por 7 longos dias e noites. Algo como o esplendor dos bosques de oliveiras e laranjeiras, o azul do céu e o marfim da capela, o violeta da montanha, subindo do mar em degrade como asa de pavão e marcado com linhas prateadas como neve, dificilmente pode ser imaginado. Gostaria pelas cigarras graciosas que você estivesse aqui. Acho que as malditas pessoas aí de cima

<p>feet, they make such a deed row. Among the chilly mocky absurdities, opposite me on Friday, as I dined at the Palace, sat Lord Clermont's first cousin, L. J. E. Kozziris: neither Greek, Irish, nor English. As for Lady Y. she looks handsomer and younger than ever. Lord & Lady Headfort are expected daily. How comes it Lord Strangford is dead?</p>	<p>têm pés de cabras ou de bois, ou marcham em alguma linha de frente. Entre os absurdos, sentado na minha frente sexta-feira, durante o jantar no Palace, estava o primo do Senhor Clermont, LJE Kozziris⁹⁴; nem grego, irlandês ou Inglês. Quanto a Lady Y. parece mais bonita e mais jovem do que nunca. Lady e Lorde Headfort⁹⁵ são esperados diariamente. Como que Lorde Strangford⁹⁶ está morto?</p>
---	---

⁹⁴ Sua mãe era filha do segundo Conde de Clancarty, prima de Fortescue, que em 1843 se casou com Signer Giovanni Kozziris.

⁹⁵ O Segundo Marquis.

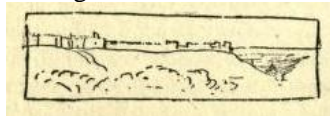
⁹⁶ O sétimo Visconde. Ele tinha sido Secretário de Estado de Relações Exteriores em 1846. Tinha boa reputação como jornalista político e bem conhecido pela sua conexão com o partido da “Jovem Inglaterra”.

CARTA 06

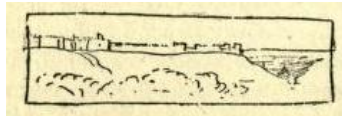
(STRACHEY, 1907, p. 97-110)

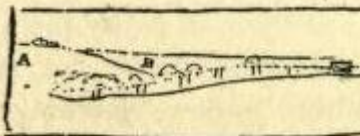
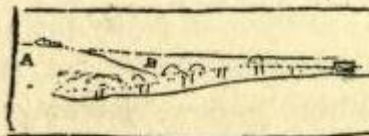
Lear to Lady
WaldegraveDAMASCUS, 27th May
1858

1 I had thought of writing to you long ago, to tell you what I had done by way of trying to fulfil the commissions you kindly gave me ; but the difficulties of sending anything like a letter " while I am on the road " in these countries, are not to be told. At least they are great to me, who am always unable to write by candle-light; and the early morning is snatched for moving forward, while mid-day heat & weariness put a veto on all labour, but that of catching & flapping away flies. And when in Hotels, (in the very few spots where such houses exist) there are so many things to look after and look at, & so much rearrangement for the next journey, that the time for a real sitting down for letter writing never seems to

Lear para Lady
WaldegraveDAMASCO (Síria), 27
de maio de 1858

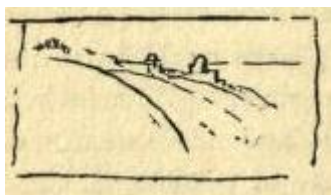
1 Tinha pensado em escrever há dias para lhe contar o que tinha feito para cumprir as tarefas que gentilmente me passou, mas as dificuldades de enviar uma carta "enquanto estou na estrada" nesses países, são difíceis de descrever. Pelo menos eles são grandes para mim, que não sou capaz de escrever à luz de velas. O amanhecer é arrebatador, enquanto o calor e o cansaço do meio-dia impedem qualquer trabalho, exceto o de pegar e espantar moscas. Quando estou nos hotéis (nos poucos lugares onde eles existem), há tanta coisa para cuidar e tantos preparativos para a próxima viagem, que o tempo para sentar e escrever uma carta parece nunca



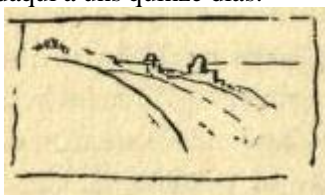


come. Today the Syrian Haj takes its departure for Mecca, and as there is no chance of drawing anywhere out of doors, along of the excitement of the pious Moslem mind, which finds a safety valve in throwing stones at Nazrani, I shall remain here and fill a sheet, if not two, which may reach you to amuse an hour or two of your leisure some fortnight hence.

chegar. Hoje, a peregrinação síria será para Meca e não há qualquer possibilidade de desenhar ao ar livre, juntamente com a exaltada piedosa mente muçulmana que encontra uma válvula de escape ao jogar pedras nos nasrani⁹⁷. Permanecerei aqui e escreverei uma página, senão duas, que chegarão até você para uma ou duas horas de descontração daqui a uns quinze dias.



2 My stay in Jerusalem or rather opposite the City, for I pitched my tents on the Mount of Olives when I had ascertained the point I thought you would like best for your picture, was the most complete portion of my tour : i.e. I was able to attend thoroughly, and to the best of my ability to



2 Minha estadia em Jerusalém, ou melhor, ao oposto da cidade, onde montei meu acampamento no Monte da Oliveiras, num lugar onde você certamente apreciaria para um quadro, foi a melhor parte da minha viagem. Pude usar minhas habilidades e apreciar o meu trabalho com toda a calma

⁹⁷ Nasrani ou cristãos de São Tomé ou cristãos da Síria é um grupo etnoreligioso de Kerala, Índia, referindo-se àqueles que se tornaram cristãos na costa do Malabar nos primórdios da fé cristã.

what I was doing, in peace & quiet : whereas much of the rest of my Palestine journey has been toiled through under far other circumstances.



3 And now what shall I say on the subject of the companion painting? One of the most remarkable as well as of the most picturesque studies, I have



obtained, is of Sebbeh, or Masada, the history of which you will find in ? Translation of Josephus. This was one of the places I so much wished to visit & one which I am so pleased at having drawings of. It is like this somewhat, only I cannot give here what only detail & colour can produce. The great depth of the ravine below. A. is the Dead Sea : B. is the line of Moab mountains. This scene, as that of the last Jewish struggle for freedom against

e paz, enquanto boa parte da viagem à Palestina ocorreu sob circunstâncias bem diferentes.



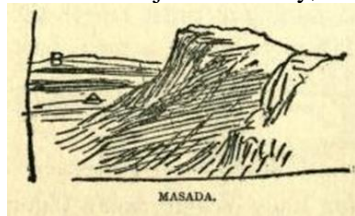
3 E agora, o que eu vou dizer sobre o tema da pintura que me acompanha? Um dos mais notáveis e também mais pitorescos estudos que obtive,



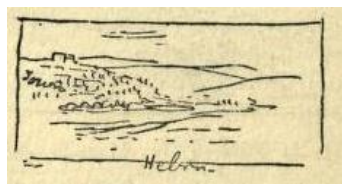
é de Sebbah, ou Masada⁹⁸, cuja história você irá encontrar na tradução de Josephus. Este foi um dos lugares que eu mais desejei visitar e fico muito feliz por poder tê-lo desenhado. É algo assim, mas que não serei capaz de reproduzir em detalhes e cores reais. A grande profundidade do desfiladeiro abaixo. A. é o Mar Morto: B. é a linha de montanhas Moab. Esta cena, assim como a da última luta judaica pela liberdade contra Roma, daria

⁹⁸ Masada é uma antiga fortificação no Distrito Sul de Israel situado no topo de uma rocha isolada semelhante a uma mesa com vista para o Mar Morto .

Rome, would I think be a very excellent subject in its way, but

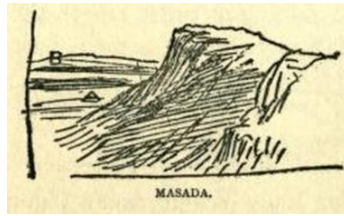


in case you should not like this there is Hebron, which is very particularly a Hebrew antiquity, & is besides sufficiently picturesque to form a good picture: though why Abraham choose to live there I cannot think: I found it abominably cold & wet, & besides, they threw stones at me whenever I drew, so that I wished the whole population in Abraham's bosom or elsewhere 20 times a day.

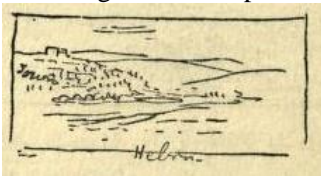


4 Another subject which is astonishingly grand is Petra. (Not that I can ever see the sketch without feeling my ears tingle at the memory of the filthy Arab savages.) Petra was the capital of the Nabathcean (or Idumcean) Kings, who reigned in

um excelente tema, mas

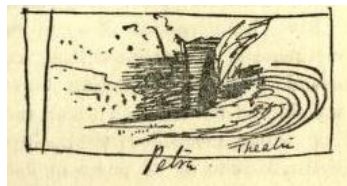


caso não goste, temos Hebron, que é uma antiguidade hebraica muito peculiar e suficientemente pitoresca para um bom quadro. Não entendo o motivo pelo qual Abraão escolheu este lugar para viver, eu o achei abominavelmente frio e molhado, e, além disso, eles atiraram pedras contra mim todas as vezes que desenhei, de modo que praguejei toda a população no seio de Abraão ou em qualquer outro lugar 20 vezes por dia.



4 Outro tema que é surpreendentemente grandioso é Petra. (Todas as vezes que olho para este esboço, posso sentir meus ouvidos arderem com a memória chocante dos árabes bárbaros.) Petra era a capital do Reino Nabate, que comandou Jerusalém, bem

Jerusalem as Herods, & it was one of them who built Masada. The magnificence of Petra is not to be told, I mean the magnificence of combined ruin, splendour of



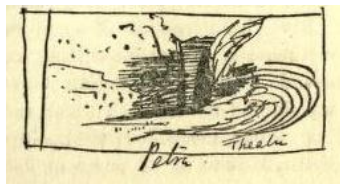
sepulchral architecture and excavated temples, united to the most romantic mountain or rock scenery & the most beautiful vegetation.

5 At present the heat is getting too great to allow of my drawing much, & also the country is in such a state that many places can only be visited at the risk of robbery &c., even if the traveller goes over



the ground as rapidly as possibly. So travelling, he may escape outrage, but with me, that mode of progress is useless : I must stop often and for a considerable time, so that it is not easy to escape those odious

como Herodes, que foi um dos construtores de Masada. A magnificência de Petra não é para ser descrita em palavras, ou seja, a beleza das ruínas combinada ao esplendor da



arquitetura sepulcral e dos templos escavados, unidos ao cenário romântico das montanhas e rochas e a mais bela vegetação.

5 Nesta época, o calor está ficando forte demais para permitir que continue a desenhar. O país está de um jeito que não é possível visitar alguns lugares sem o risco de roubo, mesmo que o viajante atravesse o terreno



o mais rápido que puder. Viajar, assim, pode ser que se escape da violência, porém essa medida é inútil para mim. Paro muitas vezes e por tempo prolongado, de modo que não é fácil escapar daqueles árabes

Arabs. The whole plain of Eisdrelon for instance swarms with them, & they attack all passengers. Of known names Lord Dunglas, Col. Cust, Sir J. Fergusson & of unknown names, numbers have been stopped: and lately many Americans have been robbed & some murdered, which in one sense is a very good thing, since I do not understand that the American Govt., think proper to uphold the fiction of Turkish renovation, & instead of being compelled to pooh-pooh the entirely dislocated state of all order in Palestine & Syria, they will it is to be hoped get riled and act accordingly. If it were not shocking, the fate of one large American party near Nazareth is beyond belief absurd: the Arabs actually went off with all but one large blanket, of which Mr. & Mrs. T. made two garments & therein rode to the town.

6 Some revenge was probably mixed up in the case, on the part of some Arab it is said they had threatened; for they took every book & drawing, & paper, & even Mrs. T.'s wig & spectacles. Of Dr.

odiosos. Toda a planície de Esdrelon, por exemplo, luta contra eles, e eles atacam todos os passageiros. De nomes conhecidos como o Lorde Dunglas⁹⁹, o Coronel Cust, o Senhor J. Fergusson¹⁰⁰ e de nomes desconhecidos, muitos foram abordados, e ultimamente muitos americanos foram roubados e alguns assassinados, o que, de certa forma pode ser muito bom, uma vez que eu não entendo como o governo americano pode apoiar isso. Parece adequado para manter a ficção da renovação turca, e, em vez de serem obrigados a ridicularizar o estado inteiro da Palestina e Síria, se espera que ajam em conformidade. Se não fosse chocante o destino de um grande grupo americano perto de Nazaré, seria incredivelmente absurdo. Os árabes atiraram em todos, entretanto o Sr. e Sra. T. escaparam para a cidade utilizando um disfarce.

6 Algum tipo de vingança se misturou ao ocorrido, uma vez que os árabes se dizem ameaçados, se apropriaram de todos os livros,

⁹⁹ O filho mais velho do conde de Home.

¹⁰⁰ Nesta época, o governador de Malta.

Beattie's- party 10 days ago, the ill-fortune was as great or even greater : they were setting out for America, but these animals took all their treasures, not only clothes, but books, collections of plants &c., things of no use to them, but I believe taken as diversions for their nasty little beastly black children.

7 Of my own mishaps at Petra you perhaps have heard; how about 200 of them came down on me, and everything which could be divided they took. My watch they returned to me, but all money, handkerchiefs, knives, &c., &c., were confiscated. Since then my 2 muleteers, whom I sent by land from Jaffa to Beirut were robbed of their little all by the way, & one might add others. But, cui bono! English people must submit to these things, because we have no influence in Syria or Palestine, nor in the East generally. I should like to hear of a French party being stopped or murdered! The Arabs (&

papéis, desenhos e até da peruca e dos óculos da Sra. T. Ao grupo do Dr. Beattie ¹⁰¹ há 10 anos, a má sorte foi ainda maior. Eles estavam indo para a América quando esses animais levaram toda a sua fortuna, roupas, livros, coleções, plantas, etc. Coisas que não serão úteis para eles, mas creio que servirão de diversão para as suas desagradáveis e bestiais criancinhas negras.

7 Talvez já tenha ficado sabendo dos meus contratemplos em Petra. Cerca de duzentos homens vieram ao meu encontro e levaram tudo. Meu relógio, eles devolveram, mas todo o dinheiro, lenços, facas etc, etc, foram confiscados. Desde então, meus dois carregadores, que enviei por terra de Jaffa a Beirute foram roubados, o pouco que tinham ficou pelo caminho, e poderia citar outros. Mas, cui bono¹⁰²! As pessoas inglesas devem se submeter a essas coisas, pois não temos nenhuma influência sobre a Síria ou a Palestina, nem sequer no oriente de forma geral. Gostaria de saber de um

¹⁰¹ Ministro dos Negócios Estrangeiros da Sociedade Arqueológica britânica. Ele tinha sido médico e Secretário Particular do duque de Clarence.

¹⁰² Expressão latina significa: a quem beneficia?

Turks) know too well that neither French nor Austrians can be touched with impunity.

8 The time is evidently near at hand when all the country will be a field of dispute for Latin & Greek factions once more, and the most miserable Jerusalem once again the bone of contention. If on the one hand the Latin Patriarch is building a great Palace & Convent near Bethlehem, and the Austrians are raising a splendid "Hospital" (a sort of Knight Templars affair,) in Jerusalem itself, to be opened by Pius IX it is said, on the other hand the Russian clergy have constantly increasing influence among the natives, & even just now a particular delegate has come to the "Holy City" with important powers from Alexander. In the meantime, the "Protestants" stand alone as a mark for Hebrew, & Heathen, Musulman, Latin, Greek, & Armenian, to be pointed out by all & each as the living Pharisees of the day, professing a better & simpler form of Christ's religion than their fellow Xtians, yet scandalizing the whole

grupo de franceses sendo parados ou assassinados! Os árabes (e Turcos) sabem muito bem que nem os austríacos e nem os franceses podem ser tratados com impunidade.

8 O tempo está evidentemente ao alcance da mão, quando todo o país será novamente um campo de batalhas para facções gregas e latinas e a miserável Jerusalém, mais uma vez o ponto de discórdia. Se por um lado o patriarca latino está construindo um grande palácio e um convento perto de Belém e os austríacos estão levantando um esplêndido "hospital" (um tipo de episódio dos Cavaleiros Templários) na própria Jerusalém, a ser inaugurado pelo Papa Pio IX, por outro lado, o clero russo constantemente tem crescente influência entre os nativos. Somente agora um delegado especial chegou à "Cidade Santa", com poderes importantes de Alexandre. Enquanto isso, os "protestantes" ficam sozinhos como um alvo para os hebreus, os pagãos, os muçulmanos, os latinos, os gregos e os armênios, sendo apontados por todos como os fariseus do momento, professando uma forma melhor e mais simples

community by their monstrous quarrels ; their Consuls & Bishops regarding each other with hatred, & each acting to each with open contempt & malignity, while every portion of their resident fellow religionists take one or the other side of the faction. And this forsooth at a place for example for Turks & Jews ; this at the very place where He whom they believe the founder of their faith, died ! By Heaven ! if I wished to prevent a Turk, Hebrew, or Heathen, from turning Christian I would send him straight to Jerusalem ! I vow I could have turned Jew myself, as one American has actually lately done. At least the Jews do not lie ; they act according to their belief : and among themselves they are less full of hatred & malice (perhaps, for bye the bye, they excommunicated Sir M. Montefiore in 3 synagogues because they said he tried to introduce Xtian modes of life,) than the Xtian community. But these latter, arrogating to themselves as they do all superiority in this & the next life, trample the most sacred doctrines of Christ below their feet daily : "I say unto you love one another" are words which Exeter Hall, or Dr. Phillpotts,

da religião de Cristo do que os seus companheiros cristãos, embora escandalizando toda a comunidade por suas brigas monstruosas; seus cônsules e bispos em relação de ódio uns aos outros, e agindo para com o outro com desprezo e malignidade, enquanto cada parte de seus colegas religiosos tomam um ou outro lado da facção. Na verdade, um lugar para turcos e judeus, ou seja, no exato lugar onde eles acreditam que Ele, o fundador de sua fé, morreu! Por Deus, se eu quisesse impedir um turco, hebraico ou pagão, de tornar-se cristão eu o mandaria direto para Jerusalém! Juro que poderia ter virado judeu, assim como um americano tem feito ultimamente. Pelo menos os judeus não mentem; eles agem de acordo com a sua crença e entre si são menos cheios de ódio e malícia do que a comunidade cristã (talvez, eles excomungaram o Senhor M. Montefiore em 3 sinagogas, porque disseram que ele tentou introduzir modos de vida cristão). Os cristãos se arrogam superioridade nesta e na próxima vida, pisam nas mais sagradas doutrinas de Cristo todos os dias: "Digo-vos ameais uns aos outros" são palavras que Exeter Hall, ou Dr.

<p>Calvinist, or Puseyite, Monophysite Armenian & Copt, or Trinitarian Greek, & Latin receive with shouts of ridicule & blasphemous derision. " Almost thou persuadest me not to be a Xtian " is the inner feeling of the man who goes to the " Holy City " unbiassed towards any " religious " faction : & it is at least my own deliberate opinion that while " the Christ that is to be," is so far, far removed from the Xtian priesthood and Xtians in a body as it is in South Palestine, while, in a word Jerusalem is what it is by & through Xtians dogmas & theology, so long must the religion of Christ be, and most justly, the object of deep hatred & disgust to the Moslem, of detestation & derision to the Jew. From all this mass of squabblepoison let me except the Americans : these alone, particularly in Northern Syria seem to think that Christ's doctrines are worth keeping thought of : as far as I can perceive, they are as much respected for their useful practical lives, as for</p>	<p>Phillpotts¹⁰³, calvinista, monofisista, armênio e copta, ou grego trinitário e latino, recebe com gritos de zombaria e escárnio blasfêmico. "Quase tu me persuadiste a não ser um cristão" é o sentimento interior do homem que vai para a "Cidade Santa" imparcial em relação a qualquer facção "religiosa". Esta é minha própria opinião que enquanto "o Cristo que é para ser", está tão longe, muito afastado do clero cristão e dos cristãos em geral como no Sul da Palestina. Enquanto, em uma palavra Jerusalém for o que é através dos dogmas e da teologia cristã, tanto tempo deve a religião de Cristo ser, exclusivamente, o objeto do ódio profundo e desgosto para os muçulmanos, de ódio e escárnio para o judeu de toda essa massa de briga venenosa, exceto os americanos: estes, em especial no Norte da Síria parecem pensar que as doutrinas de Cristo valem a pena manter no pensamento. Até onde posso perceber, eles são tão respeitados em suas vidas práticas quanto em sua</p>
---	---

¹⁰³ O famoso bispo de Exeter, que gastou cerca de 25.000 libras em litúgio. Em 1847, ele se recusou a instituir o Reverendo G. Gorham a viver em Bramford Speke. Gorham recorreu para o Conselho Privado e foi instituído em 1850. A controvérsia violenta surgiu, no decurso da qual o Dr. Phillpotts excomungou o arcebispo de Canterbury

their uniform peaceful & united disposition of brotherly love one towards another.

9 One word about the Jews : the idea of converting them to Xtianity at Jerusalem is to the sober observer fully as absurd as that you should institute a society to convert all the cabbages & strawberries in Covent garden into pigeon-pies & Turkey carpets. I mean that the whole thing is a frantic delusion. Are the Jews fools that they should take up with a religion professing to be one of love & yet bringing forth bitter hatred & persecution? Have the Jews shown any particular sign of forgetting their country & their ancestral usages, that you should fancy it easier for them to give up their usages in the very centre of that country they have been so long attached to, & for the memory of which they have borne such and so much misery? Once again the theory of Jew-conversion is utter boshblobberbosh nothingmore nor less.

10 With all this, and in spite of all this, there is enough in Jerusalem to set a man thinking for life, & I am deeply

índole pacífica de amor fraternal de um para o outro.

9 Uma palavra sobre os judeus: a ideia de convertê-los ao Cristianismo em Jerusalém é para o observador sóbrio, totalmente, tão absurda quanto a de instituir uma sociedade para converter todas as couves e morangos do jardim do convento em tortas de pombo e tapetes turcos. Quero dizer que a coisa toda é um delírio frenético. Judeus tão tolos que deveriam adotar uma religião que professam ser de amor, mas, entretanto trazem ódio e perseguição? Será que os judeus mostraram algum sinal em especial de terem se esquecido de seu país e dos costumes dos seus ancestrais. Poderíamos considerar mais fácil para eles abandonarem seus costumes em um país que por tanto tempo os uniu e pela lembrança de tal miséria? Mais uma vez a teoria da conversão judaica é uma absoluta baboseira¹⁰⁴ - nada mais nem menos.

10 Com tudo isso, e apesar de tudo isso, há o suficiente em Jerusalém para fazer um homem pensar na vida e estou profundamente

¹⁰⁴ Boshblobberbosh é o termo utilizado por Lear. Palavra nonsense, sem um significado específico, mas que poderia, dentro do contexto, ser traduzida como baboseira.

glad I have been there. O my nose ! O my eyes ! O my feet! How you all suffered in that vile place ! for let me tell you, physically Jerusalem is the foulest and odious place on earth. A bitter doleful soul-ague comes over you in its streets. And your memories of its interior are but horrid dreams of squalor & filth, clamour & uneasiness, hatred & malice & all uncharitableness. But the outside is full of melancholy glory, exquisite beauty & a world of past history of all ages : every point forcing you to think on a vastly dim receding past, or a time of Roman war & splendour, (for Elia Capitolium was a fine city) or a smash of Moslem & Crusader years, with long long dull winter of deep decay through centuries of misrule. The Arab & his sheep are alone the wanderers on the pleasant vallies and breezy hills round Zion : the file of slow camels all that brings to mind the commerce of Tyre & other bygone merchandize.

feliz por ter estado lá. Ó meu nariz! Ó meus olhos! Ó meus pés! Como todos vocês sofreram naquele lugar vil! Resumindo, Jerusalém fisicamente é o lugar mais abominável e odioso na terra. Uma triste e amarga moléstia na alma recai sobre você em suas ruas. E as lembranças de sua parte interior são apenas sonhos horríveis de miséria e sujeira, clamor e mal-estar, ódio e malícia e de toda falta de caridade. Mas os arredores são cheios de glória, melancolia, rara beleza e um mundo de antecedentes de todas as idades: cada ponto o força a pensar em um passado vastamente obscuro, ou em um tempo da guerra romana e de esplendor (Élia Capitolina¹⁰⁵ era uma ótima cidade), ou em uma quebra de muçulmanos e os anos das Cruzadas, com o inverno maçante e longo tempo de profunda decadência através de séculos de desgoverno. O árabe e suas ovelhas são os únicos errantes sobre os vales e colinas de vento cercam Zion: o registro de camelos vagarosos e tudo o que traz à mente o comércio de Tiro e de outros comércios passados.

¹⁰⁵ Cidade construída pelo Imperador Adriano no ano 131 d.C. e ocupada por uma colônia romana, no sítio das ruínas de Jerusalém.

11 Every path leads you to fresh thought : this takes you to Bethany, lovely now as it ever must have been : quiet, still little nook of valley scenery. There is Rephaim & you see the Philistines crowding over the green plain Down that ravine you go to Jericho : from that point you see the Jordan and Gilead. There is Anatoth, & beyond all, the track of Senna- cherrib Mishmash, Giba, Ephraim. There is the long drawn hill line of Moab. There is Herodion



where the King-Tetrarch was buried : below it you see the edge of Bethlehem which he so feared. That high point is Neby Samuel and beyond it is Ramah. Close by, that single peak is Gibeah of Saul/ where Rizpah watched so long. (Bye the bye that is a 5th subject to choose from, for I went there on purpose to get the view : & wonderful it is. A. the Moab hills. B. Dead Sea. C. Jordan.)

11 Cada caminho te leva a um novo pensamento: leva a Betânia, adorável agora como sempre deveria ter sido: calma, pequeno recanto no cenário do vale. Há o vale dos Gigantes e você vê os filisteus aglomerando-se sobre a planície verde de Down que o leva para Jericó: a partir deste ponto, você consegue ver a Jordânia e as montanhas de Gilead. Tem a cidade de Anatote, e além disso, há as trilhas de Senaqueribe , Giba e Efraim. Há a longa trilha da colina de Moab. Há a colina de Heródio

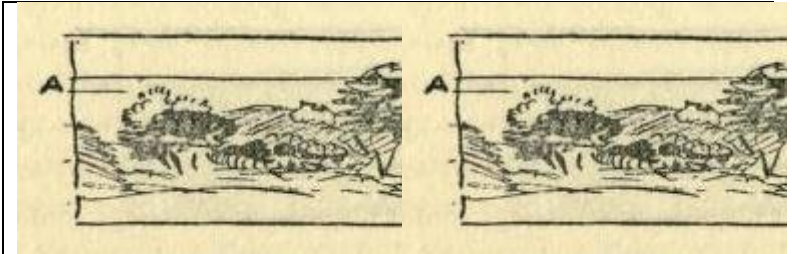


onde o Rei-tetrarca foi enterrado: abaixo você vê a fronteira de Belém, que ele tanto temia. Outro ponto importante é o túmulo do profeta Samuel e mais adiante está Ramá. Perto dali, fica o único pico, Gibeá de Saul, onde Rispa¹⁰⁶ aguardou por tanto tempo. (A propósito, este é o quinto tema à sua escolha, eu fui lá com o propósito de

¹⁰⁶ Uma das concubinas de Saul.

<p>And thus, even from one spot of ground, you are full of thought on endless histories & poetries I cannot conceive any place on Earth like Jerusalem for astonishing and yet unfailling mines of interest.</p> <p>12 But to leave an endless subject : My stay at Bethlehem delighted me greatly, And I then hoped to have got similar drawings of all the Holy Land. All the country near it is lovely, and you see Ruth in the fields all day below those dark olives. (This is the 6th subject. A. the Moab hills.) Next to those I came to the Dead Sea, which is a wonder in its way, but the finest part, Ain Gidi, I could not draw well, by reason of more Arab botheration. Beyond there I saw little else of Southern Palestine, the plain of Jericho, but not</p>	<p>ver a paisagem: e é maravilhosa. A. As colinas de Moab B. Mar Morto C. Jordânia.) E assim, mesmo a partir de um pedaço de terra, você fica cheio de ideias sobre intermináveis histórias e poesias, não posso conceber qualquer lugar na Terra como Jerusalém para as minas surpreendentes e ainda infalíveis do interesse.</p> <p>12 Mas, para sair de um assunto sem fim, minha estadia em Belém me agradou muito, esperava ter conseguido desenhos similares de toda a Terra Santa. Toda a região ao redor é adorável e você vê Ruth nos campos durante o dia todo embaixo das oliveiras escuras. (Este é o sexto tema. A. as colinas de Moab.) Em seguida, vim para o Mar Morto, que é uma maravilha, mas a melhor parte, Ain Gidi¹⁰⁷, não consegui desenhar bem, em razão aos aborrecimentos árabes. Além destes, vi um pouco mais do sul da Palestina, da planície de Jericó, mas não</p>
---	--

¹⁰⁷ Localidade situada à margem ocidental do Mar Morto.



the Jordan, for there again my beloved Arabs destroyed my peace. Mar (Deir) Saba, a wonderful monastery "all as one cut of a Cheshire cheese" as my man said: the plain of Sharon, & Jaffa: this was all.

13 The last part of my journey, (for I came from Jaffa by sea to Beirut,) has been of a different kind. All the Lebanon country is safe & pleasant, & the Maronite Xtians are kindly & respectable critters. But on the other hand, there wants that indescribable charm, far above and beyond all local beauty & novelty, which the scenery of sublimer Palestine brings to the mind. The higher portions of Lebanon, i.e. the outer side recall Etna: & the stonier & more confined scenes, many a well known Cumberland & Westmoreland dell: The whole plain of Ccele- Syria, green & lovely as it is, is but Sicilian landscape, or Thessaly on a larger scale. The interior of

da Jordânia, pois novamente meus amados árabes destruíram a minha paz. Mar (Deir) Saba, um maravilhoso mosteiro "todos como um corte de um queijo de Cheshire", assim disseram, a planície de Sharon, e Jaffa: isso foi tudo.

13 A última parte da minha jornada, (porque eu vim de Jaffa por via marítima para Beirute,) foi de um jeito diferente. Todo o país do Líbano é seguro e agradável, e os cristãos maronitas são criaturas bondosas e respeitáveis. Mas, por outro lado, querem que o charme indescritível, muito acima e além de toda a beleza local e o cenário da sublime Palestina venham à tona. A maior parte do Líbano, ou seja, os arredores, como Etna, possui o cenário mais pedregoso e mais confinado, uma série de ravinas à Cumberland e Westmoreland. Toda a planície de Coele-Síria, verde e adorável como é, é paisagem siciliana, ou de

Lebanon is however wonderfully fine : a kind of Orientalized Swiss scenery : innumerable villages dot the plateaus & edge the rocks which are spread on each side of & rise above dark ravines, winding winding downward to the plains of Tripoli and the blue sea. All these I could well have wished to explore and draw, & I might have gone thither, had I not become so very unwell from the extreme cold of the upper part of the mountain as to be obliged to return into Ccelo-Syria as soon as I could, having my drawing of the Cedars as a sign of my Lebanon visit.

14 Next I saw Baalbec but I can by no means endorse the enthusiasm of travellers regarding these very grand ruins. Their immense size, their proportions, the inimitable labour & exquisite workmanship of their sculptured details; none can fail to be struck with, nor to delight in contemplating. But, all the florid ornaments of architecture, (Roman withall,) cannot fill up the place of simplicity, nor to me is it possible to see hideous forms of Saracenic walls around & mixed with such remains as

Tessália, numa escala maior. O interior do Líbano, no entanto, é maravilhosamente belo: uma espécie de paisagem suíça oriental: inúmeras aldeias pontilham os planaltos e se movem sobre as rochas que estão espalhadas em cada lado e sobem ravinas escuras, descendo sinuosas até as planícies de Tripoli e do mar azul. Tudo isso eu poderia muito bem ter almejado explorar e desenhar e poderia ter ido mais longe, se eu não tivesse ficado tão mal por causa do frio extremo do topo da montanha e ser obrigado a voltar para a Coele-Síria, teria feito meu desenho dos Cedros como um sinal da minha visita ao Líbano.

14 Em seguida, visitei Balbec, mas não posso de forma alguma endossar o entusiasmo dos viajantes em relação a estas grandiosas ruínas. O seu imenso tamanho, suas proporções, o trabalho inigualável e o acabamento requintado de seus detalhes esculpidos; ninguém consegue ficar sem ser atingido, ou sem ter o prazer de contemplar. Mas, todos os ornamentos enfeitados da arquitetura (contudo romana) não podem preencher o lugar da simplicidade, nem para mim é

those of Baalbec, without a feeling of confused dislike of the whole scene, so incomplete & so unimpressive. To my mind, the grand and positive-simple Temple of Paestum the lonely Segesta the Parthenon & Theseium, & above all, the astonishing singleness of the Egyptian temples are worth heaps of Baalbecs.

15 Possibly also, the presence of 6 tents full of English travellers, of a rope-dancer from Cairo, with consequent attendant crowds, & of a village full of tiresome begging impical Heliopolitans had somewhat to do with my small love of Baalbek & its neighbourhood. The day's journey thence half way over Anti Lebanon, & the following journey down hither would be of great interest could more time be spent on the way : but though I have added little to my collection of drawings, the view of this city and its plain is almost a recompence for any trouble. Imagine 16 worlds full of gardens rolled out flat, with a river and a glittering city in the middle, & you have a sort of idea of what the Damascus pianura is like. I

possível ver as formas muito feias das paredes de arquitetura islâmica misturadas aos restos daquelas de Balbec, sem um sentimento confuso de antipatia perante a cena, tão incompleta e tão inexpressiva. A meu ver, o grande e simples Templo de Paestum, a solitária Segesta, o Partenon e o Templo de Hefesto, e acima de tudo, a singularidade surpreendente dos templos egípcios valem pilhas de Balbecs.

15 Possivelmente, também, a presença de seis tendas cheias de viajantes ingleses, de um dançarino de corda do Cairo, das consequentes multidões de expectadores, e de uma aldeia cheia de heliopolitanos tediosos e imploradores, tinha pouco a ver com o meu pequeno amor por Balbec e sua redondeza. O dia da viagem dali até o Anti Líbano, e o caminho seguinte para cá seria de grande interesse se pudesse ter gasto mais tempo no caminho, mas apesar de eu ter adicionado pouco a minha coleção de desenhos, a vista da cidade e sua planície é quase uma recompensa para qualquer problema. Imagine dezesseis mundos cheios de jardins, todos planos, com um rio e uma cidade reluzente no meio e

<p>really hope to get a good view of this, but I am sadly put out at losing two days by the vagaries of these horrid Musclemen, not to speak of my being lame from a stone thrown at me yesterday, pig ! I shall set off from here on Saturday the 29th & get to Beirut I hope on June 1st.</p>	<p>you will have an idea of how it is the plain of Damascus. Really I hope to have done good use of this, but I am sad to have lost two days for the sake of these horrid muscular men, not to speak of my being lame from a stone thrown at me yesterday, pig ! I shall set off from here on Saturday, the 29th and get to Beirut I hope on June 1st.</p>
---	--

CARTA 07

(STRACHEY, 1907, p. 134-136)

(Introduction – by Lady Strachey)

The war between France and Austria now broke out, but was over very quickly. The difficulties in Italy, however, were rather augmented than diminished, as the Italians found that Louis Napoleon had no intention of literally fulfilling his promise to free them from the yoke of Austria. The national movement against foreign supremacy and the temporal claims of the Pope, soon began to assume threatening proportions under the leadership of Garibaldi.

Lear to Fortescue
9. Via Condotti, Roma
May I, 1859

1 Here's a pretty kettle of fishes ! ain't it? Everybody here is trying to get away, but they can't, for the roads thro' Tuscany are more or less uncertain, & no one chooses to risk horses being taken for

(Introdução – por Lady Strachey)

A guerra entre a França e a Áustria tinha estourado, mas terminou muito rapidamente. As dificuldades na Itália, no entanto, cresceram muito ao invés de diminuir, à medida que os italianos descobriram que Luís Napoleão não tinha a intenção de, literalmente, cumprir sua promessa de libertá-los da dependência da Áustria. O movimento nacional contra a supremacia estrangeira e as reivindicações temporais do Papa logo começou a assumir proporções ameaçadoras sob a liderança de Garibaldi.

Lear para Fortescue
Via Condotti, Roma,
Itália
1º de maio de 1859

1 Aqui está um balaio de gatos¹⁰⁸, não? Todo mundo está tentando fugir, mas não consegue. Pelas estradas ao longo da Toscana está um tanto incerto e ninguém escolhe ir a cavalo, pois esses estão sendo

¹⁰⁸ “*Pretty kettle of fishes*” é o termo que aparece na carta em inglês. Trata-se uma expressão idiomática usada ironicamente para se referir a uma situação confusa, constrangedora ou incompreensível.

<p>troops. While, the same panic fills all the boats at Naples, & not a place is to be got at C. Vecchia, where several hundred English are staying, on dit, like to poor folk about the pool of Bethesda. The last 3 or 4 days are indeed very full of thunder clouds, & no one knows what is to follow. (The P[rince] of W[ales] goes tomorrow). As for myself, I do not know which way to turn. Should the war continue, or spread in new directions, it is clear that no strangers will come here, & the place will be utterly odious ; yet I have taken expensive rooms for 2 years & a half, and have spent every farthing I have in fitting them up as a winter home. Possibly, if things grow much worse, I may come [to England], & publish some of my tours by subscription, living obskewerly & cheaply. In less than 10 days I hope to send off Baring's & the other pictures. Next to make the studies for Gibbs, Heywood &</p>	<p>tomados pelas tropas. Enquanto, o mesmo pânico preenche todos os barcos em Nápoles, e não se consegue um lugar em Civitavecchia¹⁰⁹, onde muitas centenas de ingleses estão hospedados, conforme boatos, como os pobres do tanque de Betesda¹¹⁰. Os últimos três ou quatro dias foram realmente muito cheios de temporais, e ninguém sabe o que vem a seguir. (O Príncipe de Gales vai amanhã). Quanto a mim, não sei qual caminho tomar. Caso a guerra continue, ou se espalhe em novas direções, é claro que nenhum estrangeiro virá para cá, e o local ficará completamente abominável. Embora, tenha alugado quartos caros por dois anos e meio e tenha gasto cada centavo para equipá-los como uma casa de inverno. Possivelmente, se as coisas ficarem piores, eu volte à Inglaterra e publique alguns dos meus relatos de viagem, vivendo de forma obscura e econômica. Em menos de 10 dias, espero enviar os quadros</p>
--	--

¹⁰⁹ Civitavecchia é uma comuna italiana da região do Lácio, província de Roma, com cerca de 47.349 habitantes.

¹¹⁰ O tanque de Betesda é um local referido na Bíblia, mencionado somente no Novo Testamento. Nos tempos bíblicos, este local havia sido transformado num grande centro de peregrinação para pessoas que pretendiam obter cura através dos alegados poderes curativos das suas águas. Este reservatório ou tanque ficava perto da Porta das Ovelhas, na zona Norte de Jerusalém.

Stamfield's pictures in the Campagna. This will bring me to June, by which time I must decide some way or other.

2 If I ever come to England I must see you at Red House, but I should mainly have to poke about London, & therefore I had half as rather not come this year, all the more that the N.Z. sister comes over for 2 years & at first family matters won't be happy, as there has been much bother of late, & I always keep out of these messes, though I have come down with £20 in the winter for the amiable relatives here and there, as is right & fit. My money affairs are, au plus bas : but I don't like giving up, so I shall hold on.

3 I hope you have not been over-bothered by the Election but, do you know I rather like you to have to do the work, because it stirs you up, & your nature requires that, I take it now and then. Lord D[erby]'s speech about the Indian heroes was good : but I don't think his Govt., or

de Baring e outros também. Em seguida, faço os estudos para Gibbs, Heywood¹¹¹ e dos quadros de Stamfield na Campagna. Logo chegará junho, época de tomada de decisões.

2 Se um dia eu voltar à Inglaterra, devo vê-lo na Red House, mas eu tenho que, principalmente, dar uma volta em Londres e, portanto, preferiria não voltar este ano, ainda mais que a irmã N.Z. ficará por mais dois anos, e em questões familiares não sou bem sucedido e como tem havido muito aborrecimento ultimamente, tento ficar de fora dessas confusões. Embora, eu tenho liberado 20 libras para os parentes amáveis aqui e ali, como é justo e adequado. Meus assuntos de dinheiro não são tão lucrativos: mas não vou desistir, vou persistir.

3 Espero que você não esteja muito incomodado com a eleição¹¹², mas, preferiria que você fizesse o trabalho, porque sei que isso te empolga e é da sua natureza, presumo isso de vez em quando. O discurso do Lorde Derby sobre os heróis da Índia foi bom, mas não acho que seu governo, ou o Lorde

¹¹¹ Arthur Heywood, de Stanley Hall, Yorks.

¹¹² A derrota do governo de Lord Derby sobre o *Reform Bill* do Sr. Disraeli levou a uma dissolução do Parlamento em maio.

<p>Lord S[tan- ley] in particular have acted well to Lord Canning, whose career has been one of the utmost difficulty, and needed no ungenerosity to embitter it further : the Earldom & the praise do not tally with the Ellenborough Stanley dispatches.</p>	<p>Stanley em particular tenham agido bem com o Sr. Canning, cuja carreira tem enfrentado extremas dificuldades e a falta de generosidade amargurou-o ainda mais: o Condado e o elogio não coincidem com os despachos¹¹³ de Ellenborough Stanley.</p>
<p>4 Yes indeed, I do feel " sick of time " here. I am convinced of this more and more: if you have a wife, or are in love with a woman, (both phases of the same state of self division, the only real and proper state of life in this world) if I say such be your condition, ω άνθρωπος! then you may stay in any place & in any circumstances : you are raised out of the necessity of contemplating the cussed nuisances of poverty or bores by sympathy : but if you are absolutely alone in the world, & likely to be so, then move about continually & never stand still. I therefore think I shall be compelled & more especially by the appearance</p>	<p>4 Sim, de fato, eu me sinto "doente de tempo" aqui. Estou cada vez mais convencido disso: se você tem uma esposa ou está apaixonado por uma mulher, (ambas as fases do mesmo estado de divisão pessoal, o único estado verdadeiro e próprio da vida neste mundo) se eu disser que essa é a sua condição, ω άνθρωπος! ¹¹⁴, então pode estar em qualquer lugar e em qualquer circunstância: é poupado da necessidade de contemplar as malditas perturbações da pobreza ou súplicas por compaixão. Mas, se está absolutamente sozinho no mundo, e provavelmente assim estará, se mova continuamente e nunca fique parado. Por isso, acho que serei</p>

¹¹³ Em 3 de março de 1858, Lorde Canning, então governador-geral da Índia, emitiu sua famosa Proclamação praticamente confiscando toda a Oude. Isto foi condenado pelo Governo do Lorde Derby, e o Sr. Ellenborough, o então presidente do Conselho de Controle, enviou um despacho de desaprovação nos termos mais violentos. Lorde Canning recebeu um condado em 21 de maio de 1859.

¹¹⁴ Tradução: Oh, homem!

<p>of things on the horizon, to go to Japan & New York, or Paraguay, or anywhere before long.</p>	<p>compelido, e mais especialmente pela aparência das coisas no horizonte, a ir ao Japão, Nova Iorque, ou ao Paraguai, ou a qualquer outro lugar pouco tempo depois.</p>
---	--

CARTA 08

(STRACHEY, 1907, p. 155-156)

15, Stratford Place, Oxford Street 4 th November.1859	¹¹⁵ Stratford Place, Rua Oxford, 15 04 de novembro de 1859
1 O! Mumber for the County Louth Residing at Ardee ! Whom I, before I wander South Partik'lar wish to see :	1 O! Mumber ¹¹⁶ ao Condado de Louth Residente em Ardee! A quem, antes de eu vaguear pelo Sul Particularmente desejaria ver.
2 I send you this. That you may know I've left the Sussex shore, And coming here two days ago Do cough for evermore.	2 Envio-lhe esta para que saibas Que deixei a Costa Sussex E tendo chegado aqui há dois dias Tossirei para sempre
3 Or gasping hard for breath dc sit Upon a brutal chair, For to lie down in Asthma fit Is what I cannot bear.	3 Ou com a respiração ofegante me sento Sobre uma cadeira dura, Deito-me numa crise de asma, Não consigo mais suportar.
4 Or sometimes sneeze : and always blow My well-developed nose. And altogether never know No comfort nor repose.	4 Ou, às vezes espirro: e tenho que limpar Meu avantajado nariz E assim nunca tenho Conforto ou repouso.
	5

¹¹⁵ Esta carta foi escrita em versos. A métrica poética e a rima não foram mantidas na tradução.

¹¹⁶ Modo como Fortescue era chamado pelos irlandeses. Em outras cartas, Lear também cita o apelido.

<p>5 All through next week I shall be here, To work as best I may, On my last picture, which is nearer finished every day.</p> <p>6 But after the thirteenth (that's Sunday) I must if able start (Or on the Tuesday if not Monday,) For England's Northern part.</p> <p>7 And thence I only come again Just to pack up and run Somewhere where life may less be pain, And somewhere where there's sun.</p> <p>8 So then I hope to hear your ways Are bent on English moves For that I trust once more to gaze Upon the friend I loves.</p> <p>9 (Alas ! Blue Posts I shall not dare To visit ere I go Being compelled to take such care</p>	<p>Durante toda a próxima semana, estarei aqui, Para trabalhar o melhor que puder No meu último quadro, que está a cada dia Mais perto do fim.</p> <p>6 Mas, depois do dia treze (que é domingo) Devo, se puder, partir para (Ou na terça-feira se não segunda) A parte norte da Inglaterra.</p> <p>7 E então, só retornarei Para fazer as malas e viajar Para algum lugar onde possa haver menos dor E algum lugar onde tenha sol.</p> <p>8 Então, espero saber que seus passos Estão voltados aos caminhos ingleses Pois confio que verei mais uma vez O amigo que amo.</p> <p>9 (Ai de mim! O Blue Posts não me atrevo Visitar antes de ir. Sendo obrigado a tomar cuidado</p>
---	--

<p>Of all the winds as blow.)</p> <p>10 But if you are not coming now Just write a line to say so And I shall still consider how Ajoskyboskybayso. 11 No more my pen : no more my ink : No more my rhyme is clear. So I shall leave off here I think Yours ever, EDWARD LEAR.</p>	<p>Com todos os ventos que sopram.)</p> <p>10 Mas se você não está vindo agora Basta escrever uma linha para dizer E ainda considerarei AjoSkyboskybayso¹¹⁷. 11 Não há mais caneta: não há mais tinta: Não há mais rima clara. Então, acho que devo cessar por aqui Atenciosamente, EDWARD LEAR.</p>
---	---

¹¹⁷ Termo nonsense sem uma tradução específica. É possível notar que Lear cria uma palavra sonora para rimar o quarto verso com o segundo que termina em “*say so*”.

CARTA 09

(STRACHEY, 1907, p. 157-161)

<p style="text-align: center;">Lear to Fortescue</p> <p style="text-align: center;">Hotel Bristol, Marseille 26. Decbr. 1859</p> <p>1 I shall write a scribblebibble from here, so that you may feel it borne in upon you that you are a letter in my debt, & so that I may the sooner hear from you in the Holy City, where, selon the Times, we are all to "pray, & dig in the ruins, and contemplate, & study art, and pray over again." Which reminds one that the "Brochure" (of course you have read it by this time,) is making a sensation in all France not to be conceived. The whole railway libraries are full of copies, & every tenth person seems to buy one. And the eagerness with which the Reviews of it are read is wonderful. It seems to be quite understood as the Emperor's policy or will made public, & I have heard from some who have known a good deal from being with his train all through</p>	<p style="text-align: center;">Lear para Fortescue.</p> <p style="text-align: center;">Hotel Bristol, Marselha, 26 de dezembro de 1859</p> <p>1 Vou escrever uns rabibiscos¹¹⁸ a partir daqui, de modo que terá que suportar a dívida de uma carta minha e para que eu possa receber notícias suas na Terra Santa, onde conforme o <i>The Times</i>¹¹⁹, nós nos reunimos para "orar, cavar as ruínas, contemplar, estudar a arte, e mais uma vez orar." Lembrando que o "Periódico" (é claro que você já deve ter lido a esta altura,) está causando uma comoção inimaginável em toda a França. As bibliotecas das estações estão cheias de cópias, e dez entre dez pessoas parecem ter comprado uma. E a ansiedade com que cada jornal é lido é impressionante. Parece ter se tornado bastante compreendida a política do Imperador ou se tornado pública e ouvi dizer que alguns têm considerado uma boa ideia estar em seu trem nas batalhas de Lombard,</p>
--	--

¹¹⁸ A palavra scribblebibble, inventada por Lear, é um termo nonsense. Scribble pode ser traduzido como rabisco. O restante é uma criação sonora da palavra. Houve uma tentativa de recriar algo parecido na tradução.

¹¹⁹ *The Times* é um célebre e histórico jornal inglês, editado em Londres, publicado diariamente desde 1785.

the Lombard battles, that it is believed that he has fully decided on throwing over the Clerical party, & leaning on the Military only. The tightest screw is put on the press organs of the former, so this does not seem improbable. Surely the Cardinal A. will hardly have a pleasant voyage, "knowing all his own mischance, with a seasick countenance," & perhaps reading the "Brochure " between vomitings.

2 My own doings hereto have been most fortunate: Thackeray was on board the Folkestone steamer, and the weather was propitious. The great man was very amiable & gave me No. I. of his new magazine, "The Cornhill." Also I heard, the night I got to Folkestone, & saw in the papers that Mrs. S. G. had eloped with her fuliginous footman & was to be on board next day, a report which shocked me, as I know the S. Gs. I was therefore pleased on the 23rd to find that the lady was Mrs. J. G. which I did not care about & which her footman was white & she carried a small spaniel in her

acredita-se que ele esteja totalmente decidido em abandonar o partido Clerical, e pendendo apenas para o Militar. O parafuso apertado é colocado sobre os órgãos da antiga imprensa, de modo que isso não pareça improvável. Certamente o Cardeal A.¹²⁰ não terá uma viagem agradável, "conhecendo seu próprio infortúnio, com um semblante enjoado", e talvez de ler o "Periódico" entre vômitos.

2 Meus próprios feitos foram muito bem sucedidos: Thackeray estava a bordo do navio de Folkestone, e o clima estava propício. O grande homem era muito amável e me deu o exemplar número um de sua revista nova "A Cornhill." Também ouvi dizer, na noite que embarquei no Folkestone e vi nos jornais que a Sra. S.G. havia fugido com seu laçao cor de fuligem e era para estar a bordo no dia seguinte, um relatório que me chocou, pois eu conheço o Sr. S.G. Por isso, fiquei feliz quando no dia 23, descobri que era a Sra. J.G., com quem não me importava, e cujo laçao era branco e ela carregava um cãozinho spaniel em seus braços infieis. Quando cheguei a Paris, fui para o

¹²⁰ Antonelli, o Secretário Cardeal do Governo Papal.

faithless arms. At Paris I went to the Hotel du Grand Louvre, & never was so comfortable in Paris before, which the service & the beds & the cooking were all good. At 8 on the 24th. P.M., I set off hither, & arrived here before 4 yesterday, this being also a most good little Hotel & new to me. Lo! on the dinner table there was roast beef, turkey & a plumpudding. There are some vulgarry people here going to Rome, & a capital military doctor from India, who I wish was going but aint.

3 In the rail yesterday was an intelligent man going to Cannes, I do not know who. He told me some- things that interested me, viz. that the successor of Saunders, a *firstrate* consul for so many years in Albania, is one Cathcart ; whom he describes as a man of family & interest, but speaking no language but his own, & looking on Prevesa as an exile and thereby still lingering in London. I could not but agree with him that the neglect of our consulships is a far more dangerous evil to the

Hotel du Grand Louvre, e nunca foi tão confortável estar em lá antes, o atendimento, as camas, a comida, tudo estava muito bom. Às vinte horas, no dia 24, parti para cá e cheguei aqui antes das quatro horas de ontem, sendo este aqui também um bom hotel e novidade para mim. E veja só! Na mesa do jantar tinha rosbife, peru e pudim de ameixa. Há algumas pessoas vulgares aqui indo para Roma e um médico militar da capital da Índia, que desejaria que fosse embora, mas não foi.

3 Na estação ontem havia um homem inteligente indo a Cannes, não sei quem era. Ele me disse coisas que me interessaram: que o sucessor de Saunders¹²¹, um excelente cônsul por tantos anos na Albânia, é um Cathcart; a quem ele descreve como um homem de família e dedicado, mas que não fala nenhuma outra língua além de sua própria, contemplando Preveza¹²² como um exílio, e ainda assim permanecendo em Londres. Não pude deixar de concordar com ele que a negligência dos nossos consulados é um mal muito mais perigoso para o nome e comunidade inglesa do

¹²¹ Sidney Smith Saunders (nomeado cavaleiro em 1873) foi nomeado Cônsul-Geral nas ilhas jônicas em sua cessão para a Grécia em 1864.

¹²² Cidade no noroeste da Grécia.

<p>English name & commonwealth than is cared to be considered, & that the opposite system with our neighbours here is one of their greatest implements in that success no one can deny them as daily increasing all over the world. I know it would be said that a public school for language competition & consular qualities would not be tolerated in England, as being ostentatiously conducive to the spread of foreign convictions as to our wish for "overrunning the world" &c. &c. But surely some- thing like a better system might gradually be attained to if it were fixed that 2 or more secretaries should be attached to each consul generalship, with a view to education in the lingo & manners of the countries, so as that the head being removed, one of the secretaries should succeed!</p>	<p>que se imagina e que o sistema de opposição com nossos vizinhos é uma de suas maiores ferramentas e neste processo ninguém há de negar que o crescimento deles diariamente está em toda parte. Sei que diriam que uma escola pública com competição de idiomas e qualidades consulares não seria tolerada na Inglaterra, sendo ostensivamente propícia para divulgar as convicções dos estrangeiros de que temos o desejo de nos "sobrepôr ao mundo", etc, etc. Mas, certamente algo como um sistema melhor poderia ser gradualmente alcançado se fosse determinado dois ou mais secretários vinculados a cada consulado, com uma perspectiva de educação no dialeto e cultura dos países, assim sendo o superior removido, um dos secretários seria bem sucedido.</p>
<p>4 Thus, Wood, undeniably the complete Consul- general in all points, being sent to Tunis from Damascus, after years of perfection in Arabic, in knowledge of the country & its people, & in general influence,</p>	<p>4 Assim, Wood¹²³, inegavelmente o cônsul-geral mais completo em todos os sentidos, sendo enviado para Tunis de Damasco, depois de anos de perfeição em árabe, no conhecimento do país e de seu povo e na influência geral. Por que o lugar de um homem assim deva ser preenchido por</p>

¹²³ Sr. Richard Wood foi Cônsul-Geral em Tunis 1855-1879.

why should the place of such a man be filled by an excellent old man from Erzeroum, 70 years of age, & not knowing a syllable of Arabic? Or that Saunders, the beau ideal of activity & zeal, & knowing Greek & Turkish for years, should not be followed by at least one who has some portion of his mantle! I grant that Wood is good for Tunis, & that Saunders is good for Alexandria, but why fill up their posts by haphazard, & thus undo all that has been done for years. Both in Damascus and Albania now, a good French Consul could prevent our position in trade & influence from ever becoming what it has been. (Moreover, if you want illustrations of the blind fool-system, I do happen to know that the Gov. offered Saunders the Consulship of a place in S. America! so fit to bring out the talents used for 30 years in the Levant!)

5 I do not think anyone Gov. is chargeable with these defects, but the whole system should be changed & revised. Could you not set about such a plan, by a pamphlet or private

um excelente velho de Erzurum¹²⁴, 70 anos de idade, e não sabendo uma sílaba de árabe? Ou que o Saunders, perfeito e zeloso nas suas atitudes, e conhecedor do grego e turco há muito tempo, não deva ser seguido por pelo menos um que possua tais qualidades! Confirmando que Wood é bom para Tunis e que Saunders é bom para Alexandria, mas por que preencher seus lugares a esmo, e, assim, desfazer tudo o que foi feito há anos. Tanto em Damasco e Albânia agora, um bom cônsul francês poderia guiar nossa posição no comércio e influenciar para que as coisas não ficassem como estão. (Além disso, se você quiser exemplos de um sistema tolo e cego, descobri que o Governo ofereceu a Saunders um consulado de um lugar na América do Sul! Tão sutil levar para longe os talentos usados por 30 anos no Levante!)

5 Penso que ninguém no governo seja encarregado de todas estas falhas, mas o sistema todo deveria ser modificado e revisado. Você talvez não concorde com tal plano, através de um periódico, ou de influência privada e

¹²⁴ Cidade do leste da Turquia situada na região da Anatólia Oriental.

influence, calling public or Government interest to the subject, which I think you would agree with me, is one of very great importance. I suppose however, you have but little time yourself, but you might tread on Lord John's toes or bully Lord P[almerston].

6 Let me hear from you as often as you can. I am in horrible misery just now, remembering a brutal letter I wrote you just a year ago. My sins are always like chronic fever, which return at stated intervals, or rather like pains in amputated feet, which are felt after the limb is long removed.

pública, ou interesse do governo com o assunto, o que penso e você terá que concordar, seria de grande importância. Suponho que, no entanto, você tenha pouco tempo para si mesmo, mas você pode perturbar o Lorde John ou intimidar Lorde Palmerston.

6 Mande notícias sempre que puder. Estou em profundo tormento me lembrando da carta grosseira que te escrevi há um ano. Meus pecados são como uma febre crônica, que retorna em horários estabelecidos, ou melhor, como pés amputados que são sentidos mesmo muito tempo depois de serem removidos.

CARTA 10

(STRACHEY, 1907, p. 174-178)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Oatlands Park Hotel Walton on Thames, Surrey Sept. 30. 1860</p> <p>1 I really hope you will be able to come for Sunday the 14th, for you would enjoy this place, if weather gets better, & by that time my Cedars will have advanced a bit, I trust.</p> <p>2 Yesterday only the big case arrived, but thanks to the assiduous friendliness of one Mr. Lyle who has built a huge house in the centre of Cedardom, I am able to get the canvas set up allright, & actually worked at it a good bit: The next neighbour to Mr. Lyle also, a Mr. Hewitson who possesses the finest collection of Butterflies existing, pervades the place with assistance & brings water-jugs &c. &c. freely. I have hired a small boy, his name is "Norval" (on the Grampian Hills his father feeds &c.) for sixpence a day, wages to be raised to ninepence if</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Oatlands Park Hotel Walton on Thames, Surrey, Inglaterra 30 de setembro de 1860</p> <p>1 Realmente espero que você consiga vir no domingo, dia 14, para desfrutar deste lugar, se o tempo melhorar e até lá meus Cedros¹²⁵ terão avançado um pouco mais, assim espero.</p> <p>2 Ontem chegou somente uma caixa grande, mas, graças à simpatia constante de um Sr. Lyle que construiu uma enorme casa no meio dos cedros, consigo pintar a tela e na verdade funcionou muito bem: o vizinho mais próximo do Sr. Lyle, o Sr. Hewitson possui a melhor coleção de borboletas¹²⁶ que já se viu, ele invade o local livremente, trazendo jarros de água, etc, etc. Contratei um pequeno menino, seu nome é "Norval" (seu pai vive no Grampian Hills). Por seis centavos ao dia, deve aumentar para nove,</p>
--	---

¹²⁵ *The Cedars of Libanon* é um dos quadros de Lear, pintado a óleo em 1861. O quadro foi inspirado nos cedros de Oatlands Park Hotel, na cidade de Weybridge, distrito de Surrey na Inglaterra. O cedro mais antigo de lá foi importado do Líbano.

¹²⁶ Esta coleção está agora no Museu de História Natural.

good, who carries folios, brushes &c., from the Hotel, for Hotel is only 5 minutes from where I go to paint, so I hope all next week to get a-head.

3 But I will describe my life generally. The Hotel then is a large & sumptuously commodious place, in a part of the old Oatlands Park with nice broad terrace walks, & a wonderfully lovely view over the river Temms & the surroundiant landskip. Them as likes private rooms, can have them. But, I & some 20 more live in public. I have a large light bedroom, delightful to behold, & wanting for nought. Here I rise, (to begin the day,) at 6, & by 6.30 or 6.45 am at work on one of the seven drawings. At 8 I go downstairs, & from that to 9 breakfast audibly in the public coughy-room, which is first-rate in every particular. The Times, (oh how my stomachaches for Garibaldi!) & letters arrive also at that hour.

4 Immejately after these facts, I go out to work, (Friday it poured with rain, so I worked indoors,) & by 6. I am

carrega os fólhos, os pincéis, etc, do hotel que fica a apenas 5 minutos de onde eu vou pintar. Espero que até a próxima semana eu possa ter avançado mais.

3 Bem, vou descrever minha vida em geral. O hotel é um lugar grande e suntuoso, em uma parte do antigo parque de Oatlands, com amplos terraços para caminhadas e uma vista maravilhosa do rio Temms e da paisagem ao redor. Quem gosta de salas privadas, pode usufruí-las. Mas, eu e mais uns 20 dividimos uma coletivamente. Tenho um quarto claro e grande, agradável de ver e usado para nada. Aqui, me levanto às 6 e por volta das 6:30 ou 6:45 já estou trabalhando em um dos sete desenhos. Às 8, eu desço e até às 9 tomo café da manhã na sala de “tossir”¹²⁷, que é de primeira qualidade em todos os detalhes. O *The Times*, (oh como meu estômago dói por Garibaldi!) e as cartas chegam também nessa hora.

4 Logo após, saio para trabalhar (sexta-feira derramou chuva, então eu trabalhei

¹²⁷ Lear faz um trocadilho aqui usando “*coughy-room*” ao invés de “*coffee-room*”, insinuando que crises de tosse podem ser ouvidas durante o café.

back again. Dinner happens at 6.45. & is arranged & good: & what pleases me I can get plain food. One pint of sherry, & one ditto of beer is my liquor, & these are extras, all other board, lodging, & service costing 4.4 a week. The company is not bad, & rather amusing: some is permanent, some changeful. Among the latter I trust are the parents of a beastly little child, whom seeing playing about, I spoke to simply as being attracted to all nice looking little children. Whereon the imp thus accosted me :

5 "O my! What an ugly chap you are! "And what ugly shoes you wear! You must be a nasty ugly old Scotchman!" It is unnecessary to relate that I turned away with ill disguised disgust from this offensive infant, who cannot fail to bring his father's gray airs to an untimely end.

6 The only other person who has gone is a large old lady, who the first night (Thursday,) I was here, came slowly across the large reading-room, steadily looking at me. When she had advanced within 3 feet of my chair, I could bear it no longer, for I knew she would do one of two things, either embrace me, or charge

dentro de casa,) e às seis da tarde, estou de volta. O jantar acontece às 6:45 e é bem organizado, bom e o que me agrada é que posso ter uma comida simples. Uma caneca de vinho e o mesmo de cerveja são meu licor, esses são extras, outro tipo de refeição, hospedagem ou serviço têm um custo de 4.4 por semana. A administração não é ruim e bastante divertida: alguns são permanentes, outros mudam. Entre estes últimos, acredito que estejam os pais de uma criança desagradável, que vi brincando e fiquei atraído pela bela aparência que as criancinhas têm. Onde o diabinho me abordou:

5 "O meu Deus! Que sujeito feio você é! E o que sapatos feios você usa! Você só pode ser um desagradável e feio velho escocês!" É desnecessário dizer que me afastei com desprezo aparente da agressiva criança que não há de falhar em trazer seu pai às cinzas prematuramente.

6 Outra pessoa que se passou foi uma grande senhora de idade, que a primeira noite (quinta-feira) que eu estava aqui, veio lentamente pela grande sala de leitura, olhando para mim insistentemente. Quando ela estava a 3 pés da

me with a religious tract, so I rose up in terror. On which she said in a loud voice, "Sit down Sir ! I only came across the room to see if you was anyone I knew." To return to the Dining table, there is a young Hussar who has been in French service, & later all through the Indian Mutiny: rather a nice fellow, Irish, & knows the "Bellews " : A very well informed & clever man, I conclude a physician : his wife wears spectacles & seems literary. A grand dark man, who says Hay? If ever I speak to him, (so I have left off doing so) : & various other characters. The head waiter is a praiseworthy individual, & his efforts to make a goose go round 18 diners were remarkable yesterday, as well as his placid firmness when there was only one bit left, & 4 persons yet unserved. "Who's this for?" said an agitated buttony boy, foreseeing the invidiousness of the task set him. "HENNYBODDY !" said the waiter in a decided tone, & then coming to the three gooseless persons, of whom I was one,

(Three were in such

minha cadeira, não consegui aguentar, pois sabia que ela poderia fazer duas coisas, ou me abraçar ou me cobrar algum acordo religioso, por isso, levantei-me assustado. Nisto, ela disse em voz alta: "Sente-se, senhor! Eu só me aproximei para ver se você era alguém que eu conhecia." Voltando para a mesa de jantar: há um jovem cavaleiro húngaro que tem estado no serviço francês e mais tarde em toda a revolta indiana; um belo rapaz, irlandês, que conhece os "Bellews"; um homem inteligente e muito bem informado, imagino que seja médico; e sua esposa que usa óculos e parece literária. Um homem grande moreno, que diz Hay? toda vez que falo com ele (talvez, por isso, tenha deixado de falar) e várias outras personagens. O garçom é uma pessoa digna de louvor, e seus esforços para fazer um ganso servir 18 clientes foram notáveis ontem, bem como a sua tranquilidade quando havia restado apenas um pouco, e quatro pessoas ainda não tinham sido servidas: "Para quem é isto?" disse um agitado menino rechonchudo, prevendo

<p>fortune cast Of whom myself was left the last,) he said in a conscientious & pained under- voice " Gentlemen I am really sorry this has happened ! but I declare to you that there shall be another goose to-morrow ! "</p> <p>7 At 9. I go to my room, much to the disgust of the community who having found out that I am musical, consider my "seclusion" unpleasant. And so they sent up a deputation 2 nights ago to ask me to come down to them but I remained where I was. For one hour, I translate Η Πολιτεία of my daily old Plato : & for one more hour I pen out some remaining Athos drawings. And at 11, I go to bed. There's a pretty good history of life at the Oatlands Park Hotel.</p> <p>STORY. Scene, Railway Station,</p>	<p>o constrangimento que tinha gerado. "ALGUÉM MAIS?"¹²⁸ Disse o garçom em um tom firme, e, em seguida, chegando às três pessoas sem ganso, entre as quais eu estava, (Entre três a sorte foi lançada,¹²⁹ A qual a mim foi deixada a última parte). ele disse com uma voz baixa, sofrida e piedosa: "Cavalheiro, lamento muito que isto tenha acontecido, mas eu vos declaro que haverá um outro ganso amanhã!" 7 Às 9, vou para o meu quarto para o descontentamento da comunidade que descobriu que sou músico, e consideram a minha "reclusão" desagradável. E assim eles enviaram uma delegação duas noites atrás, para me pedir que descesse com eles, mas fiquei onde estava. Por uma hora, traduzo "O Político" do meu habitual velho Platão: e mais uma hora, passo rabiscando alguns desenhos do Mount Athos e às 11, vou para a cama. Há uma boa história de vida no Oatlands Park Hotel.</p>
--	--

¹²⁸ O garçom, provavelmente de origem estrangeira, pronuncia de forma errada, e ao invés de "ANYBODY", Lear escreve "HENNYBODDY".

¹²⁹ Lear escreve esta parte da carta como uma citação, o que poderia ser uma alusão ao trecho bíblico que diz: "Repartiram entre si minhas vestes e sobre meu manto lançaram a sorte".

<p>North of Scotland. Persons: Old Scotchwoman and Railway Clerk. Old Woman. "A Tucket." Railway Clerk. "Whar till ?" O. W. (with more emphasis). " A Tucket!" R.C. (louder). "Whar till?" O.W. (fiercely). " A Tucket, I say !" R.C. (angrily). " Whar till then ? " O.W. " You are a nasty speering body ! What is't to you whar I am ganging to ? " (Train draws up party of Old Woman's friends out " Jeanie ! Jeanie ! You'll be too late : have you na got your tucket ? ") O.W. " Na ! and I winna tell the old fellow whar I am going ! What is it to him! "(Train goes on.)</p>	<p>HISTÓRIA¹³⁰ Cenário: estação de trem no norte da Escócia. Personagens: uma velha escocesa e um atendente da estação. A Velha: "Um biete." O Atendente: "Pronde?" A V. (com mais ênfase): "Um biete." O A. (mais alto): "Pronde?" A V. (ferozmente): "Um biete. eu disse!" O A. (furiolosamente): "Pronde então?" A V.: "Você é um ser isquisito! O que você tem que saber pronde eu vô?" (O trem se prepara, um grupo de amigos da velha a chamam: "Jeanie! Jeanie! Você vai se atrasar! Você nã pegou o biete?") A V.: "Nã quero dizer para este sujeito pronde eu vô! O que ele tem que ver com isso!" (O trem partiu.)</p>
---	--

¹³⁰ Na história contada por Lear, há muitos erros ortográficos, como "tucket" ao invés de "ticket", ou "whar" ao invés de "where", os quais tentei manter na tradução.

CARTA 11

(STRACHEY, 1907, p. 234-237)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Palaeokastrizza Easter Sunday April 20, 1862</p> <p>1 I wish you were here for a day, at least today: only that you are at "Red House," which is properer and Abercrombier. I have been wondering if on the whole the being influenced to an extreme by everything in natural or physical life, i.e., atmosphere, light, shadow, and all the varieties of day and night, is a blessing or the contrary and the end of my speculations has been that "things must be as they may," and the best is to make the best of what happens.</p> <p>2 I should however have added "quiet and repose" to my list of influences, for at this beautiful place there is just now perfect quiet, excepting only a dim hum of myriad ripples 500 feet below me, all round the giant rocks which rise perpendicularly from the sea : which sea, perfectly calm and blue stretches right out westward unbrokenly to the</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Palaeokastrizza, Corfu, Grécia Domingo de Páscoa 20 de abril de 1862</p> <p>1 Queria que você estivesse aqui por um dia, ao menos hoje, só que você está em "Red House"¹³¹, que é mais adequado e mais Abercromby¹³². Eu estive pensando se no todo o ser influenciado ao extremo por tudo na vida física e natural, por exemplo, atmosfera, luz, sombra e todas as nuances do dia e da noite, é abençoado ou não. No final das minhas especulações concluí que "as coisas são como podem" e o melhor é fazer o melhor daquilo que acontece.</p> <p>2 Devo, contudo, acrescentar "calma e repouso" para a minha lista de influências, pois neste lindo lugar há agora a calma perfeita, exceto apenas por um zumbido pouco perceptível de inúmeras ondas 500 pés abaixo de mim, todas ao redor das pedras gigantes que sobem na encosta do mar, que mar, trechos</p>
--	--

¹³¹ Hotel na cidade de Ardee, condado de Louth, na Irlanda.

¹³² Região elegante na cidade de Edimburgo, capital da Escócia.

sky, cloudless that, save a streak of lilac cloud on the horizon. On my left is the convent of Paleokastrizza, and happily, as the monkery had functions at 2 a.m. they are all fast asleep now and to my left is one of the many peacock-tail-hued bays here, reflecting the vast red cliffs and their crowning roofs of Lentish Prinari, myrtle and sage far above them higher and higher, the immense rock of St. Angelo rising into the air, on whose summit the old castle still is seen a ruin, just 1,400 feet above the water. It half seems to me that such life as this must be wholly another from the drumbeating bothery frivolity of the town of Corfu, and I seem to grow a year younger every hour. Not that it will last. Accursed picnic parties with miserable scores of asses male and female are coming tomorrow, and peace flies as I shall too. . . .

3 Enough of myself for the present, only as one wants one's friends to write about *themselves*, one goes and does likewise. I shall be anxious now every letter to hear

perfeitamente calmos e azuis, em direção ao oeste que se juntam ao céu, sem nuvens, salvo uma faixa de nuvem lilás no horizonte. À minha esquerda é o convento de Paleokastrizza, e felizmente, como o mosteiro iniciou suas funções às duas da manhã, todos eles estão dormindo agora e à minha esquerda é uma das muitas baías do pavão de cauda-colorida, refletindo os enormes penhascos vermelhos e os telhados culminantes de Lentish Prinari, murta e sálvia sobre eles, a imensa rocha de St. Angelo subindo pelos ares, em cujo topo do antigo castelo ainda é vista uma ruína, apenas 1.400 pés acima do nível do mar. Tenho para mim que esta vida aqui deve ser totalmente diferente daquela futilidade perturbadora de batida de tambores da cidade de Corfu. Parece que rejuvenesço um ano em cada hora. Não que isso vai durar. Grupos de um piquenique maldito com muitos e miseráveis traseiros masculinos e femininos estão vindo amanhã e a paz voa, assim como eu...

3 Chega de mim até o momento, somente quando alguém quer que seus amigos escrevam sobre si, esse alguém vai e faz o mesmo. Fico

something of your destinies though perhaps they must rather be talked of than written.

4 A great drawback to these Islands is the once a week post: there is a tension and a vacuum for six days and a horrid smash of disappointment if the 7th brings nothing.

5 I hope this summer we may get a quiet two or three days together, for I take it after a short time you, the last of the Mohicans, will cease also to be single, at least I hope so, though the fact of your doubling yourself would cut you off more from my intercourse. . . . In your old age I suppose you will be a minister, and won't go near Ireland, or I might settle to die at Flurry bridge or Dundalk (!!), and get good studies at Newcastle and Ravensdale. But I shall or should have a chapel of my own. Belfast Protestantism, Athanasian creeds, and all kinds of moony miracles should have no entrance there: but a plain worship of God, and a perpetual endeavour at progress. (Which reminds me of Tennyson's little poem of

ansioso para saber sobre seus destinos a cada carta, embora seria melhor se eles fossem falados do que escritos.

4 Uma grande desvantagem destas ilhas é que o correio vem uma vez por semana, há uma tensão e um vazio de seis dias e uma terrível decepção se o sétimo dia nada traz.

5 Espero que neste verão possamos passar dois ou três dias tranquilos juntos, pois presumo que você, o último dos moicanos, deixará também de ser solteiro, assim espero, embora o fato de você se duplicar, o afastará ainda mais do meu convívio...Em sua velhice, eu suponho que você vai ser um ministro, e não vai chegar nem perto da Irlanda, ou eu poderia resolver a morrer em Flurrybridge ou Dundalk¹³³ (!!), e obter bons estudos na Newcastle e Ravensdale. Mas, vou ou deveria ter uma capela própria. O protestantismo de Belfástia¹³⁴, o credo atanasiano, e todos os tipos de milagres lunáticos não deverão entrar lá: porém uma simples adoração a Deus e um esforço permanente em andamento. (O que me faz lembrar de um

¹³³ Cidades na Irlanda.

¹³⁴ É a maior cidade e capital da Irlanda do Norte.

"Will," which I have been trying to translate, and part of which I send you.

6 One thing, under all circumstances I have quite decided on - Ανεπιφύλακτα να αρνηθεί - when I go to heaven "if indeed I go" and am surrounded by thousands of polite angels, I shall say courteously "please leave me alone ! you are doubtless all delightful, but I do not wish to become acquainted with you : let me have a park and a beautiful view of sea and hill, mountain and river, valley and plain, with no end of tropical foliage : a few well-behaved small cherubs to cook and keep the place clean and after I am quite established say for a million or two of years an angel of a wife. Above all, let there be no hens! No, not one ! I give up eggs and roast chicken forever! "which rhapsody arises from a cursed infernal hen having just laid an egg under my window, and she screeches! O Lord! how she screeches and will screech for an hour! Wherefore, Goodbye. No more, dear friend, for at a screech I stop.

pequeno poema do Tennyson "Will", que tenho tentado traduzir e parte envio a você.

6 Uma coisa, sob qualquer circunstância, que tenho bem decidida - Ανεπιφύλακτα να αρνηθεί¹³⁵ - quando eu for para o céu, "se é que de fato eu vou" e estiver cercado por milhares de anjos educados, direi respeitosamente: "Por favor, me deixem em paz! Vocês são, sem dúvida, encantadores, mas não desejo me familiarizar com vocês: deixem-me usufruir de um parque e de uma bela vista do mar e das encostas, das montanhas e rios, vales e planície, com uma vegetação tropical abundante; alguns pequenos querubins bem comportados para cozinhar e manter o lugar limpo e depois que eu estiver bem estabelecido, quero dizer, um ou dois milhões de anos, um anjo de uma esposa. Sobretudo, que não haja galinhas! Não, nenhuma! Eu abro mão dos ovos e frango assado para sempre!" Que rapsódia surge de uma maldita e infernal galinha botando um ovo debaixo da minha janela e ela guincha! Ó Senhor, como ela guincha e vai guinchar por uma

¹³⁵ Refuto incondicionalmente.

hora! Portanto, adeus. Não mais, caro amigo, por um guincho eu paro.

<p style="text-align: center;">Θέλῃσις.</p> <p>Ω εὐτυχῆς αὐτὸς τοῦ ὀπίου ἢ Ξέλεισις εἶνι Ὑποφέρει, ἀλλὰ δὲν δᾶ ὑποφέρει πολλῶ, Ὑποφέρει, ἀλλὰ δὲν ἔμπορεῖ νὰ ὑποφέρει ἄ Διότι, τὸ? περίπαιγμα τοῦ Ἐαρυφώνου κόσμ Μῆγε ὄλα τὰ μέγιστα κύματα τῆς δυστυχίας Ὅποιοι φαίνεται ἀκρωτήριον πέτρας, Ποῦ, περιγυρισμένον μὲ Ξορυβώδες ἄκουσμα Μέε' εἰς τὸν πῆλαγον δέχεται τὴν κυματιζο Τρικυμίας-κτυπημένον, ἀκρόπολις-στεφανωμέ Δυστυχῆς Ἐᾶλλ αὐτὸν, ποῦ, δὲν καλητερεύ Φξείρε τὴν δύναμιν οὐρανοῦ-καταβαίνοντος</p> <p>Καὶ πάντοτε γένει ἀσθενέστερος διὰ πρατ Ἡ, σφᾶλμα ποῦ φαίνεται χαριῆν καὶ συγγ Ἐπαυερχόμενον καὶ ὀποξάλλον αἰε,— Αὐτὸς φαίνεται ὡς ἓνα τοῦ ὀποιοῦ τὰ ση Πόνοντα εἰς ἄμετρον ἄμμον, Καὶ παρὰ τίνα κοπιασμένην καυσώδην γῆν, Πολομακρὰν, κατὰ φλογισμένον Ξόλον,— Ἡ πόγις σπινθηρίζει ὡσάν σίτος ἄλατος Σπειρασμένη εἰς μίαν ρύτιν τοῦ ὑπερβολικ</p>	<p style="text-align: center;">Θέλῃσις.</p> <p>Ω εὐτυχῆς αὐτὸς τοῦ ὀπίου ἢ Ξέλεισις εἶνι Ὑποφέρει, ἀλλὰ δὲν δᾶ ὑποφέρει πολλῶ, Ὑποφέρει, ἀλλὰ δὲν ἔμπορεῖ νὰ ὑποφέρει ἄ Διότι, τὸ? περίπαιγμα τοῦ Ἐαρυφώνου κόσμ Μῆγε ὄλα τὰ μέγιστα κύματα τῆς δυστυχίας Ὅποιοι φαίνεται ἀκρωτήριον πέτρας, Ποῦ, περιγυρισμένον μὲ Ξορυβώδες ἄκουσμα Μέε' εἰς τὸν πῆλαγον δέχεται τὴν κυματιζο Τρικυμίας-κτυπημένον, ἀκρόπολις-στεφανωμέ Δυστυχῆς Ἐᾶλλ αὐτὸν, ποῦ, δὲν καλητερεύ Φξείρε τὴν δύναμιν οὐρανοῦ-καταβαίνοντος.</p> <p>Καὶ πάντοτε γένει ἀσθενέστερος διὰ πρατ Ἡ, σφᾶλμα ποῦ φαίνεται χαριῆν καὶ συγγ Ἐπαυερχόμενον καὶ ὀποξάλλον αἰε,— Αὐτὸς φαίνεται ὡς ἓνα τοῦ ὀποιοῦ τὰ ση Πόνοντα εἰς ἄμετρον ἄμμον, Καὶ παρὰ τίνα κοπιασμένην καυσώδην γῆν, Πολομακρὰν, κατὰ φλογισμένον Ξόλον,— Ἡ πόγις σπινθηρίζει ὡσάν σίτος ἄλατος Σπειρασμένη εἰς μίαν ρύτιν τοῦ ὑπερβολικ</p>
<p style="text-align: center;">7 It is needles to observe that I have not attempted to render the original (it is at the end of the volume</p>	<p style="text-align: center;">7 É desnecessário observar que eu não tentei traduzir o original (que está no final do volume de "Maud")¹³⁷</p>

¹³⁶ Imagem retirada do livro de Lady Strachey, na qual Lear traduz do inglês para o grego o poema de Alfred Tennyson, "Will", extraído do livro "Maud and other poems".

¹³⁷ O WELL for him whose will is strong!

He suffers, but he will not suffer long;

He suffers, but he cannot suffer wrong:

For him nor moves the loud world's random mock,

Nor all Calamity's hugest waves confound

<p>of " Maud ") in verse, which if I had done, it would have been worse. Also, the first verse has been corrected by Sir C. Sargent : the second is still in its virgin absurdity. ... I vote you do not destroy my longer letters, leastwise till you get another of them, because if I died they would amuse you. Considering that little more than 6 years ago I didn't know a letter of the Greek alphabet, I think I might translate A. T.'s poems in some 10 or 20 or 50 years more.</p>	<p>em verso, que se eu tivesse feito, teria sido pior. Além disso, o primeiro verso foi corrigido por Senhor. C. Sargent e o segundo ainda está completamente virgem. Voto em você não destruir as minhas cartas mais longas, a menos que você tenha recebido outra, porque se eu morresse elas divertiriam você. Considerando um pouco mais de 6 anos atrás, eu não conhecia uma letra sequer do alfabeto grego. Acho que eu poderia traduzir os poemas de Alfred Tennyson em talvez 10 ou 20 ou 50 anos ou mais.</p>
--	--

Who seems a promontory of rock,
That, compass'd round with turbulent sound,
In middle ocean meets the surging shock,
Tempest-buffeted, citadel-crowned.

But ill for him who, bettering not with time,
Corrupts the strength of heaven-descended Will,
And ever weaker grows thro' acted crime,
Or seeming-genial venial fault,
Recurring and suggesting still!
He seems as one whose footsteps halt,
Toiling in immeasurable sand,
And o'er a weary sultry land,
Far beneath a blazing vault,
Sown in a wrinkle of the monstrous hill,
The city sparkles like a grain of salt.

CARTA 12

(STRACHEY, 1907, p. 243-246)

<p>Lear to Fortescue.</p> <p>Imperial Hotel, Valetta 29 May 1862</p> <p>1 HERE I am still on my way England wards. But how it comes that I turned out of the Liverpool steamer "Marathon" and have been here since Sunday I will now defulge.</p> <p>2 I went on board the "Marathon" on Tuesday the 20th, believing she would start directly and go directly to Liverpool. But she didn't start till Wednesday, and then, arriving at Zante she staid two whole days there: and so, by degrees I heard it said that she would do ditto here, and at Messina, and at Palermo, and might reach England on the loth or I2th of June. Witch fax¹³⁸ I only came at granulously as it were grain by grain, as the pigeon said when he picked up the bushel of corn slowly. Whereon said I to</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Hotel Imperial, Valetta, Ilha de Malta 29 de maio de 1862</p> <p>1 Aqui estou eu ainda rumo à Inglaterra. Mas, como eu desembarquei do navio a vapor "Marathon" para Liverpool e estou aqui desde domingo, agora tornarei público.</p> <p>2 Eu subi a bordo do "Marathon" na terça-feira, dia 20, acreditando que ele partiria e iria diretamente para Liverpool. Mas, ele não partiu até quarta-feira e então, chegando a Zante, ficou dois dias inteiros lá. Fiquei sabendo que faria o mesmo em Messina, Palermo e talvez chegasse à Inglaterra no dia 10 ou 12 de junho. Vim lentamente como se fosse de grão em grão, assim como o pombo quando encheu um cesto de milho aos pouquinhos. Então, disse a mim mesmo, se puder recuperar minha</p>
--	--

¹³⁸ Possivelmente, Lear usa a expressão como nonsense, sem um sentido literal.

myself if so be as I can get my fare back again, I will even go ashore at Malta and see that much beloved place and wait for a Marseilles boat thereby hoping to reach England before the 8th (and at a more convenient end, to wit, Newhaven or Dover), and meanwhile resting my weary limbs on beds of hashphodil, and moreover escaping the chance of bad weather in the Bay of Biscuits and the Irish Channel.

3 And to the honour and glory and pleasure of the Marathon be it said, they giv me back my fare cheerfully and have since gone on their way with the great lieutenant whom thou hast made to take his pastime therein. The ship was a good ship: amazingly comfortable and thoroughly well-conducted : active and intelligent stewards pervaded the scene : enormous and globular stewardesses permeated behind the scenes : the food was good and plentiful: the ossifers friendly and pleasant. But, if the ship encountered a sea o ! wouldn't

passagem, desembarcarei em Malta e visitarei este lugar tão adorável; aguardo por um barco de Marselha esperando assim chegar à Inglaterra antes do dia 8 (e num desfecho melhor, ou seja, a Newhaven ou a Dover). Enquanto isso, descanso minhas pernas cansadas em camas de asfódelos¹³⁹ e, além disso, escapo da chance de mau tempo na Baía de Biscuits¹⁴⁰ e no Canal irlandês.

3 E para a honra, glória e deleite do Marathon, eles devolveram minha passagem de bom grado e, desde então, seguiu seu caminho com o grande tenente que fizera daquele lugar sua distração. O navio era um bom navio: incrivelmente confortável e muito bem conduzido: comissários de bordo ágeis e inteligentes completavam a cena; camareiras enormes e redondas permeavam os bastidores; a comida era boa e farta; os comandantes gentis e agradáveis. Mas, se o navio encontrasse o mar, não entraria em movimento? como uma

¹³⁹ Planta bulbosa de flores brancas, ornamental.

¹⁴⁰ Não há registros de uma baía com este nome. Parece ser um lugar inventado por Lear, ou pode ser que estivesse se referindo a Baía de Biscaia (*Bay of Biscay*), entre a costa norte da Espanha e a costa sudoeste da França.

she roll!! being in form like a caterpillar, or right line length without breadth. The company was select and rather quaint. Besides the Landscapepainter, was the Lady of Sir Demetrius Valsamachi once the wife of Bp. Regd. Heber poor old lady ! she was really very amiable and pleasant when awake or well enough to talk but I am not up to talking much aboard ship.

4 . . . [Here] I only find Legh of the old faces but Col. Curzon of the Rifles has amiably found me out, and Major Burke (Burke of Australian death -memory's brother) is also pleasant to know leastwise his sister is. And there is an Armenian traveller in the hotel ; and I draw constantly on the Barracca point meaning to paint a picture thereof one day ; and I wander up and down the beautiful streets of Valetta and Senglea ; and rejoice in the delightful heat and the blue sky ; and watch the thousand little boats skimming across the

lagarta, ou se alinharia sem amplitude. A empresa era seleta e bastante pitoresca. Além do pintor de paisagens, estava a Lady do Senhor Demetrius Valsamaki, a esposa do bispo titular Heber, pobre velhinha, ela era realmente muito simpática e agradável quando acordada ou bem o suficiente para falar, mas não quero falar muito do navio.

4 ...Aqui, só encontrei o Legh de velho conhecido, mas o Cel. Curzon¹⁴¹ dos Rifles amavelmente me descobriu, e o Major Burke (Burke do memorial australiano¹⁴²) é bom saber que ao menos sua irmã está aqui. Há um viajante armênio no hotel. Eu desenho constantemente no ponto da Barracca, quero dizer pinteí um quadro um dia desses. Perambulo pelas ruas de Valetta e Senglea, nos alegramos com o calor agradável e do céu azul. Vejo os milhares de pequenos barcos deslizando através do

¹⁴¹ Leicester Curzon, sétimo filho do conde de Howe, foi assessor pessoal (aide-de-camp) do Senhor Raglan, na Crimeia. Ele foi promovido ao posto de tenente-coronel ao trazer para seu país o anúncio da captura de Sevastopol.

¹⁴² R.O. Burke, que partiu de Melbourne, em 1860, à frente de uma expedição. Ele conseguiu atravessar o continente da Austrália, mas na viagem de volta morreu de inanição, em junho de 1861.

harbour at sunset, and admire the activity and industry of the Maltese ; and am amazed that their priests should consider that a constant ringing of bells should be any sort of pleasure to the Deity ; and I drink very admirable small beer plenteously from pewter pipkinious pots : and I have gone to church once, and have heard or rather couldn't hear a 40 minute sermon from a detestable shrugging and howling impostor ; and on the whole I may say with truth I am far happier than I might be or probably should be if still at sea. Remains the future ; 3 days and 3 nights to Marseilles, and the long 20 hours of rail to Paris, and thence to Dieppe and Newhaven and the odious unpacking of boxes whether to be well or ill accomplished is in the buzzim of the fewcher. . . .

5 What a fuss I see in the papers about Woolner and Palgrave and J. Omnium !. . . Says I to myself I don't want no

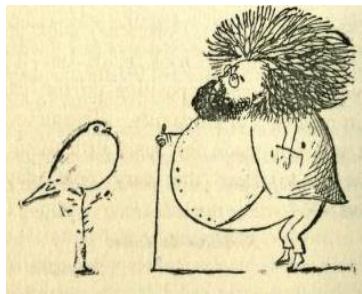
porto ao pôr do sol e admiro o trabalho e a indústria dos malteses. Estou espantado por seus sacerdotes considerar que as constantes badaladas de sinos devem causar algum tipo de prazer à Divindade. Bebo cerveja bem suave abundantemente em pequenas canecas de estanho. Fui à igreja uma vez e ouvi, ou melhor, não pude ouvir um sermão de quarenta minutos de um desprezível e barulhento impostor. No geral, posso dizer com certeza que estou muito mais feliz do que estaria se estivesse no navio. O futuro continua; 3 dias e 3 noites até Marselha e longas 20 horas de trem para Paris, depois para Dieppe e Newhaven - e desfazer as malas – se fiz ou mal o futuro ¹⁴³ irá dizer...

5 Quanto barulho vejo nos jornais sobre Woolner e Palgrave e J. Omnium¹⁴⁴. Digo

¹⁴³ Lear brinca com as palavras, escrevendo-as como se falam, alterando assim a ortografia de “buzzing” para “buzzim” e de “future” para “fewtcher”.

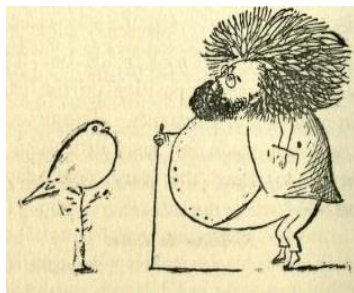
¹⁴⁴ Uma correspondência impetuosa na Times em relação ao manual de Artes da Exposição Internacional, por F.T. Palgrave, na qual ele expressou suas opiniões individuais muito livremente. Seus elogios excessivos para Thomas Woolner, o escultor, foi atacado com base em que eles eram amigos pessoais. Suas críticas deixaram os expositores tão

public praise nor blame nor nuffin : life is too short for such a lot of ugly anger.



6 General appearance of a distinguished Landscape painter at Malta - his hair having taken to a violent excess of growth of late.

a mim mesmo que não quero nenhum elogio público, nem crítica, nem nada¹⁴⁵: a vida é muito curta para uma raiva tão horrível.



6 Aparência geral de um distinto pintor de paisagens em Malta - seu cabelo tendo sofrido um violento excesso de crescimento nos últimos tempos.

furiosos que ele por fim retirou seu manual, para grande alívio da Comissão da Exposição.

¹⁴⁵ Novamente, há um jogo com a palavra “nothing”, que na carta de Lear vem grafada como “nuffin”.

CARTA 13

(STRACHEY, 1907, p. 262-267)

<p>Lear to Fortescue</p> <p>Corfu, 11th January, 1863</p> <p>1 O my eyes and little convolvuluses! If here isn't a letter sent by the Lord High a come from you, (a ninvitation to dinner following).</p> <p>2 My dear Fortescue, I didn't write before, knowing how busy you must be, but I began to be in a fidget about the Irish side of the question, nor until Mrs. R[uxton] has seen Lady W[aldegrave] shall I be quite easy unless indeed the Aunt perceives by your altered health and manner that such improvement can only be caused by happiness...Your 6 pages are all very nice and I will just glance them over, and then, as Craven said in his sermon just now "proceed to continue to state to improve" (Should not in a parenthesis impudence and ignorance be represented in white ties? Why should Craven preaching from</p>	<p>Lear para Fortescue</p> <p>Corfu (Grécia), 11 de janeiro de 1863</p> <p>1 Ó meus olhos e pequenas glórias-da manhã ¹⁴⁶! Se aqui não é uma carta enviada pelo Senhor Importante vinda de você, (um convite para jantar em seguida).</p> <p>2 Meu caro Fortescue, não escrevi antes, sabendo o quão ocupado você deve estar, mas comecei a ficar inquieto acerca do lado irlandês da questão, não ficarei tranquilo até que a Sra. Ruxton veja a Lady Waldegrave, a menos que de fato a tia perceba pela sua saúde e jeito alterados que tal melhora só pode ser causada pela felicidade...As suas seis páginas são todas muito agradáveis e vou apenas contemplá-las, e então, como Craven disse em seu sermão agora mesmo "avançar para continuar a afirmar a melhorar" (não deveria insolência e ignorância serem apresentadas em trajes sociais? Por que</p>
--	--

¹⁴⁶ Glória-da-manhã (ou convólculo) é o nome comum de centenas de espécies de plantas floridas da família das convulvoláceas.

a text about Moses, "your sins will find you out" declare that not taking the Holy Sacrament would certainly make a man miserable here, and probably hereafter? Yet poor Craven, though a sad goose is a good and laborious man: which his wife resembles the mother of the Milky herd and produces an ecclesiastical baby regularly every ten months. I shall ask him to dine with me on Thursday next.)

3 To return to your letter. I can quite fancy the library at Strawberry Hill under the circumstances: I wonder if that glass globe stays out all the winter : if ever I grow childish or insane I shall ask Lady W. to let me have that globe to play with, for never any fool was more taken with an object. Bye the bye talking of fools there is an old man here partly so by nature partly by drink a seafaring man who has formerly been in the Balearic Isles. He has taken a kind of monomaniac fancy to my Nonsense Book, and declares that he knew personally the

Craven pregando a partir de um texto sobre Moisés, "os teus pecados te revelarão" declara que não ter o Santíssimo Sacramento certamente faria um homem miserável aqui, e, provavelmente, na outra vida? Mesmo o pobre Craven sendo um ganso triste, é um homem bom e trabalhador, cuja esposa se assemelha à mãe do rebanho leiteiro, e produz um bebê eclesiástico a cada dez meses, vou pedir-lhe para jantar comigo na quinta-feira que vem).

3 Retornando à sua carta. Eu consigo imaginar muito bem a biblioteca de Strawberry Hill ¹⁴⁷ sob quaisquer circunstâncias; gostaria de saber se esse globo de vidro fica de fora todo o inverno¹⁴⁸: se um dia eu voltar à infância ou ficar louco, pedirei a Lady Waldegrave para me deixar brincar com o globo, pois nunca um tolo foi tão atraído por um objeto. A propósito, falando dos tolos, há um velho aqui parcialmente pela natureza, parcialmente pela bebida, um homem do

¹⁴⁷ Strawberry Hill, é uma vila neogótica, que foi construída em Twickenham, Londres.

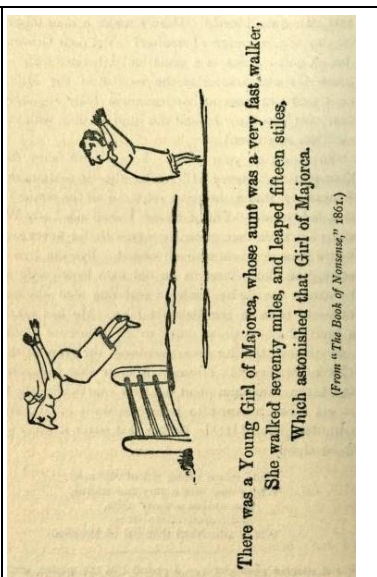
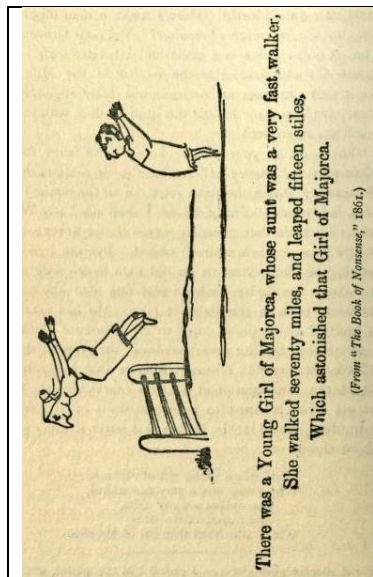
¹⁴⁸ Um globo de vidro prateado sobre um pedestal no jardim, que particularmente atraiu a admiração de Mr. Lear.

Aunt of the Girl of Majorca!! I hear it is more than humanity can bear to hear him point out how exactly like she is and how she used to jump the walls in Majorca with flying leaps!!!!!!
 Bother this letter it won't go on straight.

There was a young girl
 of Majorca,
 Whose aunt was a very
 fast walker,
 She walked seventy
 miles,
 And leaped fifteen stiles,
 Which astonished that
 girl of Majorca

mar e que esteve antigamente nas ilhas Baleares. Ele criou uma espécie de fantasia monomaníaca pelo meu Livro de Nonsense e declara ter conhecido pessoalmente a tia da menina de Maiorca! Ouço mais do que a humanidade pode suportar descrevê-la exatamente como ela é e como ela costumava pular os muros em Maiorca com saltos voadores. Preocupa-me que esta carta não vai continuar em linha reta.

Havia em Maiorca uma
 moça de pouca idade
 Cujas tias caminhava com
 velocidade
 Cem quilômetros
 caminhou
 e quinze barreiras pulou



4 You vast owly Mortle! Why haven't you said on what day the marriage of yourself and Lady W. is to be. Confound it, nor where it is to take place. I guess Twickenham or Brompton. By what you write it seems to me you have announced it yourself to dear old Mrs. Ruxton or she has seen it in print. Do tell me, when you have been to Red House, how she takes it...

5 Your remark "prayed at" reminds me of an angry governess, to whom, being a R.C. a violent Protestant lady said "The God of Mercy turn your heart ! I pray for you

O que espantou a moça de pouca idade.

4 Seu grande solteiro mortal! Por que não diz quando será seu casamento com Lady Waldegrave. Confuso isso, nem onde será. Acho que em Twickenham ou Brompton. Pelo que escreve, parece que você mesmo anunciou à velha querida Sra. Ruxton, ou ela viu isso impresso. Me conte, quando você for a Red House, como ela receberá isso...

5 Sua observação "orei" me fez lembrar de uma governanta nervosa, a quem, sendo a R.C. uma senhora protestante violenta, disse: "O Deus da Misericórdia transformai o seu coração! Eu

morning noon and night!" "Croyez vous done, Madame," said the governess "que ce grand bon Dieu n'a pas quoi s'occuper, qu'il doit e"couter vos betises meme trois fois par jour? Allez done ! je vous prie de ne lui pas fatiguer plus pour moi !"

6 I can fancy the Russ's sensations. I think he will have photographs of you all over the house, busts on the bannisters, and a statue on the doorsteps...The reason of servants being unsatisfactory 9 times out of 10 is that their hirers consider them as chairs or tables and take no interest in them as human beings. Your lady knows that well enough, for she is kind to them individually. For myself, the only three I ever had, Hansen, Giorgio and T. Cooper, would all do anything to oblige me and I don't believe that is chance but the effect of caring for them in some way to improve them or their families...

7 Concerning the concession of the Isles I do not see that it could be done till there be a certainty of a solid

rezo por ti de manhã, de tarde e de noite!" "Ouça, portanto, madame", disse a governanta "se o grande e bom Deus não tivesse com o que se ocupar, ele teria que ficar ouvindo as suas besteiras três vezes por dia? Está feito. Peça-lhe que não o canse mais por mim!"

6 Posso imaginar o que Russ¹⁴⁹ está sentindo. Acho que ele terá fotografias suas por toda a casa, bustos sobre os balaústres e uma estátua nos degraus da porta...A razão dos criados ficarem insatisfeitos 9 em 10 casos é que seus locatários os consideraram como cadeiras ou mesas e não têm nenhum interesse por eles como seres humanos. Sua mulher sabe muito bem disso, pois ela é gentil com eles individualmente. Para mim, os únicos três que já tive, Hansen, Giorgio e T. Cooper, fariam qualquer coisa para me favorecer e não acredito que seja ao acaso, mas o efeito de cuidar deles, de alguma forma melhora e eles e suas famílias...

7 No que diz respeito à concessão das ilhas, não vejo como poderá ser feito até haver um governo sólido e forte na

¹⁴⁹ Locador da casa de Fortescue em St. James Place, onde ele viveu por muitos anos.

<p>and strong government in Greece which amounts to saying it can't be done now. Yet it seems to me, that could the English Government get the other powers to agree that such definite arrangement should be made whenever the proper time arrives, a positive statement of this sort may do much to make governing here more easy, the principal cause of their botheration being thus removed. Surely they might govern them without a parliament here at all, on the grounds that the fate of the Islands would be settled and only a question of time as to when carried to an ultimatum or τέλος. Wolff is not yet come. Με φαίνεται a secretary who is away 9 months out of 12 is a not very requisite functionary. In fact Storx is more a ruler than any I have known here, and the manner of the judges dismissal is, as far as I can see, the only error of his sway of 3 or 4 years. I hope to goodness your ministry won't be turned out : but I have " reason to think " that a big man in the Upper House has been getting at any kind of information about that Judge affair. Possibly your reverence may remember that Talbot was governor of Cephalonia for a</p>	<p>Grécia o que equivale a dizer que não pode ser feito agora. No entanto, parece-me, que o governo inglês poderia conseguir outras potências para apoiar que fosse feito um acordo definitivo assim que possível, uma declaração positiva desse tipo pode contribuir muito para tornar o governo aqui mais fácil, a principal causa de aborrecimento sendo removida. Certamente eles podem governá-los sem um parlamento, em razão de que o destino das ilhas seria resolvido, é só uma questão de tempo para quando chegar a um ultimato ou ao fim. Wolff ainda não chegou. Parece-me que um secretário que está fora durante nove meses do ano não é um funcionário muito necessário. Na verdade Storx é mais um governante do que qualquer outro que eu tenha conhecido aqui e na forma que é a destituição dos juizes, pelo que vejo, o único erro de seu domínio de 3 ou 4 anos. Espero de coração que seu ministério não seja extinto, mas tenho razões para achar que um grande homem no Upper House esteja recebendo todo tipo de informação sobre esse assunto do juiz. Possivelmente, sua reverência</p>
---	---

time, verbum sap.

8 I rejoice to state that these views I am doing - 10 and 12 guinea ones - seem much liked, and that the young Duke of St. Albans 1 bought 5 a few days ago. Nevertheless, reddy tin is scarce, and bills abound...Nonsense issues from me at times - to make a new book next year. The weather is at present lovely and the views over the harbour are of the most *clipfombious* and *ompsiquillious* nature...Here's somebody a nokking at the dolorous door. I must stop.

pode se lembrar de que Talbot¹⁵⁰ era governador da Cefalônia¹⁵¹ por um tempo, sábias palavras.

8 Alegra-me dizer que estas paisagens que estou fazendo – de 10 a 12 guineas¹⁵² – parecem que agradaram muito e que o jovem duque de St. Albans comprou 5 há alguns dias. Mesmo assim, o dinheiro está escasso e as contas abundantes... Questões nonsense para mim às vezes - fazer um novo livro no próximo ano. O clima está no momento adorável e a vista sobre o porto é de natureza mais *clipfombious* e *ompsiquillious*¹⁵³...Aqui alguém está batendo na porta dolorosa. Devo parar.

¹⁵⁰ Coronel Talbot foi secretário particular do conde de Derby, quando ele era primeiro-ministro em 1852.

¹⁵¹ Cefalônia é uma ilha e uma unidade regional da Grécia, localizada na região das Ilhas Jônicas.

¹⁵² Guinéa é uma moeda com valor aproximado a um quarto de uma onça de ouro. Foi cunhada na Inglaterra e mais tarde no Reino Unido, entre 1663 e 1814.

¹⁵³ Duas palavras nonsense que não tem por objetivo dar um sentido à frase.

CARTA 14

(STRACHEY, 1907, p. 289-291)

Lear to Fortescue	Lear para Fortescue
15, Stratford Place, Oxford St. 6 September 1863	Rua Oxford, 15, Stratford Place 6 de setembro de 1863
<p>1 I want you to write to Lord Palmerston to ask him to ask the Queen to ask the King of Greece to give me a "place". As I never asked anything of you before, I think I may rely on your doing this for me. I wish the place to be created a-purpos for me, and the title to be</p> <p>ἀρχοντασανησιεύς παραγωγός, with permission to wear a fool's cap (or mitre) 3 pounds of butter yearly and a little pig, and a small donkey to ride on. Please don't forget all this, as I have set my heart on it.</p> <p>2 I see by the "Observer" of today that the King of Greece is to come to Windsor or Balmoral about the 15th, and that the vote of the I[onian] Parliament cannot be taken before the 2nd or 3rd week in October after which he is to go to Athens. If I hear before</p>	<p>1 Quero que você escreva para o Lorde Palmerston para pedir-lhe para pedir a rainha para pedir ao rei da Grécia¹⁵⁴ para me dar um "lugar". Como eu nunca pedi nada antes, acho que posso confiar em você para fazer isso por mim. Gostaria que o local fosse criado a propósito para mim, e o título deve ser Senhor Importante produtor de nonsense e tolices, com a permissão de usar o chapéu de bobo da corte (ou a mitra), um quilo e meio de manteiga anualmente, um porquinho e um pequeno burro para andar. Por favor, não se esqueça de nada, tenho colocado minha alma nisso.</p> <p>2 Vejo pelo "Observer"¹⁵⁵ de hoje que o Rei da Grécia está para vir a Windsor ou Balmoral pelo dia 15 e que o voto do Parlamento Jônico não pode ser tomado antes da segunda ou terceira</p>

¹⁵⁴ Príncipe George da Dinamarca foi proclamado Rei da Grécia em Atenas no dia 30 de março.

¹⁵⁵ Jornal inglês publicado pela primeira vez em 1791.

that, that we (the English in the 7 islands) are likely to clear out before Christmas, it will make a great difference to me - for I then should not take out drawings or copies of my new work. So let me know, as far as you may with propriety.

3 I finished my third view yesterday, 17 now remaining: and I should have begun the 4th if a brute of an Irishman (the member for Louth it was) hadn't interrupted me. I was however consoled for this by his bringing me photographs of two of my friends, both of which (*i.e.* the photographs) I like better the more I see of them. Yours however is not altogether right, but my lady's is very exact. Only I could feel inclined to cut the head of it into a vignette. The large dresses of the day never look well photographed, for in themselves they are so monstrous that only the movement of a live woman can make them approximate to a human figure at all, and that movement of course can't be given in photography or art, so that the portrait of a sitting lady in a crinoline always looks as if she were a dwarf walking. I

semana de outubro, após o qual ele deve ir a Atenas. Se eu soubesse antes, que nós (os ingleses nas sete ilhas) somos acostumados a saquear antes do Natal, faria uma grande diferença para mim – pois então, não retiraria os desenhos ou cópias do meus novos trabalhos. Então, me avise, assim que você puder oportunamente.

3 Terminei minha terceira paisagem ontem, restam 17 agora e deveria ter começado a quarta se um bruto de um irlandês (foi membro de Louth) não tivesse me interrompido. Porém, fui recompensado, pois ele me trouxe fotografias de dois amigos, ambas (ou seja, as fotografias) quanto mais eu olho mais gosto. A sua, porém, não está totalmente boa, mas da minha senhora, está muito perfeita. Só que eu poderia me sentir inclinado a cortar a cabeça em um esboço. Os grandes vestidos de hoje em dia nunca ficam bons nas fotos, pois em si são tão monstruosos que somente o movimento de uma mulher ao vivo pode fazê-los se aproximar a uma figura humana e o movimento, é claro, não pode ser retratado em fotografia ou arte, de modo

<p>shall therefore make a vignette : the face is the very best I have seen photographed for a long time but the white feather catches the eye and should be toned down a bit selon moi.</p> <p>4 I go on reading C. Lever stujously: he's a wonderful fellow. No novels have interested me so much since my early days of devouring W. Scott's. To enter into a great part of the delights of his descriptions however, one must have lived a good deal abroad - and also it behoves one to appreciate Irish character completely, which, perhaps thanks to my Gt.Gt.Gt.Gt.Gt.Gt.grandfather Usher I can do.</p>	<p>que o retrato de uma senhora sentada em uma crinolina¹⁵⁶ parece sempre como se ela fosse um anão caminhando. Vou, portanto, fazer um esboço: o rosto é o melhor que tenho visto fotografado nos últimos tempos, mas a falta de valentia¹⁵⁷ chama a atenção e deve ser atenuada um pouco em minha opinião.</p> <p>4 Continuo lendo Charles Lever¹⁵⁸ dedicadamente¹⁵⁹: ele é um companheiro maravilhoso. Nenhum outro romance tinha me interessado tanto desde a época em que devorava as histórias de Walter Scott. Entretanto, para entrar no deleite de suas descrições, deve-se ter vivido um bom negócio no estrangeiro - e também convém apreciar as características irlandesas completamente, o que, talvez, graças ao meu tatatatataravô Usher, eu possa fazer.</p>
--	--

¹⁵⁶ As crinolinas eram armações usadas sob as saias para lhes conferir volume, sem a necessidade do uso de inúmeras anáguas.

¹⁵⁷ Lear usa o termo “white feather” que era tido como símbolo de covardia, principalmente entre os soldados ingleses desde o século 18. As primeiras feministas também se utilizaram do termo para humilhar os homens que não eram soldados.

¹⁵⁸ Charles James Lever, nascido em 1806, em Dublin, Irlanda, foi editor e escritor de romances ambientados na Irlanda e na Europa pós-napoleônica, marcados por heróis alegres e picarescos.

¹⁵⁹ No seu habitual jogo de palavras, Lear escreve “stujously” ao invés de “studiously”.

5 The "Knight of Wynne" is delightful, and now I am reading "The Daltons." Mrs. Ricketts is a picture from life - so well drawn as to keep me in a



CHICHESTER FORTESCUE.

From a photograph taken June, 1863.



FRANCES COUNTESS WALDGRAVE.

From a photograph taken June, 1863.

scream of laughter. I think you knew her or saw her -

5 O "Cavaleiro de Wynne" é encantador e agora eu estou lendo "Os Dalton". A Sra. Ricketts é um retrato da vida - tão bem desenhada que me faz



CHICHESTER FORTESCUE.

From a photograph taken June, 1863.



FRANCES COUNTESS WALDGRAVE.

From a photograph taken June, 1863.

cair no riso Acho que

<p>Mrs. S_____ of L_____ . Purvis is one of her set. She was a horrid animal and deserved even worse showing up.</p> <p>6 How do you think I am going to pass my Sunday? In a long walk up to Highgate, where I shall go and look at my dear sister's grave, which I always mean to do. The greatest blessing that ever happened to me was being here when she died...</p> <p>No more thyme.</p> <p>7 P.S. I perceive that Septembers are variously passed in this life. Sept. 1861 I painted all day lived upon soles and whittings, and read Greek morning and evening.</p> <p>8 Sept. 1862. I dawdled all day at people's houses, lived upon luxuries, and made a book of nonsense, morning and evening.</p> <p>9 Sept. 1863. I lithograph all day: live upon cold mutton and read Lever.</p>	<p>você a conhece ou já a viu – a Sra. S_____ de L_____. Purvis é um dos seus locais. Ela era um animal horrível e ficava ainda pior quando aparecia.</p> <p>6 Como você acha que eu vou passar meu domingo? Em uma longa caminhada até Highgate, onde devo ir e olhar o túmulo de minha querida irmã, o que eu sempre quis fazer. A maior bênção que já me aconteceu foi estar aqui quando ela morreu...</p> <p>Sem mais tempo¹⁶⁰.</p> <p>7 P.S. Percebo que são muitos setembros passados nesta vida. Setembro de 1861, eu pintava todos os dias, vivia de sole e badejo ¹⁶¹ e lia grego de manhã e à noite.</p> <p>8 Setembro de 1862. Demorava o dia todo na casa das pessoas, vivia de luxos e fiz um livro de absurdo, de manhã e à noite.</p> <p>9 Setembro de 1863. Eu litografo o dia todo, vivo de carne de carneiro fria e leio Lever.</p>
--	---

¹⁶⁰ Na carta em inglês, o autor usa “thyme” no lugar de “time”.

¹⁶¹ Tipos de peixe.

CARTA 15

(STRACHEY, 1911, p. 168-170)

<p>Lear to Lady Waldegrave</p> <p>Darjeeling Bengal 2nd Jan, 1874</p> <p>1 Writing long letters in India is simply an impossibility, if you are sightseeing, and moving about to places hundreds of miles off. So all I can do is to send scraps of intelligence to friends, and wait for days of more leisure. I had a rather uncomfortable and long voyage out to Bombay, getting there November 23rd and by December 1st, joined the Viceregal party at Lucknow. It is needless to say I met with every possible kindness from all there. It was horrid cold, and I have never dared count my toes since, being sure I left some behind. Then I saw all Cawnpore, and Benares (which delighted me), and then I went to Dinapore to try</p>	<p>Lear para Lady Waldegrave</p> <p>Darjeeling, Bengala Occidental, Índia 2 de janeiro de 1874</p> <p>1 Escrever cartas longas na Índia é simplesmente impossível, se você está a passeio turístico e movendo-se a lugares a centenas de milhas. Então, tudo o que posso fazer é enviar recados informativos aos amigos e esperar por dias de mais lazer. Fiz uma viagem muito desconfortável a Mumbai¹⁶², chegando lá em 23 de novembro até 1^o de dezembro, juntei-me ao grupo do vice-rei em Lucknow¹⁶³. É desnecessário dizer que encontrei todo o tipo de gentileza possível por lá. Estava um frio terrível e nunca mais ousei contar os dedos dos pés desde então, pois tenho a certeza que deixei alguns para trás. Depois, conheci toda Kanpur¹⁶⁴ e Varanasi¹⁶⁵ (que me</p>
---	---

¹⁶² Oficialmente Mumbai, também conhecida por Bombaim, é a maior e mais importante cidade da Índia. Capital do estado de Maharashtra

¹⁶³ Lucknow é a capital do estado de Uttar Pradesh, na Índia.

¹⁶⁴ Kanpur é uma cidade da Índia, no estado de Uttar Pradesh, nas margens do rio Ganges.

¹⁶⁵ Varanasi, comumente conhecida como Benares e, localmente, como Kashi, é uma cidade do estado de Uttar Pradesh, na Índia. Localizada às margens do Rio Ganges

to get sketches for Chichester's painting and drawing. But Johnny Hamilton, I cannot help thinking, must have died at Bankipore, as Dinapore is simply a Military station. Howbeit I got drawings of the country quite characteristic of either place, and as I had a godson's brother established there I was well off comparatively my own old servant Giorgio being always invaluable as a constant help in all sorts of ways.

2 Then I passed three weeks at Calcutta at Government House, but, as you and C. may imagine, the life was by no means to my taste, seeing I can't bear lights nor late hours, nor sublimities. Of course Lord N. and E. Baring and all the rest were a pleasure but I was not sorry to come away, and never wish to see Calcutta again. Besides this I was greatly saddened by the news of my dear and oldest friend's death, W.

encantou) e entar fui para Dinapore¹⁶⁶ na tentativa de conseguir esboços para o desenho e a pintura de Chichester. Mas, Johnny Hamilton¹⁶⁷, não posso deixar de pensar, deve ter morrido em Bankipur¹⁶⁸, já que Dinapore é simplesmente uma estação militar. Todavia, tenho desenhos bastante característicos de ambos e como eu tinha o irmão de um afilhado morando lá estava em boa situação relativamente e meu velho servo Giorgio sendo sempre inestimável com sua ajuda constante de todos os tipos.

2 Depois, passei três semanas em Calcutá na Casa do Governo, mas, como você e Chichester podem imaginar, a vida não era do meu agrado de maneira alguma, visto que não consigo suportar luzes, nem horas de atraso, nem sublimidades. Claro que o lorde N., E. Baring e todo o resto foram um prazer, mas não me arrependi de ir embora, e nunca mais desejo ver Calcutá novamente. Além disso, fiquei muito triste com a notícia da

¹⁶⁶ Dinapore é uma vila no estado indiano de Bihar.

¹⁶⁷ Sobrinho de Carlingford, filho de sua irmã mais velha, a Sra. Hamilton, passou pelo Mutiny e morreu em 19 de outubro de 1858.

¹⁶⁸ Bankipur é uma área residencial em Patna, no estado indiano de Bihar.

Nevill, and also of the last illness of my dear sister Sarah in New Zealand: (when my nephew wrote she was still living but fast sinking aet. 81.) Add to these matters a bad accident from a sketching stool breaking down under me and you will say I had not cause to be too lively. I came up here (a nodious and tedious journey of 7 days) on the 16th? and have been fortunate in getting outlines of the immense Himalayan Mountains, Kinchinjunga, which I am to paint for the Viceroy (it was his late uncle's commission, but he takes it up), and for Aberdare, and 2 more. The foregrounds of ferns are truly bunderful only there are no apes and no parrots and no nothing alive, which vexes me. I am able to walk well, but cannot ride, and am still obliged to be helped off the ground by old George. What I should have done here without the good Suliot I can't imagine. I am now going to make for Allahabad, by the 5th

morte do meu querido e velho amigo, W. Nevill, e também da recente doença de minha querida irmã Sarah na Nova Zelândia: (quando o meu sobrinho escreveu ela ainda estava viva, mas subitamente se abateu, aos 81 anos de idade). Acrescente a estas questões um péssimo acidente com um banquinho de pintura se quebrando sob mim, e você dirá que não tinha muitos motivos para estar animado. Vim para cá (uma detestável e entediante viagem de 7 dias) no dia 16? e tive a sorte de conseguir os esboços das imensas montanhas do Himalaia, o Kanchenjunga¹⁶⁹, que estou para pintar para o vice-rei (que era encomenda de seu falecido tio, mas ele a assumiu), e para Aberdare, e mais dois. A fachada da mata é de fato maravilhosa, só não existem macacos e papagaios e nem nada vivo, o que me incomoda. Posso andar bem, mas não posso cavalgar, e ainda sou obrigado a ser ajudado a me levantar pelo velho George. Não

¹⁶⁹ O Kanchenjunga é a terceira montanha mais alta do mundo, com 8 599 m de altitude. Está situada na cordilheira do Himalaia, na fronteira entre o Nepal e a Índia. É a montanha mais alta da Índia.

<p>February, and then to see Agra and Delhi etc., before it gets 'ot ; but whether I go up to Simla, or down to Bombay straight, or by Rajpootana, I cannot as yet decide. Have you Dr. Hooker's book on this part of India, "Himalayan journals"? He describes the scenery admirably.</p>	<p>consigo imaginar o que eu teria feito aqui sem o bom Suliot¹⁷⁰. Estou indo agora para Allahabad¹⁷¹, até o dia 5 de fevereiro e, em seguida, para Agra, Deli etc, antes que fique quente, mas se vou a Simla, Mumbai ou Rajastão, ainda não decidi. Já está na parte da Índia no livro do Dr. Hooker, "jornais do Himalaia"? Ele descreve o cenário de forma admirável</p>
<p>4 I hope you are well, and wish both you and C.S.P.F. a happy New Year. My love to him. Please write some day, and reply to me always,</p>	<p>4 Espero que estejam bem, e desejo a você e a Chichester Fortescue um feliz Ano Novo. Meu afeto a ele. Por favor, escrevam qualquer dia e me respondam sempre, aos cuidados do Capitão</p>
<p>care of Captain E. Baring, R.A. Government House, Calcutta. as he always knows where to find me.</p>	<p>E. Baring, R. A. Casa do Governo, Calcutá. ele sempre sabe onde me encontrar.</p>

¹⁷⁰ Raça antiga de cães de grande porte, comumente usado como cão de guarda. Na carta, dá-se a impressão de que Lear usa o termo para se referir ao seu criado, George.

¹⁷¹ Allahabad ou Alaabad é uma cidade do estado de Uttar Pradesh, na Índia

4 TRADUÇÃO COMENTADA

As traduções de Lear à língua portuguesa que podemos contemplar atualmente são dos seus limeriques e das suas canções. São traduções que exigem trabalho diferente ao realizado na tradução das cartas. As cartas escritas por Lear e compiladas nos dois livros de Lady Strachey não foram ainda traduzidas para língua portuguesa. Como citado no capítulo 2 (p.60), há duas traduções de algumas dessas cartas ao italiano. Traduzi alguns limeriques que estão no primeiro capítulo deste trabalho e apresento outros traduzidos por Dirce Waltrick do Amarante, e neste caso, a ideia de não se modificar a estilística dos versos pode ser observada. Os limeriques seguem a rima AABBA e a sonoridade que possuem é o elemento de encantamento destas estrofes. Esse tipo de tradução requer um jogo de equilíbrio com as palavras, tirando uma aqui e encaixando outra lá, rimando isto com aquilo e acima de tudo, no caso dos limeriques, o que nos remete à ideia do nonsense, segundo Tigges (1987). Segundo Lefevere (1992), o tradutor comprometido busca encontrar uma forma de fornecer entre a poética do original e a poética de sua cultura uma visão atraente sobre o processo de aculturação e marcas da extensão de poder de uma determinada poética. “Etienne Dolet aconselha o tradutor para ‘ligar e organizar palavras com tanta doçura que tanto a alma quanto os ouvidos fiquem satisfeitos.’”¹⁷² (LEFEVERE, 1992, p. 26). O autor diz que poucos irão tão longe quanto Antoine Houdar de la Motte que reduziu os vinte e quatro livros da *Ilíada* a doze em sua tradução, não só por razões de adequação, omitindo os "detalhes anatômicos dos ferimentos", mas também porque ele leu o original na condição de gênero que dominava a poética do seu tempo: a tragédia. Lefevere (1992) diz que não é incomum tradutores usarem suas traduções para influenciar a evolução da poética de sua época. Além de profundo

¹⁷² Etienne Dolet advises the translator to “link and arrange words with such sweetness that the soul is satisfied and the ears are pleased.”

conhecimento do autor que se está traduzindo e da língua de partida e de chegada, Lefevere também nos diz que:

O terceiro ponto é que, quando você traduz, não deve entrar em escravidão, a ponto de traduzir palavra por palavra. Quem traduz desta maneira o faz porque sua mente é pobre e deficiente. Se ele possui as qualidades acima mencionadas (e um bom tradutor deve possuí-las), vai trabalhar com frases e não se preocupará com a ordem das palavras e verá que a intenção do autor é expressa enquanto milagrosamente se preservam as características de ambas as línguas.¹⁷³
(LEFEVERE, 1992, p. 27)

No gênero epistolar, entramos em contato com as experiências de vida do outro, marcadas pelo seu tempo e pela sua história, perpassadas ao objeto das cartas e fixadas pela escrita. O epistológrafo tem, neste caso, a missão de solucionar os problemas de interpretação que cada carta pode ofertar sem mudar a informação que está sendo transmitida pelo remetente, desafiando, portanto, em especial na tradução, o trabalho com esse gênero. A carta passa a ser uma espécie de “espelho” a revelar a verdadeira identidade de quem a escreve. Barthes (2003) compara a carta a “um desabafo, um extravasamento de si”. Ao tradutor cabe, portanto, distanciar-se deste tipo de texto para não se contaminar com as questões afetivas e emocionais que por acaso possam dele emanar, mas também e, principalmente, suprimir o distanciamento cultural entre o seu mundo e o do autor. Porém, esse mesmo distanciamento cultural precisa ser

¹⁷³ The third point is that when you translate you should not enter into slavery to the point of rendering word for word. Whoever translates in this way does so because his mind is poor and deficient. If he possesses the qualities mentioned above (and a good translator must possess them) he will work with sentences and not care about the order of the words, and he will see to it that the author's intention is expressed while miraculously preserving the characteristics of both languages.

preservado, a fim de manter a significação do texto e interpretá-lo pelo viés de quem assim o escreveu.

As reflexões de Berman (2013) sobre tradução contribuíram muito, para o processo tradutório das cartas que nos propusemos a traduzir, levando em consideração, especialmente seus conceitos de projeto de tradução e posição tradutória. Em meio a tantas teorias de tradução, é necessário que se estabeleça um planejamento tradutório como referência às críticas que possam vir a surgir. Quando falamos em sistematicidade é relevante que consideremos que sistema não é método ou prescrição. Sistema implica em ver o todo da obra, no qual o tradutor tem que se colocar em análise e enfrentamento.

Para Bassnet (2003) no decorrer dos períodos pelos quais têm passado a tradução, há um olhar ao passado, mas sempre com uma perspectiva no futuro. É difícil prescrever o que é bom ou ruim, o que é certo ou errado. Seguimos analisando os passos nos quais se tem traduzido e refletimos sobre a aplicabilidade disso tudo. Em cada momento vamos nos deparar com questões acerca da traduzibilidade ou não de um texto, da tradução estrangeirizadora ou domesticadora. Ou ainda vamos resgatar o argumento de Schleiermacher (2010) de levar o autor até o leitor ou fazer com que o leitor vá ao encontro do autor. E quanto à língua pura, a qual se refere Benjamin (2010), e tanto nos intriga, assim como a traduzibilidade, que segundo ele, seria propriedade essencial de certas obras.

Retomando a dicotomia mencionada por Schleiermacher, sobre o tradutor ter duas opções ao realizar seu trabalho, a de domesticar o texto ou estrangeirizá-lo, Britto (2012) contrapõe-se a ela dizendo que sua experiência de tradutor o ensinou que é preciso tomar uma posição intermediária e que o “que vai determinar o grau de estrangeirização e de domesticação adotado é uma série de valores” (BRITTO, 2012, p. 63) dos quais ele apresenta três. Se o autor a ser traduzido tiver um grande prestígio e sua obra for marcada por singularidades de estilo, de linguagem, a tendência é que ocorra uma tradução mais estrangeirizadora, visto que o tradutor procura reproduzir estas características no texto de chegada. Se o público-alvo tiver uma menor “sofisticação intelectual” (BRITTO, 2012, p. 64), como é o caso do público infanto-juvenil, o tradutor precisará adotar

algumas estratégias domesticadoras para evitar, por exemplo, que possíveis dificuldades de leitura desviem o leitor do texto. E o terceiro fator diz respeito ao meio de divulgação da tradução, que, como sabemos, exerce uma influência direta nas estratégias adotadas pelo tradutor, visto que ele é submetido a um conjunto específico de regras postuladas por quem o contrata.

O teórico Paulo Rónai, a partir de uma vasta experiência como tradutor, sustenta a postura de que “a tradução aprende-se traduzindo” (RÓNAI, 1981, p. 110) e embora ressalte a importância do contexto na realização de qualquer tradução, não deixa de alguma forma, de prescrever o que o tradutor deve fazer, especialmente quando resume as três qualidades que este supostamente deveria apresentar: conhecimento profundo da sua língua materna, conhecimento suficiente da língua estrangeira para, pelo menos, desconfiar de “cada vez que a compreensão insuficiente de uma palavra ou de um trecho obscurece o sentido do conjunto” (RÓNAI, 1981, p. 28) e, por fim, “bom senso”, a fim de que o tradutor esteja sempre ciente de que o texto de partida “tem um sentido no original” e que, muitas vezes, a solução encontrada para a tradução “não corresponde ao espírito da língua-alvo” (RÓNAI, 1981, p. 29). A preceituação de Rónai renova, ainda que não intencionalmente, a postura de que traduzir se resume a portar atributos especiais para compreensão de um sentido já presente no texto original e, portanto, indiferente a qualquer variação interpretativa. Sua concepção do ofício é exemplar de um tradutor que, embora reconheça seu espaço criador na obra traduzida, vê a interferência como inapropriada, uma vez que o original já teria um sentido pronto a ser respeitado e recuperado.

4.1 ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO

Berman (2013) já chegou causando mal-entendidos no seminário que aconteceu no Collège International de Philosophie, em Paris, em 1984, quando usou a expressão “tradução literal”. Para sua audiência, a expressão significava “palavra por palavra”, prática não concebida para os tradutores mais influentes da época. A raiz do problema existe até os dias atuais por conta da confusão entre palavra e letra. Para Berman, a tradução literal está baseada

na tradução da letra de um texto, ou seja, não somente forma, mas carregada de sentido. Entretanto, uma grande parte dos tradutores considera a tradução como a busca de equivalentes, a limpeza do texto e o distanciamento ao que possa parecer estranho na língua estrangeira, ou seja, a prática da tradução etnocêntrica – trazer tudo a sua própria cultura. Berman (2013) ainda ressalta a tradução hipertextual que programa mudanças para o que é doméstico indo além dos limites colocados pelo texto de partida. O autor ainda enfatiza uma terceira tradução: a platônica, que dissocia o sentido da letra. Assim, o autor dá uma tripla dimensão ao ato tradutório: etnocêntrico, hipertextual e platônico.

Em *A Tradução e a Letra* ou *O Albergue do Longínquo*, Berman (2013) estabelece as seguintes distinções para as traduções normativas mais praticadas: a etnocêntrica é a tradução naturalizante, que traz tudo à própria cultura, apagando o Estrangeiro, o Outro; a hipertextual é a tradução que remete a textos anteriores, seja por imitação, pastiche, paródia, dentre outras formas; a última é a platônica, que separa a letra e o sentido, traduzindo este último (espírito) em detrimento do primeiro (matéria). A separação platônica é o “famoso corte entre o ‘sensível’ e o ‘inteligível’, o ‘corpo’ e a ‘alma’; corte que se encontra em São Paulo com a oposição entre o ‘espírito’ que ‘vivifica’ e a ‘letra’ que ‘mata’” (BERMAN, 2013, p. 43). Em respectiva contraposição a esses três tipos de tradução, o teórico francês distingue: a tradução ética, que respeita a letra do texto; a poética, que é criativa e considera a materialidade da palavra; e a pensante, que reflete sobre o texto como letra.

Para Berman (2013) tradução é experiência, das obras e do ser obra; das línguas e do ser língua. Experiência ao mesmo tempo dela mesma, da sua essência, como sujeito e objeto de um ser próprio. Cada obra tem uma sistematicidade própria que a tradução enfrenta e revela. Por isso, a tradução de obras literárias não requer método, apenas sistematicidade, que não pode ser confundida com prescrição. O sistema da obra implica em uma tentativa de ver o todo da obra. O tradutor tem que se colocar em análise e enfrentar esse sistema. Os sistemas das obras não são fixos, eles se alteram e evoluem.

Quanto ao “outro”, é preciso reconhecê-lo e recebê-lo enquanto “outro”. A abertura ao outro é como se colocar à prova,

ou seja, olhar a tradução como embate e enfrentamento. Da mesma forma que a literatura é um “espaço de lutas”, a tradução segue nesse mesmo espaço.

Em A prova do Estrangeiro, Berman (2002) coloca o tradutor neste drama, segundo Rosensweig, sobre qual dos dois senhores servir: a língua de partida ou de chegada? Há sempre uma condição subalterna da tradução que carrega a culpa da “fidelidade”, “do bem traduzir”. Berman tenta desvincular a tradução dessas amarras. É preciso equilibrar o que chamamos de tradução estrangeirizadora e tradução domesticadora. Se estrangeirizarmos demais, o tradutor pode estar traindo os seus. Em contrapartida, se domesticar demais, também vai faltar com o autor da obra. Sempre traidor, ainda que queira ser fiel. Outra questão que precisa ser levada em consideração e quanto à sacralização de uma língua. Esse, talvez, seja um dos problemas mais críticos da tradução. Há também de se levar em conta que aquilo que é canônico em uma língua, pode não ser na outra. Toda cultura resiste à tradução, pois ao ser traduzido, se estranha. A própria visada da tradução se choca com a cultura etnocêntrica de qualquer língua.

Britto (2012) menciona que um texto possui diferentes possibilidades de leitura e que esta característica é um dos fatores que confere um maior ou menor grau de dificuldade à tradução de determinada obra. Além disso, o autor também destaca que um texto está inserido dentro de uma cultura. Ele é uma representação de um tempo, de um espaço e traz consigo marcas que permitem que ele seja classificado em um determinado lugar na história. A tarefa do tradutor é tanto procurar transpor para o texto de chegada elementos representativos da cultura a que pertence seu texto de partida quanto manter características que singularizam a produção textual daquele autor que ele está traduzindo. Estes fatores exigem do tradutor um bom conhecimento do autor e da obra com a qual está trabalhando e que tenha como meta inserir em sua tradução todas as marcas que singularizam seu texto de partida. Britto (2012) nos leva a considerar que: ainda que não seja possível transpor todas as marcas do texto de partida para o texto de chegada, é aconselhável que sejam estabelecidas classificações sobre o que deve ser recriado no texto de chegada; e mesmo que saibamos

que é impossível que a tradução contenha cem por cento das marcas do texto de partida, por questões que se pautam por exemplo na própria diferença entre as línguas, suas estruturas sintáticas, suas formas de significação, isso não quer dizer que o tradutor não deva ter como objetivo alcançar essa meta.

Ao elencarmos períodos históricos da tradução vamos perceber que são objetos de estudos, alguns mais concisos, outros mais complexos. Há aqueles que vão se apoiar na ideia de tradução como prática e outra vertente analisando a tradução como teoria. Steiner (2006) divide a teoria, prática e história da tradução em quatro períodos. O primeiro deles se inicia em Cícero (46 a.C.) dentro da filosofia de não se traduzir palavra por palavra, e vai até Hoderlin. É o período da prática, do foco empírico direto, no qual análises brotam do empreendimento do tradutor. Na sequência, como segundo período, vamos de Schleiermacher até Paul Valéry em 1946. Vemos em pauta a teoria e a investigação hermenêutica. Dá-se à tradução um aspecto filosófico e surgem relatos sobre a atividade do tradutor, nos textos, por exemplo, de Goethe, Schopenhauer, Valéry, Benjamin, entre outros. O terceiro período se inicia na década de 1940. Acontece a aplicação da teoria linguística e a estatística à tradução. É o início da tradução automática. O quarto período compreende a década de 1960 e persiste até os dias atuais. Revisita-se o texto de Benjamin, A tarefa do Tradutor. Há uma retomada da fase hermenêutica e filosófica. Steiner (2006) segue o humanismo e não apresenta uma teoria de tradução implícita e carrega como ideia principal de seu texto: "...o ato de leitura e compreensão é um ato de tradução..."

Entre os principais mitos da tradução podemos destacar o da "Torre de Babel" e o mito da septuaginta ou a bíblia dos setenta. Vemos nesses mitos a origem do elo existente entre a tradução e o sagrado. A tradução seria, então, a resposta à dispersão das línguas, e também uma forma de se reencontrar a unidade original dos seres humanos.

No decorrer da história da tradução podemos perceber que cada fase ou etapa, ou como queira denominar, é sempre cercada por uma série de críticas. As primeiras reflexões, marcadas pelo empirismo, se estruturam ao redor de oposições como: traduzibilidade e intraduzibilidade; letra e espírito; palavra e

sentido; fidelidade e traição; ciência e arte; sagrado e profano; autor e tradutor; original e cópia. A oposição entre a teoria e a prática percorre a história da tradução e continua dividindo, ainda hoje, os pesquisadores. Quando examinamos bem detalhadamente essa questão podemos perceber que há um predomínio das atividades práticas da tradução em contrapartida as suas considerações teóricas.

Muitas reflexões acerca dos processos tradutórios têm sido feitas ao longo da história. Há muitas metáforas para a tradução como um vaso quebrado, o fogo e as cinzas, e a comparação da tradução a um quebra-cabeça, ou seja, desmontar e remontar a obra de outro. Mexer e interferir em algo que não nos pertence. Estar sempre às margens da frustração à medida que se traduz. Por outro lado, as pessoas dependem de traduções, o que torna a tarefa indispensável. Rónai (2012) aponta que não são as palavras intraduzíveis o maior desafio do tradutor, mas as traduzíveis, pois escondem armadilhas que podem ser cruciais no trabalho tradutório. O autor também cita que deve haver um equilíbrio de fidelidade entre a língua de partida e a língua de chegada. Pode ser que a palavra-chave na tradução seja mesmo essa: equilíbrio.

A história da tradução se estende por séculos e podemos algumas vezes nos deparar com conceitos irrealis que não se encaixam com perfeição e que geralmente são formados por teorias contraditórias. A tradução então se divide entre o sagrado e o profano, a revelação e o sacrilégio.

No que tange à tradução das cartas, é um misto de sentimentos entre se apossar daquilo que foi destinado à outra pessoa e de interferir na mensagem através da tradução. A arte de traduzir, segundo Rónai (2012), consiste em saber quando se pode verter um texto e quando se devem procurar equivalências. De uma coisa podemos ter certeza, a teoria da tradução não acompanha a prática. Assim, estará sempre em defasagem.

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente certo *saber*, um saber *sui generis*. A tradução não é nem

uma subliteratura (como acreditava-se no século XVI), nem uma subcrítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma linguística ou uma poética aplicadas (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio. Mas a tradução (quase) nunca considerou sua experiência como uma palavra inteira e autônoma, como o fez (ao menos desde o Romantismo) a literatura. (BERMAN, 2013, p. 23)

Venuti (1995) aponta para o interesse de alguns por uma leitura fluente, que não interrompa o leitor, dando ênfase a textos que apagam a intervenção do tradutor, omitindo sua mediação, o que inibe o reconhecimento do processo intelectual pelo qual a tradução passa. Venuti considera que a tradução etnocêntrica é inevitável e se faz presente na cultura contemporânea, porém o tradutor deve estar visível ao apresentar o Outro e seu modo de significar. Assim, a tradução deve permitir que o Outro apareça enquanto estrangeiro, não de forma domesticadora.

Há diversas metáforas que acabam por descrever a tradução como prática artificial, ou seja, que encobre o texto original, tornando-a uma tarefa incompleta e inacabada: “Uma música composta para um instrumento não é executada com sucesso num instrumento de outro gênero” (STAËL apud BERMAN, 2013, p. 58) e “Eu o comparo ao estribeiro que pretende fazer executar ao seu cavalo movimentos que não lhe são naturais” (GIDE apud BERMAN, 2013, p. 58). Para uma visão que enfatize aspectos mais positivos da prática da tradução é necessário transpor os conceitos tradicionais e as teorias atuais (BERMAN, 2013).

4.2 COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

Os comentários e reflexões a seguir visam justificar minhas escolhas no processo tradutório das cartas escritas por Edward Lear. À medida que as dificuldades e as tomadas de decisão forem sendo explanadas, será possível perceber qual o estilo de Lear nas cartas. Uma característica muito pontual é o senso de humor do autor presente em quase todas as cartas.

Quanto ao corpus da tradução, foram 15 cartas traduzidas no total, 14 delas extraídas de Strachey (1907) e somente uma (carta 15) retirada de Strachey (1911). Segue abaixo um quadro com o destinatário, locais e datas das cartas traduzidas. A tradução está no capítulo 3 deste trabalho e para facilitar o cotejo está em tabelas divididas em duas colunas contemplando o texto de partida, em língua inglesa e o texto de chegada em língua portuguesa.

CARTA	DESTINATÁRIO/ REMETENTE	ORIGEM	DATA
1	Lear / Fortescue	Via Felice, Roma, Itália	16/10/1847
2	Lear / Fortescue	Corfú ¹⁷⁴ , Grécia	19/02/1856
3	Lear / Lady Waldegrave	Red House, Ardee, Irlanda	14/09/1857
4	Lear / Fortescue	Royal Hospital (Dublin), Irlanda	03/10/1857
5	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	06/12/1857
6	Lear / Lady Waldegrave	Damasco, Síria	27/05/1858
7	Lear / Fortescue	Via Condotti, Roma, Itália	1º/05/1859
8 ¹⁷⁵	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	04/11/1859
9	Lear / Fortescue	Hotel Bristol, Marseille, França	26/12/1859
10	Lear / Fortescue	Oatlands Park Hotel, Walton on Thames, Surrey, Inglaterra	30/09/1860
11	Lear / Fortescue	Palaeokastrizza, Corfú, Grécia ¹⁷⁶	20/04/1862

¹⁷⁴ Corfú ou Córira é uma ilha grega do Jônico, situada na costa da Albânia.

¹⁷⁵ Esta carta é um poema com métrica e rimas.

12	Lear / Fortescue	Hotel Imperial, Valeta, República de Malta	29/05/1862
13	Lear / Fortescue	Corfú, Grécia	11/01/1863
14	Lear / Fortescue	Stratford Place, Oxford Street, Londres, Inglaterra	06/09/1863
15	Lear / Lady Waldegrave	Darjeeling, Bengala Ocidental, Índia	02/01/1874

As notas de rodapé são um texto quase que a parte da tradução, digo quase, pois elas estão logicamente interligadas às traduções, porém trazem muitas informações que elucidam o cenário das cartas, as pessoas citadas, apelidos, parentescos, as palavras inventadas (nonsense), as trocas de letras, abreviações, expressões idiomáticas, traduções do grego, etc. No texto de partida, Lady Strachey acrescentou algumas notas de rodapés às cartas originais escritas por Lear, para que o leitor daquela época também pudesse se inteirar um pouco mais dos fatos.

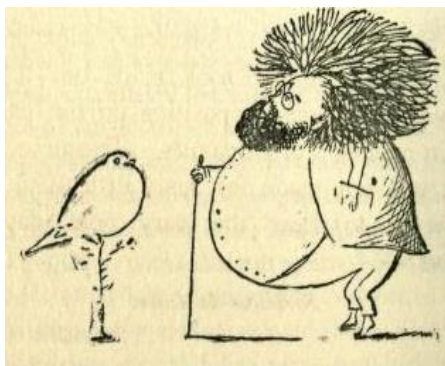
A tradução de frases em grego, ressaltando que algumas estavam traduzidas nas notas de Strachey, foi um desafio enorme. Primeiramente pelo fato de nunca ter traduzido nada desse idioma e em segundo por estar em grego antigo, o que aumentou ainda mais a dificuldade da pesquisa. Como o grego no texto era uma maca muito forte de ou que Lear estava na Grécia, muitas vezes em Corfu, ou que estava estudando a língua naquele momento, decidi manter o grego na tradução para o português, traduzindo-o em notas. Meschonnic (apud Berman, 2013, p. 78) estudou a rítmica textual e concluiu que o romance, a carta, o ensaio, não deixam de ser tão rítmicos quanto à poesia. “São inclusive, multiplicidade entrelaçada de ritmos.” A decisão de manter o grego foi baseada nisso, não perder o ritmo, uma vez que o grego representava um aspecto de sonoridade àquilo que estava sendo contado.

¹⁷⁶ Palaeokastrizza era um convento em Corfú. Lear esteve lá durante a Páscoa de 1862.

O humor satírico presente nas cartas foi outro elemento bastante preservado na tradução. Característica muito marcante de Lear, às vezes, até com um toque de crueldade quando se referia a uma pessoa, quase sempre estrangeira, e sua opinião vinha impregnada de prepotência e até mesmo preconceito. É nessas passagens das cartas que fica claro a visão de um típico cidadão inglês do século XIX, como podemos observar na tradução da carta 4 (p. 87):

Cheguei a Dublin em segurança, só um pouco descomposto, pois a única pessoa no vagão que entrei era uma mulher muito gorda, exatamente como a imagem da baleia de Jonas que eu costumava ver quando era criança na bíblia. Estava com muito medo que ela fosse me engolir e me sentei esperando um ataque repentino, até que a chegada do trem me aliviou da apreensão. (STRACHEY, 1907, p. 57-59)

Este desenho acompanhado da legenda também revela muito humor, na carta 15 (p. 138):



Aparência geral de um distinto pintor de paisagens em Malta - seu cabelo tendo sofrido um violento excesso de crescimento nos últimos tempos. (STRACHEY, 1907, p. 243-246)

Outra história muito divertida contada por Lear trata de uma velha senhora e um atendente na estação de trem na Escócia

que falam de forma bastante coloquial e Lear tenta reproduzir essas falhas e erros no texto da carta. A decisão para a tradução foi a de manter essas marcas, pois caso contrário, a história perderia a graça e a característica marcante de Lear, o olhar crítico e preponderante sobre o outro. Neste caso temos, por exemplo, o fato de que a fala de determinado personagem possui “marcas de oralidade” (BRITTO, 2012, p.87), estas marcas devem aparecer no texto de chegada, pois são elas que conferem verossimilhança a essa fala.

STORY.	HISTÓRIA
<p>Scene, Railway Station, North of Scotland.</p> <p>Persons: Old Scotchwoman and Railway Clerk.</p> <p>Old Woman. "A Tucket."</p> <p>Railway Clerk. "Whar till ?"</p> <p>O. W. (with more emphasis). " A Tucket!"</p> <p>R.C. (louder). "Whar till?"</p> <p>O.W. (fiercely). " A Tucket, I say !"</p> <p>R.C. (angrily). " Whar till then ? "</p> <p>O.W. " You are a nasty speering body ! What is't to you whar I am ganging to ? " (Train draws up party of Old Woman's friends out " Jeanie ! Jeanie ! You'll be too late : have you na got your tucket ? ")</p> <p>O.W. " Na ! and I winna tell the old fellow whar I am going ! What is it to him! "(Train goes on.)</p>	<p>Cenário: estação de trem no norte da Escócia.</p> <p>Personagens: uma velha escocesa e um atendente da estação.</p> <p>A Velha: “Um biete.”</p> <p>O Atendente: “Pronde?”</p> <p>A V. (com mais ênfase): “Um biete.”</p> <p>O A. (mais alto): “Pronde?”</p> <p>A V. (ferozmente): “Um biete. eu disse!”</p> <p>O A. (furiosamente): “Pronde então?”</p> <p>A V.: “Você é um ser exquisito! O que você tem que saber pronde eu vô?”</p> <p>(O trem se prepara, um grupo de amigos da velha a chamam: “Jeanie! Jeanie! Você vai se atrasar! Você nã pegou o biete?”)</p> <p>A V.: “Nã quéro dizer para este sujeito pronde eu vô! O que ele tem que ver com isso!” (O trem partiu.)</p>

(Carta 10, p. 127) (STRACHEY, 1902, p. 174-178)

Os termos nonsense que aparecem nas cartas foram os mais difíceis de traduzir e houve alguns casos em que não foram traduzidos. “A captação do sentido afirma sempre a primazia de uma língua.” (BERMAN, 2013, p. 45) Qual sentido, quando estamos tratando de nonsense? Como atribuí-lo à palavra que não quer ser atribuída de sentido? A decisão foi traduzi-la à medida que pelo contexto fosse possível imaginar ou arriscar algo que combinasse de alguma forma com o que estava sendo dito. Mostrarei alguns exemplos retirados das traduções:

➤ A palavra **growlygrumbleπαπος**, foi traduzida como resmunguices. Lear mistura inglês e grego. Traduzindo *παπος* do grego significa papo e as palavras *grow* e *grumble* significam resmungar, rosnar. (Carta 02, p. 76)(STRACHEY, 1907, p. 32-35)

➤ A palavra **squondangerlous**, traduzida como marasmolento. Termo inventado por Lear e tradução inventada também. Pelo contexto, podemos notar que se refere a algo monótono, chato ou sem graça. (Carta 04, p. 87) (STRACHEY, 1907, p. 57-59)

➤ **Boshblobberbosh** é o termo utilizado por Lear. Palavra nonsense, sem um significado específico, mas que poderia, dentro do contexto, ser traduzida como baboseira.(Carta 06, p. 106) (STRACHEY, 1907, p. 97-110)

➤ Na carta escrita em versos, é possível notar que Lear cria uma palavra sonora para rimar o quarto verso com o segundo que termina em “*say so*”. Como não traduzi a carta em versos, optei por não traduzir este termo, mesmo porque não há atribuição de significado pelo contexto. (Carta 08, p. 116) (STRACHEY, 1907, p. 155-156)

But if you are not coming now Just write a line to say so And I shall still consider how Ajoskyboskybayso	Mas se você não está vindo agora Basta escrever uma linha para dizer E ainda considerarei AjoSkyboskybayso.
--	---

➤ A palavra **scribblebible**, inventada por Lear, é um termo nonsense. Scribble pode ser traduzido como rabisco. O restante é uma criação sonora da palavra. Houve uma tentativa de recriar algo parecido na tradução: "I shall write a scribblebible from here,..." "Vou escrever uns **rabibiscos** a partir daqui..." (Carta 09, p. 118) (STRACHEY, 1907, p. 157-161)

➤ **clipfombious** e **ompsiquillious** foram duas palavras nonsense que aparecem em uma das cartas e fica evidente que não tem por objetivo dar um sentido à frase, por isso, não foram traduzidas. (Carta 13, p. 143) STRACHEY, 1907, p. 262-267)

Outra característica bem curiosa que Lear apresenta nas cartas é escrever a palavra com o som que ela produz e não grafada corretamente. Por exemplo:

➤ Na carta de Lear, aparece a palavra "obskewerly" ao invés de "obscurely". (Carta 07, p. 112) (STRACHEY, 1907, p. 134-136)

➤ Lear usa a palavra "monx" ao invés de "monks", que significa 'monges'. (Carta 05, p. 69) (STRACHEY, 1907, p. 63-69)

➤ Na carta, esta frase aparece escrita de forma errada "There vos beds to spear" ao invés de "There was beds to spare" que significa 'havia camas de sobra' (Carta 04, p. 86) (STRACHEY, 1907, p. 57-59)

➤ Outras duas palavras: ao invés de "buzzing" ele escreve "buzzim" e no lugar de "future" ele usa "fewtcher". (Carta 12, p. 136) (STRACHEY, 1907, p. 243-246)

Em alguns casos, se percebe que Lear usa uma palavra errada para criticar o sotaque do local que está visitando, normalmente a Irlanda. Por exemplo, o fato de chamar Fortescue de "Mimmbri" mostra isso, pois, ao invés de chama-lo de Membro do Parlamento, cargo que Fortescue ocupava na Irlanda, Lear se divertia dizendo que os irlandeses o chamavam de 'mimmbri'. (Carta 04, p. 86) (STRACHEY, 1907, p. 57-59)

Há algumas expressões idiomáticas usadas na carta que tiveram que ser pesquisadas para que se atribuísse um sentido me língua portuguesa. É o caso de "pretty kettle of fishes" que literalmente significaria 'bela caldeira de peixes'. Mas, é usada para se referir a uma situação confusa, constrangedora ou incompreensível. Optei por traduzir como 'balaio de gatos' que

me pareceu ser uma boa opção para manter o sentido de algo confuso, embaralhado. (Carta 07, p. 112) (STRACHEY, 1907, p. 134-136). É importante perceber que tradutores têm elementos vivos e dinâmicos de trabalho – línguas, elemento carregado de crenças, de enorme bagagem cultural. O tradutor deve dirigir-se a um público diferente do público do texto de partida. Bassnett (2003) fala sobre expressões intraduzíveis e sobre a tradução de expressões idiomáticas que, assim como os trocadilhos, só tem sentido em certa cultura. “[...] como a língua é o sistema modelador primário dentro de uma cultura, a intraduzibilidade cultural tem que estar de fato implícita em qualquer processo tradutório” (BASSNETT, 2003, p. 56). Berman (2013) também fala sobre os provérbios, que de alguma forma se aproximam das expressões idiomáticas, e da dificuldade ao decidir como traduzi-los.

Desta forma, frente a um provérbio estrangeiro, o tradutor encontra-se numa encruzilhada: ou busca seu suposto equivalente, ou traduz “literalmente”, “palavra por palavra”. No entanto, traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir “palavra por palavra” é preciso traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliteraões, etc. (BERMAN, 2013, p. 20)

Para Rónai (1981, p. 31):

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade de um grande espírito. Ela nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhes as intenções mais veladas.

A visão do estrangeiro que Lear tinha e que deixa perpassar nitidamente nas cartas, também é um aspecto bastante interessante para analisar. É raro não ter pelo menos uma observação bastante crítica do que ele presenciava, ora sobre características físicas e de personalidade das pessoas que conhecia, ora sobre as instalações dos lugares onde se hospedava e até mesmo sobre fatores geográficos do lugar. Segue alguns exemplos:

A viagem a Marsala não compensa e a única quebra da extrema monotonia da vida e da paisagem foi um cachorrinho mordendo a minha panturrilha enquanto eu caminhava num vinhedo. Nas cavernas de Ipeica nos tornamos conhecidos de uma família de troglössapos, eram boas criaturas, a maioria sentada em seus pernis, e alimentando-se de alface e mel. (Carta 01, p. 73) (STRACHEY, 1907, p. 2-5)

A palavra ‘troglössapos’ foi a decisão encontrada para traduzir ‘frolodytes’, palavra inventada por Lear que pode ser considerada como uma junção entre as palavras sapo (frog) e troglodita (troglodyte).

No trecho abaixo, mais uma vez a implicância com os irlandeses, especialmente em relação ao modo de se comunicarem.

Os irlandeses são pessoas engraçadas e no momento em que se pisa aqui fica evidente que a Inglaterra e Irlanda são países muito diferentes em muitos aspectos. Entre formas estranhas de falar, as pessoas comuns nunca dizem sim ou não; por exemplo: É hora de ir? "Não é, Senhor" ou "É, Senhor" Você já limpou minhas botas? "Limpei, Senhor" ou "Não limpei, Senhor". (Carta 03, p. 80) (STRACHEY, 1907, p. 51-55)

Antes de ser tradutor, é preciso desempenhar um papel de leitor e, através de uma estreita relação com o texto, apresentar suas interpretações particulares. Suas interpretações, não necessariamente, condizem com as intenções do autor. Ainda que o tradutor estabelecesse como meta recuperar todas as intenções autorais e todos os sentidos do trabalho original, integralmente, somente conseguiria escrever aquilo que ele considera como sendo as intenções do autor e os significados originais. O tradutor se baseia em seu filtro pessoal, em sua visão de mundo ou interpretação, que não é totalmente sua, pois esta mantém uma estreita ligação com o seu contexto sócio histórico. O foco interpretativo é transferido do texto, como depósito da intenção do autor, para o tradutor. Para Arrojo (2000, p. 41) isso significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções. Ela acrescenta dizendo que a tradução não representa uma técnica de simples transferência de sentidos de uma língua para a outra, mas um processo de criação de novos significados. Derivado do pensamento perspectivista e filiado também ao desconstrutivismo, seu trabalho defende a valorização do tradutor como um criador de sentidos não oferecidos pelo texto de partida, mas concretizados por meio de uma relação entre texto e leitor. Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos (ARROJO, 2000, p. 44).

Como já foi dito anteriormente, a tradução de cartas implica em alguns critérios que precisam ser levados em consideração, como o fato de se tratar de um texto que a priori não foi escrito com a intenção de ser publicado. O conteúdo de uma carta normalmente tem um objetivo muito específico de informar alguma coisa a alguém e, motivada por esse pensamento, tentei permanecer muito fiel ao texto de partida, à língua de partida, assim como também à cultura de partida, a fim de, em nenhum momento, mudar, interferir ou acrescentar

naquilo que Lear tentou dizer, de tal maneira que, certamente, envolveu e continuará a envolver o seu leitor.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação procuramos colocar em destaque a figura do pintor, escritor, poeta e pintor Edward Lear especialmente através das cartas que escreveu ao longo de sua vida, contudo, sem deixar de lado a importância do autor dentro da literatura nonsense. Como pudemos ver no decorrer do trabalho, Lear começou muito cedo a desenhar plantas e animais e em seguida a escrever os limeriques publicados em *Um Livro de Nonsense*. Podemos observar com frequência que o Lear pintor e escritor de nonsense está refletido nas cartas, fazendo com que elas e sua obra se interliguem e se comuniquem uma com a outra o tempo todo. A opinião marcante e crítica do autor revelada nas cartas vêm somar à figura já estabelecida do escritor. Impregnado com características provindas da Inglaterra vitoriana, revelou ser um cidadão inglês capaz de se alegrar imensamente por ter conseguido esboçar o Kanchenjunga no Himalaia, mas também capaz de ficar extremamente irritado com a vizinha do andar de cima em Corfu, que tocava piano pessimamente.

Dentre 127 cartas editadas por Lady Strachey em 1907, quinze foram escolhidas para esta tradução. Ainda há muita informação contida na totalidade dessas cartas. Porém, acreditamos que a presente pesquisa seja um incentivo para a tradução das demais, observando, como já mencionado anteriormente, que elas ainda não foram traduzidas para o português. As opiniões que vão sendo desveladas, o humor satírico, os assuntos polêmicos, as crenças, os valores morais, a personalidade e a visão em relação ao outro não se furtam em moldar a identidade do autor. Tendo a carta esta característica de não ser escrita a princípio para a publicação, fazem com que as entrelinhas do texto revelem aspectos que possivelmente a sua obra demore mais a revelar. A contextualização, entretanto, se faz necessária, à medida que não há uma preocupação de quem escreve uma carta de revelar a um público mais generalizado explicações sobre fatos, pessoas, lugares, pois se presume que quem irá lê-la possua as informações pertinentes para uma leitura inteligível.

Quanto ao processo tradutório, a maior preocupação foi manter o léxico, a fim de não modificar ou deturpar nenhuma

possível informação transmitida por Lear, associada à preocupação de trazer o leitor para dentro do texto facilitando sua compreensão dos fatos descritos. As notas de rodapé foram de extrema validade para que isso se tornasse possível. Alguns estudos e teóricos serviram de orientação em todo o processo, porém Berman mostrou-se bastante útil na reflexão inerente às escolhas tradutórias e na atenção sempre presente na rescrita dos textos, aqui neste caso, em português. No que concerne ao gênero traduzido, é exigido do tradutor um distanciamento em relação ao autor e as emoções reveladas. Diria que depois da leitura de uma dezena de cartas, o tradutor pode ter a sensação de que já é capaz de presumir o que o remetente está tentando dizer, porém, essa pode ser uma falsa sensação, principalmente no que tange a Lear e seu inconstante estado de espírito. Conforme revelado em sua biografia no início desta pesquisa, o autor sofria de depressão, fato que pode ser identificado nas cartas. Entre uma informação e outra, podemos perceber em quais momentos a doença o perturba mais. A leitura de outros textos do autor é fundamental para a criação da intimidade com suas cartas e com seu tom de voz.

Lear se mostra tradutor nas cartas e o fato de estudar grego e viajar para Corfu, na Grécia, faz com que ele escreva palavras e até frases em grego nas cartas no meio do texto em inglês. Nas cartas, ele revela estar traduzindo poemas de Tennyson do inglês para o grego e Platão do grego para o inglês. Com frequência, as perspectivas do Lear leitor aparecem nas cartas, indicando, desta forma, o que ele lia o que lhe agradava e que lhe era irrelevante. Como escritor de literatura nonsense, não faltam em suas cartas palavras inventadas sem qualquer sentido usadas no meio do texto. As ilustrações feitas por ele em algumas cartas também merecem ser apreciadas. Elas dão às cartas uma incrível possibilidade de se colocar dentro do cenário do texto.

Os desafios tradutórios mais frequentes foram em relação às palavras nonsense, aos neologismos, às palavras escritas como se leem sem foco na ortografia e às expressões idiomáticas. Porém, o maior desafio de todos foi a contextualização geográfica dos lugares de onde Lear escrevia, primeiramente, por ele se movimentar muito e quase não parar em lugar nenhum, e depois a contextualização histórica do período vivida naquela época, pois ele faz críticas e observações tanto políticas quanto sociais que

podem parecer sem fundamento se não compreendidas. A identificação das pessoas citadas nas cartas também foi um processo que demandou dificuldades, pois não há qualquer citação prévia de quem fossem tais pessoas e qual a sua ligação com Lear. Até mesmo a Lady Strachey, que foi a responsável pela publicação das cartas, desperta curiosidades sobre sua identidade. A maioria dos relatos a traz como sobrinha de Chichester Fortescue, porém, somente depois de muita busca, foi possível descobrir que ela era sobrinha, de fato, da Lady Waldegrave, que posteriormente se casou com Fortescue.

Esperamos que este trabalho de pesquisa possa ter contribuído para mais elucidação sobre este escritor e pintor tão intrigante, considerado um dos pais do nonsense, assim como possa servir como mais um trabalho de tradução que suscite a reflexão sobre algumas de suas teorias e também de sua prática, revelando ter sido, de fato, um prazer conhecer o Sr. Lear!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Dirce Waltrick. Viagem numa peneira: poesia e prosa. São Paulo: Iluminuras, 2011.

AMARANTE, Dirce Waltrick. As antenas do caracol: ensaios sobre literatura infanto-juvenil. São Paulo: Iluminuras, 2012.

ARROJO, R. Oficina de tradução. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000.

AUDEN, W.H. Collected Shorter Poems 1927-1957. London: Faber and Faber, 1966.

ÁVILA, Myriam. Rima e Solução: A Poesia Nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear. São Paulo: Annablume, 1996

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASSNETT, Susan. Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. In Clássicos da teoria da tradução. p.203 a 231. / Werner Heidermann, org. – 2. ed. – Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro. Bauru: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tubarão: Copiart/Florianópolis: PGET, 2013. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini.

BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa

para os estudos literários e históricos. *Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 61-74, 2010.

BLOG of bosh – Edward Lear and Nonsense Literature. Disponível em <https://nonsenselit.wordpress.com>. Acessado em 25 de abril de 2015.

BRITTO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

CHARLOT, Monica; MARX, Roland (orgs.). *Londres, 1851-1901. A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DAVIS, Philip. *The Victorians*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fontes. São Paulo: Perspectiva, 2003.

EDWARD Lear : The Poetry Foundation. Disponível em: <http://www.poetryfoundation.org> › Poems & Poets. Acessado em 10 de abril de 2015.

EDWARD Lear Collection. Disponível em: <http://edwardlearcollection.blogspot.com>. Acessado em 18 de abril de 2015.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Batella (Orgs.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAY, Peter. *Modernismo: o fascínio da heresia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HARK, Ina Rae. *Edward Lear*. Boston: Twayne Publishers, 1982.

HEYMAN, Michael Benjamin (1999) *Isles of Boshen : Edward Lear's literary nonsense in context*. PhD thesis. Disponível em:

<http://theses.gla.ac.uk/2822/1/1999heymanphd.pdf>. Acessado em 20 de abril de 2015.

KELEN, Emery. *Mr. Nonsense A Life of Edward Lear*. Nashville: Thomas Nelson Inc., 1973.

LEAR, Edward. *Illustrated Excursions in Italy*. London: Thomas M'Lean, 1846.

LEAR, Edward. *Illustrations of the Family of the Psittacidae, or Parrots*. London: R. Ackermann e E. Lear, 1832. Disponível em: <http://www.nonsenselit.org>. Acessado em 22 de janeiro de 2015.

LEAR, Edward. *Lear's diaries, 1858-1888*. Houghton Library, Harvard University, Cambridge, Mass. Disponível em: <http://pds.lib.harvard.edu/pds/view/44446334>. Acessado em 15 de janeiro de 2015.

LEAR, Edward. *The Complete Nonsense Book*. Edited by Lady Strachey. London: T. Fisher Unwin, 1912.

LECERCLE, Jean-Jacques. *Philosophy of Nonsense*. Nova York: Routledge, 1994.

LEJEUNE, Philippe. *A quem pertence uma carta? In:_____ . O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEFEVERE, André. *Translation History Culture: a sourcebook*. London: Routledge, 1992.

LEVI, Peter. *Edward Lear: A life*. New York: Tauris Park Paperbacks, 2013.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. *A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII*. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAES, Marcos Antônio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, 2007.

NOAKES, Vivien. *Edward Lear – Selected Letters*. Nova York: Oxford University Press, 1990.

NOAKES, Vivien. *EDWARD LEAR – the life of a wanderer*. Glasgow: William Collins Sons & Co Ltd, 1979.

QUEEN Victoria. Disponível em <http://www.biography.com/people/queen-victoria-9518355>. Acessado em 12 de março de 2015.

RALEIGH, Walter. *On Writing and Writers*. London: Edward Arnold & Co., 1926.

REYNOLDS, E.E.; Brasher, N.H. *Britain in the Twentieth Century, 1900–1964*. UK: Cambridge University Press, 1966.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SAINTSBURY, George. *A Letter Book – selected with an introduction on the history and art of letterwriting*. New York: London G. Bell, 1922.

SANTIAGO, Silvano. *Suas cartas, nossas cartas*. In: _____. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução”. In *Clássicos da teoria da tradução*. p.39 a 101. / Werner Heidermann, org. – 2. ed. – Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

SEAMAN, L.C.B. *Victorian England: Aspects of English and Imperial History 1837-1901*. Londres: Routledge, 1995.

STEINER, George – *Depois de Babel*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Editora da Universidade Federal do Paraná, 2006.

STEWART, Susan. *Nonsense*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1989.

STRACHEY, Lady (org.). *Later Letters of Edward Lear*. London: T. Fisher Unwin, 1911.

STRACHEY, Lady (org.). *Letters of Edward Lear*. London: T. Fisher Unwin, 1907.

THE PROJECT Gutenberg eBook, *Nonsense Books*, by Edward Lear Disponível em :
<http://www.gutenberg.org/files/13650/13650-h/13650-h.htm>.
 Acessado em 20 de março de 2015.

THE VICTORIAN age – Period Introduction Overview – The Victorian Age, 1830-1901. Disponível em:
<http://www.wwnorton.com/college/english/nael9/section/volE/overview.aspx> Acessado em 25 de abril de 2015.

TIGGES, Wim (org.). *Explorations in the Field of Nonsense*. Amsterdã: Rodopi, 1987.

TIGGES, Wim. *An Anatomy of Literary Nonsense*. Amsterdã: Rodopi, 1988.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

VICTORIAN Britain. Disponível em:
<http://www.suu.edu/faculty/ping/pdf/VictorianBritain.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2014.

ANEXO I**"HOW PLEASANT TO KNOW MR.LEAR!"**

(Edward Lear)

"How pleasant to know Mr.Lear!"
 Who has written such volumes of stuff!
 Some think him ill-tempered and queer,
 But a few think him pleasant enough.

His mind is concrete and fastidious,
 His nose is remarkably big;
 His visage is more or less hideous,
 His beard it resembles a wig.

He has ears, and two eyes, and ten fingers,
 Leastways if you reckon two thumbs;
 Long ago he was one of the singers,
 But now he is one of the dumbs.

He sits in a beautiful parlour,
 With hundreds of books on the wall;
 He drinks a great deal of Marsala,
 But never gets tipsy at all.

He has many friends, lay men and clerical,
 Old Foss is the name of his cat;
 His body is perfectly spherical,
 He weareth a runcible hat.

When he walks in waterproof white,
 The children run after him so!
 Calling out, "He's gone out in his night-
 Gown, that crazy old Englishman, oh!"

He weeps by the side of the ocean,
 He weeps on the top of the hill;

He purchases pancakes and lotion,
And chocolate shrimps from the mill.

He reads, but he cannot speak, Spanish,
He cannot abide ginger beer:
Ere the days of his pilgrimage vanish,
How pleasant to know Mr. Lear!

Fonte: LEAR, Edward. The Complete Nonsense Book. Edited by Lady Strachey. London: T. Fisher Unwin, 1912.

ANEXO II**SEU LEAR, CONHECÊ-LO É UM PRAZER**

(Tradução de Dirce Waltrick do Amarante)

“Seu Lear! Conhecê-lo é um prazer!”
Quantos livros tolos tem escrito!
Para uns poucos ele é alegre a valer,
Para outros é só um grande esquisito

Sua mente é objetiva e meticulosa;
E seu nariz incrivelmente crescido;
Sua cara é mais ou menos horrorosa; -
E sua barba lembra um chinó comprido

Tem orelhas, dois olhos e dez dedos, -
(Se os polegares forem contados;)
A muito cantava como os gregos,
Mas agora é só um dos calados.

Senta-se numa ampla sala,
E de muitos livros é rodeado;
Bebe uma boa dose de Marsala,
Mas nunca está embriagado.

Leigos e clérigos, de todos é amigo;
De “Velho Foss”, seu gato é chamado;
Um chapéu esgolfeado carrega consigo; -
Num corpo bem arredondado.

Quando veste seu impermeável verde-limão
As crianças o perseguem por todo lado!
Gritando: - “Ele saiu com seu camisolão,
Ó, velho inglês desmiolado!”

Ele chora junto ao mar,
E também no topo da colina;

Compra panquecas e creme de barbear,
E camarões de cacau na esquina.

Entende, mas não fala português,
Refrescos não suporta beber. –
Antes que suma de vez; -
“ Seu Lear! Conhecê-lo é um prazer!”

Fonte: AMARANTE, Dirce Waltrick. Viagem numa peneira: poesia e prosa. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ANEXO III

TO EDWARD LEAR, ON HIS TRAVELS IN GREECE

(Alfred Tennyson)

Illyrian woodlands, echoing falls
 Of water, sheets of summer glass,
 The long divine Peneian pass,
 The vast Akrokeraunian walls,

Tomohrit, Athos, all things fair,
 With such a pencil, such a pen,
 You shadow forth to distant men,
 I read and felt that I was there:

And trust me while I turn'd the page,
 And track'd you still on classic ground,
 I grew in gladness till I found
 My spirits in the golden age.

For me the torrent ever pour'd
 And glisten'd -- here and there alone
 The broad-limb'd gods at random thrown
 By fountain urns; -- and Naiads oar'd

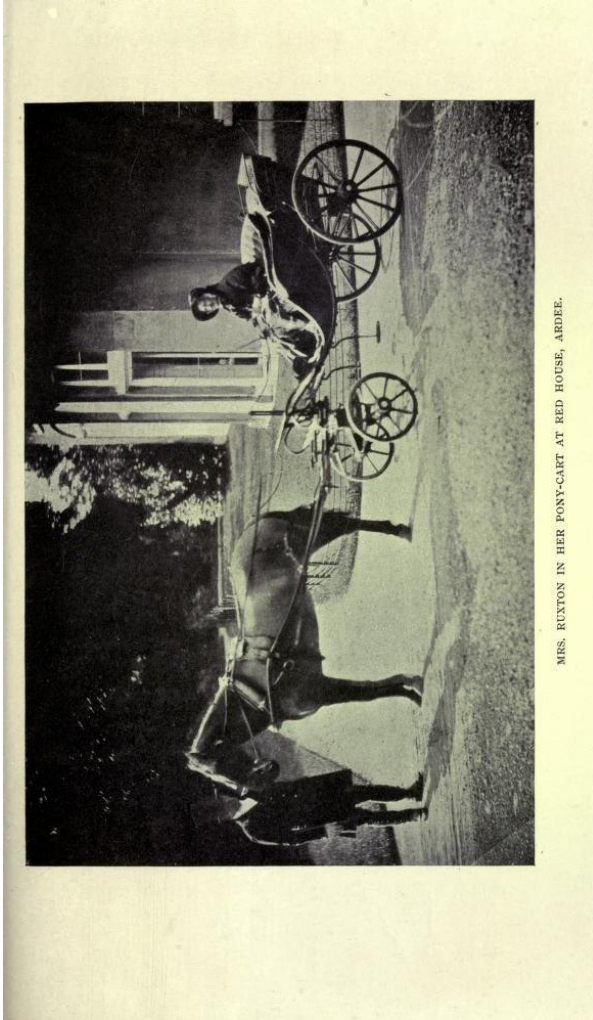
A glimmering shoulder under gloom
 Of cavern pillars; on the swell
 The silver lily heaved and fell;
 And many a slope was rich in bloom

From him that on the mountain lea
 By dancing rivulets fed his flocks,
 To him who sat upon the rocks,
 And fluted to the morning sea.

Fonte: STRACHEY, Lady (org.). Later Letters of Edward Lear.
 London: T. Fisher Unwin, 1911.

ANEXO IV

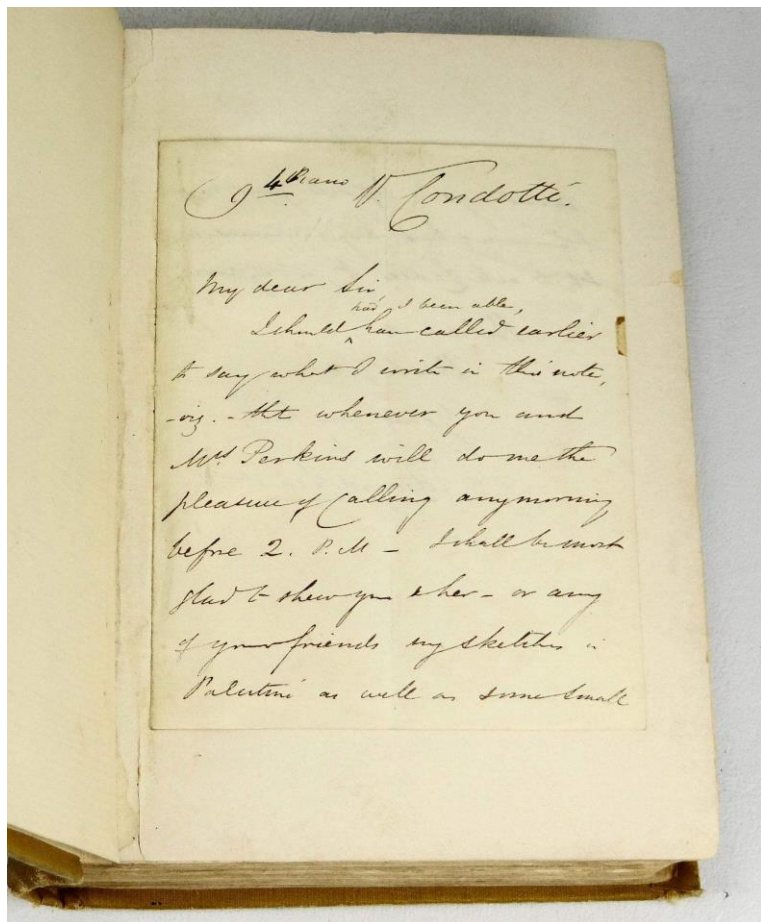
Sra. Ruxton, mãe de criação de Chichester Fortescue. Lear fala dela e do fato de conduzir aos 85 anos uma pequena carruagem. (Carta 04, p.82) (STRACHEY, 1907, p. 51-55)

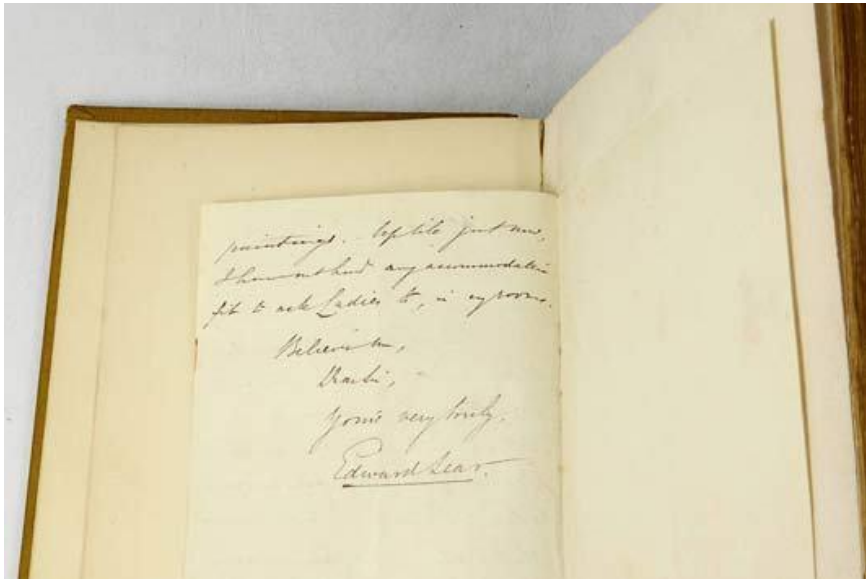


Fonte: STRACHEY, Lady (org.). Later Letters of Edward Lear. London: T. Fisher Unwin, 1911, p. 213.

ANEXO V

É um convite ao Sr. e Sra C. Perkins para ir e ver desenhos da Palestina feitos por Lear. Ela foi escrita no inverno 1858-1859.





Conteúdo da carta:

9⁴ Piano V. Condotti.

My dear Sir,

I should ^[had I been able] have called earlier to say what I write in this note, – viz. – that whenever you and Mrs. Perkins will do me the pleasure of calling any morning before 2. P.M. – I shall be most glad to shew you & her – or any of your friends my sketches in Palestine as well as some small paintings. Up till just now, I have not had any accomodation fit to ask Ladies to, in my rooms.

Believe me,

Dear Sir,

Your's very truly,

Edward Lear.

Fonte: Disponível em: <https://nonsenselit.wordpress.com/2014/05/15/margraz-7/> Acessado em 02 de maio de 2015.